SHOWBIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Editora Abril

COURTNEY LOVE
A viúva de Kurt Cobain surpreende o mundo com CD pop

Discurso radical do **RAP** se espalha por todo o Brasil

Pôster
SMASHING PUMPKINS

MADONNA AOS 40
A estrela comemora e quer mais filhos, filmes e discos ousados

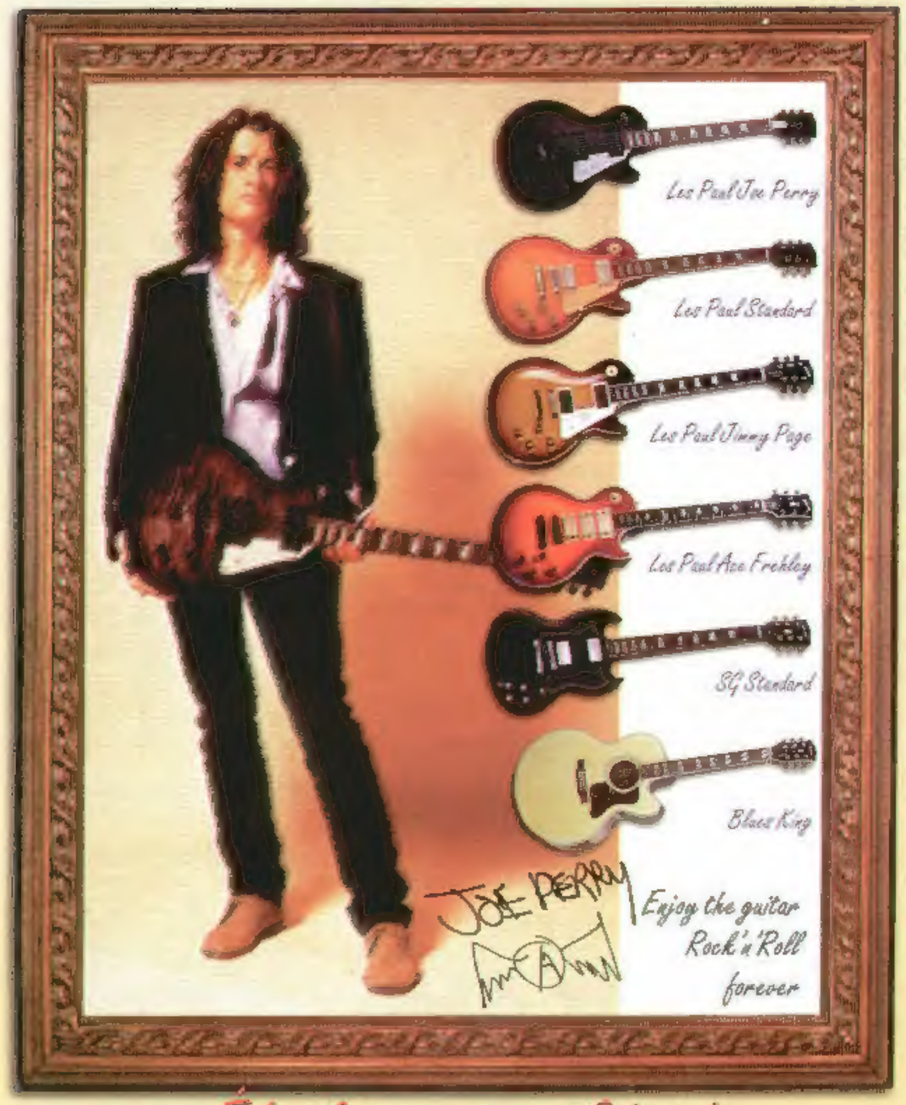
Nova geração abraça a música brasileira de raiz e cai no **FORRÓ** autêntico

AO VIVO

PRODIGY o show que vem aí
SEPULTURA a estréia sem Max
OZZY metal como nos anos 80

5561/1
ANO 14 / Nº 8
AGOSTO-1998

Criticado pela nova imagem, **METALLICA** garante: "Não mudamos nosso som"



É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

MADE IN BRAZIL
TEL.:(011) 3081-3131

BIG FAT MUSIC-6
TEL.:(021) 236-7168 236-3280

CASA BEVILÁCQUA
TEL.:(011) 3064-1109 240-6418

WOK
TEL.:(013) 225-4660

P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
RUA TEODORO SAMPAIO, 770
TEL.:(011) 3061-0404
P.A. ABC - R. Alvarez de Azevedo, 155
Centro - Santo André - SP
TEL.:(011) 444-5877

No mundo efêmero da música pop, sempre empenhado em vender adolescência eterna, ter 40 anos e assumi-los pode ser um crime imperdoável – especialmente se o artista é a artista. Em se tratando de Madonna, porém, não poderia ser diferente. Há quinze anos, ela desafia normas de comportamento e se equilibra no topo. Agora, mantém a tradição de quebrar tabus e vencer preconceitos chegando a essa perigosa idade não só com o cacife mercadológico inabalado, mas também com o prestígio artístico mais alto do que nunca. Em entrevista exclusiva, via e-mail, a estrela diz que se considera no auge, assume as quatro décadas de vida falando em amadurecimento e nas mudanças radicais de postura que vieram no processo, e avisa que ainda tem muito por realizar.

Madonna há quinze anos no topo do descartável mundo pop

Em mais uma entrevista exclusiva, Courtney Love e seus colegas do grupo Hole falam do disco pop que estão lançando, muito mais acessível e ensolarado do que seus trabalhos anteriores. Figura controversa, viúva do último grande mito do rock, Kurt Cobain (que se matou em 1994), Courtney quer que esqueçam seu passado e persegue o sucesso junto a um público maior. Goste-se ou não dela, sua história é boa.

Em outra reportagem de destaque nesta edição, Danilo Monteiro investiga o fenômeno que alguns chamam de *college* forró ("forró universitário", referência ao *college* rock americano), identificando uma revalorização da cultura brasileira e uma surpreendente conexão capixaba na importação dos ritmos nordestinos para São Paulo. Confira.

Pedro Só

Parada da Redação

Vários – Regatta Mondatta 2
Clássicos do Police regravados por bambas do reggae. Destaques: Toots Hibbert ("Canary In A Coalmine") e Bim Sherman ("Bring On The Night").

Paulo Diniz – Meus Momentos
Coletânea da EMI com o melhor do soulman brasileiro, incluindo sucessos dos anos 70, como "Pingos De Amor", "Um Chope Para Distrair" e "Quero Voltar Pra Bahia".

Blondie – The Platinum Collection
Coletânea dupla de um dos grandes grupos da new wave americana, na virada dos anos 70 para os 80. Irresistível rock afiado com doçura pop.

Fotos de capa: Warner (Madonna), Daniela Dacorso (Maré, do Farricoco)

Sumário

14 MADONNA AOS 40: A ESTRELA CONTINUA SUBINDO
Em entrevista exclusiva, ela revela que se considera no auge da carreira profissional

24 PÉ-DE-SERRA HYPE
Jovens de São Paulo e Rio valorizam a música de raiz brasileira e viram as noites dançando o forró autêntico

32 COURTNEY LOVE É POP
Feliz, a viúva de Kurt Cobain lança um disco ensolarado e quer que esqueçam seu conturbado passado

38 UM NOVO MITO
Disco póstumo marca início de culto a Jeff Buckley, cantor americano que se afogou há um ano no Rio Mississippi (EUA)

41 CALMARIA ENGAJADA
Mais suaves no som, Smashing Pumpkins se envolvem em atividades beneficentes

58 NACIONAIS MC's
O discurso contestador do rap se espalha pelo Brasil de norte a sul

SEMPRE EM SHOWBIZZ

4 CANAL BIZZ
Saudações a Cassiano; polêmica Racionais

8 BIZZES
Sepultura namora a cultura oriental; letras inéditas de Toni Bellotto e Arnaldo Antunes

46 PLAY
Skank, mundo livre s/a, Rancid, Brian Wilson, Slayer e Elisete Cardoso

64 TESTE
Você se lembra do New Order?

66 LETRAS TRADUZIDAS
"Time Of Your Life", sucesso do Green Day que fala sobre amadurecer

68 ONZZE PERGUNTAS
James Hetfield sossega os fãs do Metallica: "Não mudamos nada!"

72 AO VIVO
O show do Prodigy que está chegando ao Brasil; Ozzy Osbourne revive os anos 80 e os Titãs batem recorde de público em feira agropecuária

78 + BIZZES
Grandes encontros na trilha do desenho animado *South Park*

82 DISCOTECA BÁSICA
Selvagem?, o disco dos Paralamas que mudou o rock nacional

Canal Bizz

Esta é a sua área. Discorde, elogie, faça sugestões, perguntas e pedidos...
Manifeste-se. Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Graças por Cassiano

Comprei a SHOWBIZZ de julho logo que chegou nas bancas e li na rua mesmo, pois tinha ouvido que sairia uma matéria sobre o Cassiano. Parabenizo a revista e as pessoas envolvidas. Com meu sincero respeito ao sempre maravilhoso Tim, Cassiano é o rei do *soul made in Brazil*.
Raphael Herculano – São Paulo, SP

Gostaria de agradecer, em nome dos amantes da soul music brasileira, pela maravilhosa matéria com o gênio Cassiano. Sugiro entrevistas com outros do movimento Black Rio: Gerson King Combo, Dom Beto, Hyldon, Tony Bizarro...
Izzabê (cantor da banda Placa Luminosa) – São Paulo, SP

Cassiano, o talento à margem das gravadoras

Isabel Backer

carta do mês

Chega a ser um crime cultural deixar que um gênio como Cassiano passe sete anos sem gravar um único álbum. Isso sem falar em outros bambas, como Jards Macalé, Ednardo, Walter Franco. Quantos e quantos projetos desses compositores não estarão engavetados por falta de uma única oportunidade? Espero que essa belíssima e emocionante reportagem seja o ponto de partida de uma nova guinada na carreira do *soulman*, e que as gravadoras percebam que não são apenas os grupos de axé e pagode que vendem discos. Bem trabalhado e com produtores à altura de sua competência, um Cassiano pode tirar qualquer gravadora do vermelho.
Ednaldo de Lucena Jr. – Olinda, PE

Belo ponto de vista, Ednaldo. Uma boa notícia para você e para todos os fãs do Cassiano: Claudio Zoli (ex-Brylho, do sucesso "Noite Do Prazer") já gravou uma das inéditas dele, "Férias", em seu novo disco, que sai pelo selo Trama (dirigido por João Marcello Bôscoli) em breve.

A VOLTA POR CIMA DO ARTISTA CHAMADO PRINCE

Muita coisa já rolou desde que o cantor norte-americano Prince surgiu para revolucionar a música. Depois do lançamento do multiplatinado *Purple Rain*, ele se tornou famoso mundialmente. Álbuns simplesmente fantásticos vieram: *Parade*, *Sign O' The Times* e *Diamonds And Pearls*, para citar apenas alguns. No começo dos anos 90, ocorre uma grandiosa briga com sua gravadora, que cerceava sua liberdade de expressão. Alguns álbuns fracos foram lançados, com sobras de estúdio. Livre de seu contrato com a WEA, Prince lançou um álbum excelente, *Emancipation*, que provou o que nós quase tínhamos como certeza: os discos mais fracos lançados (todos após o início da briga) eram fracos propositadamente. Agora, Prince volta a ditar os caminhos para a música dita pop.
Gustavo Born de Oliveira – Curitiba, PR

Assim como Madonna (capa desta edição) e Michael Jackson, Prince, ou melhor, "o artista" ("the artist"), também é um novo membro do clube dos quarentões: nasceu em 7 de junho de 1958. Cada vez mais prolífico, ele colocou à venda pela Internet, em abril, um álbum quádruplo chamado The Crystal Ball, *e está com um novo disco de qualidade,* New Power Soul, *saindo no Brasil. Na próxima edição, publicaremos uma entrevista exclusiva com "o artista".*

PRÊMIO FOI POUCO

A primeira vez em que o Radiohead apareceu na SHOWBIZZ (então, apenas BIZZ), cinco anos atrás, o título do artigo era, no mínimo, impróprio: "Nirvaninha nas paradas". Anos passaram-se e o lançamento de *The Bends* (um clássico) passou quase despercebido pela revista, que se limitou a uma pequena resenha um pouco mais favorável que a de *Pablo Honey*. Ultimamente, com o lançamento da obra-prima *OK Computer* (o *Sgt. Pepper's* dos anos 90), a crítica em geral passou a endeusá-los. No entanto, a melhor banda da década não obteve ainda o espaço que merece na revista musical mais conceituada do país.
Eduardo Ribeiro – Salvador, BA

O Radiohead faturou as principais categorias internacionais do Prêmio BIZZ 97 na escolha da crítica (Melhor Disco e Melhor Banda). Publicamos uma entrevista com o baixista Colin Greenwood na ocasião, em fevereiro de 1998. E pretendemos continuar cobrindo o belo trabalho dessa banda inglesa.

POLÊMICA RACIONAL

Não sou um fã ardoroso dos Racionais MC's – sinceramente, conheço três ou quatro músicas dessa banda – mas somando essas com a reportagem da edição de junho, e acrescentando a demagogia de vários grupos, que dizem vir de baixo para depois cuspir no prato em que comeram, concluo que esse não é só o melhor grupo de rap, mas sim de música negra de nosso país. Os Racionais MC's são sinceros, sabem retratar com uma crueza sensacional a vida de quem vive na periferia. Fala aqui um playboy que respeita e admira demais esse quarteto.
Francisco Pullig – via e-mail

Lamentável a entrevista de Mano Brown, dos Racionais MC's *(edição 155)*. Suas letras pregam o preconceito e a discriminação. Vejam só o trecho publicado em SHOWBIZZ: "Hey Boy, o que você está fazendo aqui, meu bairro não é seu lugar e você pode se ferir". As declarações de KLJay – "A loirinha só procura a gente quando já rodou na mão dos boys" e "ver um mano com uma loira é algo que me faz chorar por dentro" – são outras pérolas da discriminação, por defender a segregação racial.
Christian Ordoque – Porto Alegre, RS

Não tenho nada contra o trabalho dos Racionais MC's, pois eles compõem muito bem, vendem milhares de discos, mas falar que "ver um mano com uma loira" é algo que os faz "chorar por dentro" é puro racismo! E se fosse um branco que dissesse que era um desgosto para ele ver alguém de sua cor com uma negra? Sou contra o racismo, por isso sou contra os Racionais!
Juliana Ipolito – Campo Grande, MS

Letras de Mano Brown provocam admiração e revolta

Rui Mendes

Os Racionais MC's estão ocupando uma lacuna que ficou depois que perdemos alguns dos maiores poetas brasileiros. Sempre comparo o grupo de Mano Brown a outro indispensável para quem gosta de um grande letrista: Legião Urbana. Há duas músicas que definem tudo o que quero dizer: "Tô Ouvindo Alguém Me Chamar", dos Racionais, e "Faroeste Caboclo", da Legião.
Otaides Moura – Goiânia, GO

Backstreet Boys: segundo a leitora Marcela Gamo, "abençoados"

Divulgação/Reprodução

BELOS ROSTOS

Parabenizo vocês pela matéria realista, muito bem colocada, sobre a fábrica de ídolos que não pára *(edição 156)*. Ainda lembro de mim mesma cantando músicas dos grupos Dominó, Polegar, New Kids On The Block, Take That... Amanhã um daqueles rostinhos bonitos pode estar trabalhando atrás de um balcão.
Priscilla Leonel – via e-mail

Os Backstreet Boys não são só belos rostos, mas uma banda abençoada, com grande futuro.
Marcela Zidirich Gamo – Blumenau, SC

Estou explodindo de felicidade! Sabe o que é passar quatro anos sem notícias do seu grupo preferido? Quando vi New Kids na SHOWBIZZ, pulei, gritei, beijei a revista.
Carine Silva Carvalho – Feira de Santana, BA

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Raul Ballesi
Diretor Editorial Adjunto: Mariano Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Lorgerbuch

SHOWBIZZ

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor Chefe: Pedro Só
Editores: Sérgio Martins
Repórter: Leticia Calmon
Editor de Arte: Renato Yada
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) André Barcinski, Antônio Carlos Miguel, Ayrton Mugnaini Jr., Bernardo Araújo, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Claudia Grechi, Daniel Oliveira, Danilo Manzano, Hélio Gomes, Jonas Furtado, Marcelo Fróes, Marcos Sousarell, Paulo Cavalcanti, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Vitor Paolozzi, Wagner Filho, Zeca Camargo (Fotos) Alex Silveira, Daniela Dacorso, Isabel Becker, Jorge Rosemberg, Luisa Ferreira, Marcelo Ximenez, Rui Mendes (Ilustração) Cobiaco, Fábio Cruz (Revisão) Jorge Cotrim

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo, Anna Preis; José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Sousa

Comercial
Diretora Comercial: Angela Mattiaj
Gerente de Circulação e Promoção: André D'Amato

Publicidade
Diretora de Publicidade: Thais Chedr S. B. Barreto
Gerente de Vendas: Renata Fonseca Scallamera
Executivos de Contas: Júlia Maria G. Farina, Marcia Regina Braga
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth Rocha Simone de Souza

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Planejamento e Controle
Glauco C. Barros
Produção
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regional: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, Presidente e Editor; José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Pacheco, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Canal Bizz

Matchbox 20 *(o cantor Rob Thomas à frente)*: pedido pelos leitores

MATCHBOX 20, ENFIM

Vocês podiam parar de falar de bandas do passado, como Nirvana, Legião Urbana e Guns N'Roses, e dar mais atenção a grandes nomes que temos atualmente, como o grupo Matchbox 20, que até hoje não recebeu o merecido espaço.
João Leal Deiró – Rio de Janeiro, RJ

Estamos em contato para fazer uma entrevista com os integrantes dessa banda americana que vem ganhando projeção nos EUA e no Brasil. Atendendo a pedidos como os do leitor João Deiró, aí vão algumas informações:
O álbum de estréia, Yourself Or Someone Like You, *valeu ao Matchbox 20 o prêmio de Melhor Banda Nova de 1997, na votação dos leitores da conceituada revista americana* Rolling Stone. *O vocalista Rob Thomas entrou na lista de outra publicação americana, a* People, *como uma das cinqüenta pessoas mais bonitas do showbiz.*

A banda é formada por Rob (vocais), Paul Doucette (bateria), Brian Yale (baixo), Adam Gaynor e Kyle Cook (guitarras). Rob, 26 anos, também o principal compositor do grupo, nasceu numa base militar americana na Alemanha, e foi criado pela mãe em Orlando, na Flórida. Saiu de casa aos 17 anos, para fugir de problemas familiares. Ele ficou vagando por várias cidades da região, dormindo na rua ou em casas de amigos. "Fico feliz por ainda estar vivo", confessou à revista americana React. *Esse período inspirou várias canções de Rob, que se diz influenciado por Elvis Costello e Van Morrison. A banda começou quando ele juntou-se a Doucette e Yale, em Orlando. O nome inicial era Tabitha's Secret. Gaynor e Cook vieram logo depois, quando receberam uma proposta para gravar.*
O Matchbox 20 excursiona pelos EUA até o final do ano. Em outubro e novembro, deve dar uma escapada para a Oceania.

BOCA NO TROMBONE

Achei errado terem posto a cantora Natalie Imbruglia num pedestal só porque ela não quer falar sobre fatos marcantes de sua vida nas músicas que compõe e grava *(edição 156)*. Qualquer cantora tem o direito de se manifestar e de dizer o que estava passando em determinado momento. Alanis Morissette pode muito bem cantar que ia ao cinema para fazer sexo oral no namorado.
Raffaella Ciavatta Carvalho – São Paulo, SP

SMASHING!

Depois de ouvir *Mellon Collie And The Infinite Sadness* (há três anos), pensei que fosse impossível Billy Corgan *(líder dos Smashing Pumpkins)* lançar outro CD tão perfeito. Mas o novo disco, *Adore*, é surpreendente, e com várias músicas que certamente podem virar hits.
Antônio de Morais Jardim Filho – Goiânia, GO

SHOWBIZZ BRASILEIRA

Pra mim, que estava ainda em fase de conscientização, ler a BIZZ era o máximo porque lá dentro não havia só o mundo do rock e do pop. A nova revista *(edição 155)* veio bem melhor em vários níveis, hoje ela tem aberto mais espaço para o que vem surgindo no mercado brasileiro, e o que ainda vai surgir. Acho gratificante abrir a SHOWBIZZ hoje e encontrar lá dentro muito mais Brasil, muito mais variedade, a mistura de tudo o que rola hoje, como antigamente. A sessão *Democracia* ganhou respeito e lugar, e nesse mês havia vários títulos de CDs de bandas novas no *Play*, o que é maravilhoso pra gente que, como eu, adora estar por dentro de tudo.
Roberta de Oliveira – Belo Horizonte, MG

Fã-clubes

RADIOHEAD
Immerse Your Soul In Love
Rua Bacharel de Cananéia, 128
CEP 04279-060, São Paulo, SP

SPICE GIRLS
Zig a Zig Ah Spice Girls Fã Clube
Rua Aviador Gomes Ribeiro, 26/39
CEP 17044-150, Bauru, SP

NENHUM DE NÓS
Fã-clube Obsessão
A/C Jessica Dominguez Trindade
Travessa Carmen, 146/303
CEP 90560-040, Porto Alegre, RS
E-mail:obsessao@geocities.com

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
Dias úteis das 10h às 12h e das 15h às 19h
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800

Creedence Clearwater Revival: garantia de bom rock'n'roll

DISCOGRAFIAS SELETAS

Por favor! Eu quero a discografia do Creedence Clearwater Revival, a antiga banda de John Fogerty.
Vagner de Oliveira – São Paulo, SP

A discografia da banda que marcou o rock da virada dos anos 60 para os 70 é inteiramente recomendada: Creedence Clearwater Revival *(1968)*, Bayou Country *(1969)*, Green River *(1969)*, Willie And The Poor Boys *(1969)*, Cosmo's Factory *(1970)*, Pendulum *(1970)*, Mardi Gras *(1972)*, Creedence Gold *(1972)*, More Creedence Gold *(1973)*, Live In Europe *(1973)*, Chronicle *(1976)*, Live At Albert Hall *(1980)*. *Os álbuns solo do vocalista e guitarrista John Fogerty também são de bom nível:* The Blue Ridge Rangers *(1973)*, John Fogerty *(1975)*, Centerfield *(1985)*, Eye Of The Zombie *(1986)*, Fool Moon Swamp *(1997)* e Premonition *(ao vivo, 1998)*. *O guitarrista Tom Fogerty lançou em sua carreira solo* Tom Fogerty *(1972)*, Excalibur *(1973)*, Zephyr National *(1974)*, Myopia *(1975)*, Deal It Out *(1981)*.

Bad Religion: punk rock de qualidade

Gostaria de saber a discografia do Bad Religion.
Jeferson Aranha – Santo André, SP

Bad Religion *(EP, de 1981)*, How Could Hell Be Any Worse? *(de 1982)*, Into The Unknown *(1983)*, Back To The Known *(1984)*, Suffer *(1988)*, No Control *(1989)*, Against The Grain *(1990)*, 80-85 *(coletânea lançada em 1991 que reúne "How Could Hell Be Any Worse", "Back To The Known" e outras faixas)*, Generator *(1992)*, Recipe For Hate *(1993)*, Stranger Than Fiction *(1994)*, All Ages *(coletânea centrada no período 1988-92), (1995)*, The Gray Race *(1996)*, Tested *(ao vivo, de 1997)*, No Substance *(1998)*. Recipe For Hate *marca a transição do selo independente Epitaph para uma grande gravadora, a Atlantic. Mas a credibilidade do Bad Religion dentro do punk rock se mantém inalterada – mesmo depois da saída do guitarrista Brett Gurewitz, em 1994.*

TROCA TROCA

Tenho materiais de diversos artistas nacionais e internacionais e gostaria de vendê-los ou trocá-los por coisas da Legião Urbana.
Cláudia Kiyomi Ohira
Rua Panamá, 63
CEP 13036-420
Campinas, SP
email: kiyomi@zaz.com.br

Gostaria de me corresponder com a galera que é pirada pelos Raimundos como eu!
Kely Tanigawa
Rua Lourenço Nunes, 64
CEP 04401-150
São Paulo, SP
Tel.: (011) 5677-4582

Quero me corresponder com fãs da banda Oasis.
Felipe Leonis
Av. Rio Branco, s/nº, bl. 3 ap. 301, CEP 74565-070
Goiânia, GO
Tel.: (062) 210-3290

Gostaria de me corresponder com fãs do Pato Fu de todo o Brasil.
Lucas Pereira
Rua José de Azevedo Marques, 26
CEP 03260-010
São Paulo, SP

Compro o CD *Quest For Fame*, do Aerosmith, e qualquer livro ou biografia da banda.
Renato Mantoan Sabadin
Rua Adelaide, 290
CEP 09572-230
São Caetano do Sul, SP

Vendo coleção quase completa de revistas SHOWBIZZ, separadas ou em conjunto. Cada exemplar, por 3 reais.
Isadora dos Santos
Praça Guilherme Fort Kamp, 280
CEP 88075-640
Tel.: (048) 248-3936

Quero me corresponder com pessoas que curtam cranberries, Garbage e No Doubt, ou tenham material dessas bandas para trocar.
Carla Zóli Bachin
Rua 15 de Novembro, 1560
CEP 13450-062
Santa Bárbara d'Oeste, SP

Vendo coleção de BIZZ e SHOWBIZZ, em ótimo estado de conservação, por um preço acessível.
Pedro Mendes
Praça Emani Braga, 56
CEP 05462-070
São Paulo, SP

Editora Abril
SHOWBIZZ
Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4909 - Caixa Postal 66.077, CEP 05314-970, São Paulo - SP

Representantes no Brasil:
Rio de Janeiro: Segmento Editora SC Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3782
Bahia: AGMS Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, nº 401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/Fax: (071) 341-8900/8927/8836
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Qd. 2 Bloco B, conj. 17/18 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-2147/223-1105 - Fax: (061) 225-5395
Campinas: Lorena Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 20º andar - Sala 2004 - Campinas - SP - CEP 13010-200 Tel.: (019) 231-7175 - Fax: (019) 232-7972
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 303 - Fortaleza - CE - CEP 60050-600 - Tel.: (085) 264-1900/0645 - Fax: (085) 231-4782
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-6799 / 292-3697
Paraná: M.L.C. Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 801 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-1068 - Fax: (041) 252-2644
Recife: Multiservice Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1130 - 19º andar - sala 1901 - Ed. São Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel. (081) 424-2233
Ribeirão Preto: Interstate Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14075-000 - Tel.: (016) 625-0600 - Fax: (016) 625-0233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Soraya - Rua Dr. Alfredo Dutra Jorge, 130 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-230 - Tel./Fax (048) 232-0810

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Revistas Semanais
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DE INVESTIMENTOS
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • SOMOS • BOA FORMA • CAPRICHO • SEU HORÓSCOPO • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • SELETA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO! • SET • GIBI MENSAL • GIBI

Revista Showbizz, Edição 157, Agosto de 1998, é uma publicação especial da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649
Assinatura: sua satisfação é nossa garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mudanças ou solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a vencer, devidamente corrigido de acordo com a tabela oficial editorial. Com seu assentimento, seu nome poderá ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril que poderá colocá-lo a par de novos títulos para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas de Serviços - Tel. Grande São Paulo 3990-2112, demais localidades 0800-552112 - Fax: Ac. Operações Abril de Lima, 4100 - 4º Andar - Pinheiros - SP - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. Números atrasados: os seus últimos exemplares encontram-se disponíveis na data de consulta ao preço da última edição em banca, mais custos de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou na Distribuidora Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco (SP) - CEP 06063-970 - Tel. (011) 810-4800 - Fax (011) 868-3018, pelo email: dinap@dinap.abril.com.br, via Internet: http://www.dinap.com.br. Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8:00 às 21:30. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Hipercard. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jornais de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Arrabaçu dos Fornos, 2685, Camarate, Lisboa.

ANER
IVC
IMPRESSO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Derrick Greene, Igor Cavalera, Paulo Jr. e Andreas Kisser

SEPULTURA

"NÃO VAMOS MUDAR NADA POR CAUSA DO SOULFLY"

Com lançamento mundial previsto para outubro, *Against*, álbum que marca a estréia do reformado Sepultura, deverá ganhar toques orientais. "Nosso trabalho anterior, *Roots*, foi conceitual sobre o Brasil, teve uma influência indígena e africana, além da percussão forte. *Against* será mais identificado com o Japão", relata o guitarrista Andreas Kisser, por telefone, de Los Angeles.

O grupo percussivo Kodo foi fundamental para que o Sepultura se aprofundasse nesse sushi musical. "Eles participam de uma faixa chamada 'Kaimiadadhi'. Nós fomos ao encontro deles em Sado, uma ilha localizada no norte do Japão, e ficamos quatro dias por lá, tocando e gravando." Andreas despista as novidades do álbum com o famoso "tem um pouco de tudo. Faixas melódicas, algumas coisas rápidas que não fazíamos desde *Beneath The Remains (de 1989)*..." Mas a saída de Max Cavalera – que ainda não voltou a conversar com os remanescentes do Sepultura – foi devidamente exorcizada em "Come Undone". "Eu procurei traçar um paralelo da gente perdendo o Max com a demissão do meu sogro, que foi mandado embora depois de trinta anos no mesmo emprego."

As comparações com o Soulfy são esperadas com resposta na ponta da língua. "Não vamos mudar nada do disco por causa do Soulfly", corta Andreas. O baixista Paulo Jr. é mais curto e grosso em sua opinião: "Sinceramente, eu acho que Max poderia ter feito coisa melhor". *Against* terá um pré-lançamento no Brasil em 15 de agosto, quando o Sepultura apresenta o vocalista Derrick Greene no estacionamento do Anhembi (Zona Norte de São Paulo).

Jogo dos 7 erros

Harrison e Falcão: separados no nascimento?

GEORGE HARRISON revelou que foi operado em agosto do ano passado para a retirada de um tumor no pescoço. Totalmente curado, o ex-beatle brinca, dizendo que pensa em compor uma música chamada "Radiation Therapy" (radioterapia) para incluir em seu próximo disco solo – o primeiro que lança com novo material desde *Cloud Nine* (1987).

FALCÃO virou astro da Rede Bandeirantes. "O programa é falconético, com músicas e entrevistas, mas também uso meu talento para o improviso", conta o apresentador de *Falcão na Contramão* (sextas, às 21h30). Ele diz que hesitou antes de aceitar o convite: "Eu não me achava televisivo. Agora vi que sou totalmente audiovisual".

Voltando a arder

Flea, Frusciante, Kiedis e Smith

Os **RED HOT CHILI PEPPERS** adotaram uma solução caseira para substituir o guitarrista Dave Navarro: chamaram de volta John Frusciante, ex-companheiro de Anthony Kiedis, Flea e Chad Smith entre 1988 e 1992. O Red Hot, que estava completamente inativo há quase um ano, prepara-se para uma turnê pela América do Sul (com shows no Brasil possivelmente em setembro) e em seguida entra em estúdio para gravar um novo álbum.

Helloween volta para mais um Philips Monsters Of Rock

Chucrute melódico

"Não sabia que tinhamos tantos fãs aí. O pessoal torcia como no futebol. Tomara que seja assim de novo", recorda o baterista Uli Kusch, do **HELLOWEEN** sobre a apresentação do grupo alemão durante o Philips Monsters Of Rock de 1996. Novamente escalado para mais uma edição do festival, o quinteto vem defender seu mais recente CD, *Better Than Raw*, que ao lado de *Masters Of The Ring* (1994) e *The Time Of The Oath* (1996) forma a trilogia que o levou ao o trono do rock pesado melódico. "Somos os pais desse estilo há pelo menos uns dez anos, junto com o Rainbow e o Pretty Maids", garante Kush.

Philips Monsters Of Rock
Van Halen, Soulfly, Judas Priest, Slayer, Manowar, Savatage e Korzus
Dia 12 de setembro, em São Paulo, no estádio do Pacaembu

Mano Brown e Ice Blue, dos Racionais MC's, estarão no Close Up Festival, em São Paulo

Confira a programação do Close Up Festival

Rio de Janeiro

20/8: Nação Zumbi e Prodigy
21/8: Marcelo D2, DJ Mike Paradinas e Björk
Metropolitan, às 20h30
Preços: 30, 50 e 70 reais

São Paulo

22/8: Racionais MC's, Marcelo D2, Nação Zumbi, Björk e Prodigy
Concentração do Sambódromo (Anhembi), às 17h30
Preço: 25 reais

Marcio Buzelin, PJ, Rogério Flausino, Paulinho e Marco Túlio, do Jota Quest, querem banana e emprego

MICOS DO BRASIL

Série cinematográfica *Planeta dos Macacos* e o desemprego no país inspiram novo trabalho do JOTA QUEST

Eles não atendem mais por J. Quest ("djeiquest", na pronúncia inglesa): devido a uma advertência da produtora Hanna Barbera, proprietária dos direitos sobre o desenho animado de mesmo nome, agora o grupo se chama Jota Quest. O "abrasileiramento" também alcançou as letras do segundo disco, *De Volta Ao Planeta*, em que os mineiros exercitam seu pop enraizado na black music.

O que significam os macacos na música e no clipe "De Volta Ao Planeta"?

Rogério Flausino (vocalista): Esses macacos somos nós mesmos. É uma brincadeira séria. Somos de classe média, nunca passamos fome, mas vemos os problemas sociais. Acho legal fazer uma música falando de desemprego, dos problemas do Brasil e do mundo.

Como surgiu a versão para "Tão Bem", do Lulu Santos, já que a referência de vocês é o som black dos anos 70?

Rogério: A gente começou a se interessar por música nos anos 80. E o Lulu regravou muitos sucessos seus nos últimos anos, e se esqueceu dessa, que é bala, é hit.

Márcio Buzelin (teclados): Mas não foi um tributo ao Lulu ou aos anos 80, surgiu espontaneamente. Já a regravação da música do Hyldon "As Dores Do Mundo", no disco anterior, realmente tinha sido uma homenagem a ele, que era da galera da black music brasileira dos anos 70.

Por que vocês agora decidiram trabalhar com dois produtores, Dudu Marote e Marcelo Sussekind?

PJ: O Dudu é um dos caras que sabem melhor mexer com eletrônica neste país. E o Sussekind é um cara mais orgânico. Dividimos de acordo com a cara da música.

(Danilo Monteiro)

O tempo e o vento

ARNALDO ANTUNES e **TITÃS** chegam juntos às lojas com seus novos discos. Com arranjos deEumir Deodato, os Titãs prosseguem na linha acústica em *Volume Dois*, enquanto Arnaldo incorpora discretamente em *Um Som* sanfona, cuíca e, na faixa "O Sol", até violas caipiras.

Arnaldo Antunes

Toni Bellotto

"O Sol"

(Arnaldo Antunes/Edgar Scandurra)

Nessa época o sol é mais frio
Porque ele se divide em mil
Mas para lá de janeiro ele volta a ficar inteiro
Agora o sol parece uma laranja madura
Porque ele está sem pintura
Mas quando entra março parece a cara
de um palhaço
Tem dias que o sol vai embora
Tem noites que não tem aurora
Às vezes ele fica no Japão e só volta quando
chega o verão
Agora que o sol está bravo parece uma
moeda de um centavo
Mas quando se alegra o sol fica maior que
uma bola de futebol
O sol está brilhando muito claro
Porque hoje é seu aniversário
Nesses dias ele quase cega
E quem é cego quase enxerga
O sol está sempre ali no céu
A terra é que faz o carrossel
De noite o sol apaga sua chama
E dorme debaixo da minha cama
Nessa época o sol é mais frio
Porque ele se divide em mil
Mas para lá de janeiro ele volta a ficar inteiro
O sol está sempre ali no céu
A terra é que faz o carrossel
De noite o sol apaga sua chama
E dorme debaixo da minha cama

"Caras Como Eu"

(Toni Bellotto)

Caras como eu
Estão ficando raros
Como cabelos raios
Que se partem e caem pelo chão
Caras como eu
Estão tirando o pé
Andando em marcha-ré
Com medo de entrar na contramão
Como trens do interior
Que não chegam no horário
Como velhos elefantes
Que morrem solitários
Caras como eu
Estão ficando chatos
Como solas de sapatos
Que se gastam com o passar do tempo
Não vou mais medir o tempo
Não vou mais contar as horas
Vou me entregar ao momento
Não vou mais tentar matar o tempo
Com palavras de amor
Que não se guardam em disquetes
Como segredos sem valor
Que a gente nunca esquece
Caras como eu
Estão ficando velhos
Calçando seus chinelos
Concluindo que não há mais tempo

A volta da Patife

PAULO BARNABÉ está reformando a Patife Band, que teve algum sucesso no *underground* paulista e estava inativa há sete anos, para gravar o CD *Pigs & Bisargh*. Paulo, irmão de Arrigo Barnabé, traz a influência da música erudita contemporânea para uma linguagem pop de trio com guitarra, baixo e bateria. "Minha característica é trabalhar com módulos atonais e ritmos quebrados, mas com uma intenção espontânea, típica do rock", explica ele, que teve músicas suas gravadas pelo Pato Fu e João Gordo.

LINGUARUDOS

"Geri na verdade não cantava tanto assim; foi fácil assumir os vocais dela. E as coreografias não mudaram, só o espaço no palco é que ficou maior"
Mel B, sobre a saída de Geri das Spice Girls, na revista americana *Entertainment Weekly*

"Van Halen dos bons tempos fazia você querer beber, dançar e transar. O Van Halen atual encoraja as pessoas a beber leite, guiar um Nissan e ter relações estáveis"
David Lee Roth, na revista inglesa *Q*

"Em todos os vídeos ela parece estar dizendo 'Oh, eu sou tão linda, você não gostaria de transar comigo?' Está na cara que ela é maravilhosa, mas todos sabem que uma transa com ela não seria nem metade do que uma com Courtney Love"
Shirley Manson, do Garbage, sobre Natalie Imbruglia

"Eu acho que eles são sexies. Parecem com um pênis"
Sinead O'Connor, ex-cantora careca, sobre os carecas

"Chegou a um ponto em que nós estávamos dormindo com duas ou três garotas por noite e tínhamos que parar. Pelo menos foi o que disse minha mulher"
Lars Ulrich, do Metallica

Lars Ulrich: problemas para conciliar o sono à noite

Dana Internacional: as aparências enganam

Spice transexual?

Os setores religiosos e ultraconservadores de Israel a consideram uma vergonha nacional, mas o sucesso da cantora transexual **DANA INTERNATIONAL** já rompeu as fronteiras do país. Em maio, ele/ela venceu na Inglaterra o Eurovision Song Contest com a música "Diva". Isabel Monteiro, a cantora brasileira do grupo Drugstore, que recentemente elegeu "Diva" como o "single da semana" para a *Melody Maker*, define o som: "É como a disco dos anos 80. Tem um refrão grudento, um pouco exagerado. Já posso imaginar os clubes gays ficando malucos. É um sucesso". Dana, que quando nasceu há 27 anos ganhou o nome Yaron Cohen, fez em 1994 uma operação para mudar de sexo e agora já está tão popular que, segundo a imprensa israelense, teria recusado uma oferta para substituir Geri Halliwell nas Spice Girls.

Ângelo Pastrames Agência Fotos

Tabelinha na área

Tony Platão e Dado Villa-Lobos: jogando por música

Pedro Sorin

Inesquecível desde os tempos de Hojerizah, banda carioca que em 1984 emplacou "Pros Que Estão Em Casa", o vozeirão de **TONY PLATÃO** ecoa diariamente no pequeno estúdio caseiro de **DADO VILLA-LOBOS**. Suas antigas bandas tocaram juntas algumas vezes na década passada – a primeira, no lançamento carioca da BIZZ, em 1985 – e os dois se tornaram companheiros constantes de peladas. Consagrada em tabelinhas dentro de campo, a dupla vem há meses gravando demos com canções inéditas, parcerias com amigos, como Alvin L., e surpresas feito "Canto De Ossanha" (Vinicius de Moraes/Baden Powell), "Carne E Osso" (Picassos Falsos) e até "Is It OK If I Call You Mine?", do musical *Fame*. Dado registrou as bases sobrepondo violões, teclados, samples, baixo, bateria eletrônica ..."e o que mais dava pra gravar num quartinho de um metro e meio". Enquanto as demos não viram um CD, Tony pretende mostrar o trabalho numa série de shows no Rio.

Cheio de amor para dar

Lionel Richie: romântico incorrigível

Em *Time*, seu sexto álbum solo, **LIONEL RICHIE** adiciona doses exatas de sacarina à sua habitual competência como compositor. De ótimo humor, ele falou com SHOWBIZZ por telefone.

Olá, você é quem eu estou procurando? *(Paródia do inglês: "Hello, is it me you're looking for?", verso de "Hello".)*

Sim, sou fácil como uma manhã de domingo *("I'm easy like a Sunday morning", verso de "Easy").*

***Time* é um disco essencialmente composto de baladas. Por quê?**

Porque é o que sei fazer melhor. Durante muito tempo experimentei outros estilos musicais, mas cheguei à conclusão que sou um baladeiro incurável.

Em "Forever" você cobre uma mulher de elogios. Como nasceu a canção?

Ela foi composta há dois anos, um dia antes de meu casamento. Eu a cantei pela primeira vez na noite de núpcias...

Bob Marley abriu para os Commodores. Como foi a experiência?

Foi em 1980. Foi também o último concerto dele. O show foi gravado pelo nosso empresário na época – que morreu anos depois e ninguém sabe onde foi parar aquela fita!

A nova trilha do sucesso

1998 está marcando a sedimentação de uma tendência no mercado de discos dos EUA: as trilhas sonoras são sucesso de vendagem e empurram artistas famosos, como Madonna e Pearl Jam, para baixo nas paradas. A associação com o cinema tem funcionado tão bem que se tornou prática comum um filme gerar dois discos – um com a trilha e outro com músicas pop que muitas vezes nem sequer foram usadas. No final do primeiro semestre, cinco das dez primeiras posições da parada da *Billboard* eram ocupadas por trilhas: *Cidade dos Anjos* (em primeiro lugar, com músicas de Goo Goo Dolls e Alanis Morissette), *Armageddon* (em sua primeira semana já entrou no quarto lugar, puxada por "I Don't Want To Miss A Thing", do Aerosmith), *Hope Floats* (em quinto, com Rolling Stones e Garth Brooks), *Godzilla* (em sexto, com Wallflowers e Puff Daddy e Jimmy Page) e *Bulworth* (em décimo, com Pras, Ol' Dirty Bastard e Mya). *Arquivo X* e *Dr. Dolittle* também apareciam na lista, mas mais abaixo. O maior fenômeno de todos, porém, foi *Titanic*, que ficou quatro meses no primeiro lugar e até originou o lançamento de um seqüência – *Back To Titanic*, que sairá em breve com músicas do filme que não entraram no primeiro disco.

Ricos e perdulários

A edição de julho da revista *Q* traz uma lista com os músicos mais ricos da Inglaterra *(confira o ranking ao lado)* com exemplos de como eles torram suas fortunas: Keith Richards chegou a gastar 4 mil dólares por semana em drogas; Keith Moon (The Who) alugou um helicóptero para ir a um pub a 300 metros de sua casa; Gary Glitter, ao invés de comprar mobília nova, resolveu encher sua mansão com objetos do cenário de uma produção da TV BBC, pagando um aluguel semanal de 6 mil dólares. Caso raro foi Sinéad O'Connor, que em 1992 vendeu sua casa de 800 mil dólares na Califórnia e deu o dinheiro para a Cruz Vermelha.

Paul McCartney: US$ 800 milhões

Elton John: US$ 240 milhões

Mick Jagger: US$ 200 milhões

Phil Collins: US$ 170 milhões

David Bowie: US$ 160 milhões

A estrela continua subindo

Com sucesso e o talento cada vez mais reconhecido, MADONNA faz 40 anos se sentindo no auge

por LETÍCIA CALMON e PEDRO SÓ

"Em 16 de agosto de 1977, quando Elvis Presley morreu, uma estudante de dança na Universidade de Michigan estava fazendo 19 anos. Foi uma grande comoção popular nos EUA, era natural que a moça ficasse tocada pelo fato. Mas ela ficou mais do que impressionada. 'Sua alma entrou em mim', contaria Madonna, a tal jovem, quatro anos mais tarde, a Camille Barbone, sua agente na época – 1981, um pouquinho antes de estourar." »

Madonna sorri, linda e em forma, no clipe de "Ray Of Light"

"Não sei quem é aquela garota que cantava 'Like A Virgin'. Era uma versão Neanderthal de mim"

O fato é narrado na biografia não-autorizada da cantora que o jornalista Christopher Andersen lançou em 1991, e pode não vir muito ao caso. Mas, de qualquer modo, é uma coincidência que envolve dois dos mais importantes símbolos da cultura americana, ambos com papel destacado em revoluções sexuais e de comportamento. E de coincidências assim é que se fazem os mitos e suas histórias. A enciclopédia musical *Rolling Stone* espertamente define Madonna como "a estrela mais polêmica dos EUA desde Elvis Presley".

Ninguém poderia imaginar que a esganiçada (o adjetivo é usado por ela mesma, hoje) cantora que surgiu em 1983, interpretando "Everybody", viria a se tornar uma figura tão importante a ponto de gerar comparações com Elvis Presley. Menos gente ainda apostaria que ela chegaria aos 40 anos com um status artístico e mercadológico tão elevado. Lançado em março, o álbum *Ray Of Light* foi unanimemente elogiado pela crítica e apontado como o trabalho musicalmente mais ousado de Madonna. Seu desempenho comercial, porém, é comparável ao de discos bem mais acessíveis: vendeu 8 milhões de cópias no mundo todo.

No dia 10 de setembro, uma nova consagração se anuncia para a cerimônia de entrega dos MTV Awards, em Los Angeles: a mãe de Lourdes, 22 meses, é indicada em nove categorias. Até seus mais ferrenhos inimigos reconhecem que ela está cantando melhor, depois das aulas que tomou para fazer o musical *Evita*. Nem Prince, nem Michael Jackson, nem George Michael, nenhum outro astro pop remanescente dos anos 80 vive hoje uma situação tão boa, em termos de prestígio.

Em entrevista exclusiva à SHOWBIZZ, via e-mail, Madonna admite que se sente mesmo no auge, mas avisa que ainda tem muitos sonhos para realizar. Envolvida em dois projetos como atriz – uma versão do musical *Chicago* e uma comédia romântica, *The Next Big Thing* –, ela quer ter mais um filho, quer dirigir filmes, quer pintar... E seguir fazendo música, do jeito que der em sua telha, sem se importar com pressões de mercado.

"Quem quer ser popular? Que nos deixem ficar no underground", exagerou a cantora, falando a uma revista espanhola e referindo-se à dance music de ponta, que atualmente a fascina.

Estudando cabala, fazendo ioga e dedicando o máximo de seu tempo à filha Lola (como se refere a Lourdes), Madonna também pretende passar uma longa temporada na Índia. "Ela está mais velha, madura, menos maluca", disse recentemente Liz Rosenberg, vice-presidente sênior da gravadora americana Warner e porta-voz da cantora durante muitos anos.

À revista *Vanity Fair*, Madonna declarou recentemente que não agüenta mais as reuniões com amigas para fofocar e destilar comentários venenosos. A morte do estilista italiano Gianni Versace, seu amigo, foi um choque que acabou lhe trazendo coisas positivas. "Senti uma grande vulnerabilidade. Me dei conta de que não há suficientes guarda-costas no mundo para me proteger. Se alguém quiser me matar, me matará. Quando chega o momento, chega o momento..." Ninguém precisa lembrar a Madonna de que outro grande ídolo pop, John Lennon, morreu aos 40 anos, assassinado por um fã.

Falando ao repórter Kurt Loder, da MTV, ela confessou que não consegue mais se imaginar cantando sucessos como "Material Girl" (garota material) e "Like A Virgin" ("como uma virgem" – que suscitou uma curiosa teoria discutida em diálogo do filme *Cães De Aluguel*, segundo a qual a sensação de virgindade seria provocada pelo tamanho do pênis do parceiro). "Não sei mais quem é aquela pessoa! É uma versão Neanderthal de mim. Uma ameba disforme. 'Vogue' *(compacto que lançou em 1990, sobre uma dança que era moda em boates gays)* também não dá mais, estou a uns 100 anos de distância daquilo."

Hoje, a *spiritual woman* sabe se preservar e continua trabalhando a imagem com a inteligência de sempre. Não respondeu uma pergunta sobre os elogios que fez à "sensualidade" do jogador chileno Ivan Zamorano, não quis comentar uma comparação com outro megastar que também está fazendo 40 anos este mês, Michael Jackson: driblou uma descrição de seus cuidados diários, lembrando que no momento está mais preocupada com o espírito. Confira o que ela digitou...

Aos 40 anos, você se considera profissionalmente no auge?

Acho que posso dizer isso. Amo tudo o que faço. Se eu não amo, deixo de fazer. Foi bom ficar longe do mundo pop por uns tempos. Fiquei muito feliz por ter oportunidade para ser eu mesma. »

NA IDADE DA LOBA

Claro que uma estrela milionária como Madonna tem todas as condições de se cuidar e de atenuar as alterações físicas que a idade acarreta.

Mas, analisando friamente, sob o ponto de vista médico, as mudanças no organismo feminino após os 40 anos inspiram muitas preocupações.

• As taxas de hormônios femininos começam a cair e a produção das fibras de sustentação da pele diminui. Rosto e pescoço vão perdendo o brilho e se ressecam mais facilmente. Além disso, a musculatura dessa área torna-se mais flácida, o que ajuda na formação das rugas e pés-de-galinha.

• Fica cada vez mais difícil alongar os músculos do corpo, que perdem gradualmente a elasticidade.

• Emagrecer vira uma tarefa mais penosa. A gordura tende a se acumular nas coxas, quadris e barriga.

• Vasos aparentes e varizes se multiplicam.

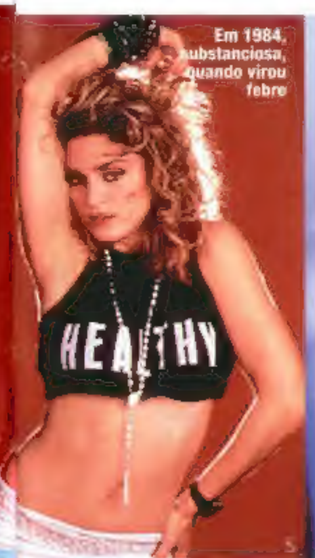
• Aumenta a quantidade de cabelos brancos e os fios nascem mais finos.

• Podem surgir manchas amarronzadas no dorso da mão (por efeito cumulativo do sol) e a gordura subcutânea diminui.

• O processo de osteoporose (perda gradual de massa óssea) pode começar, por causa da redução na produção de hormônios.

Little Nonni, aos 7 anos, sentia a falta da mãe

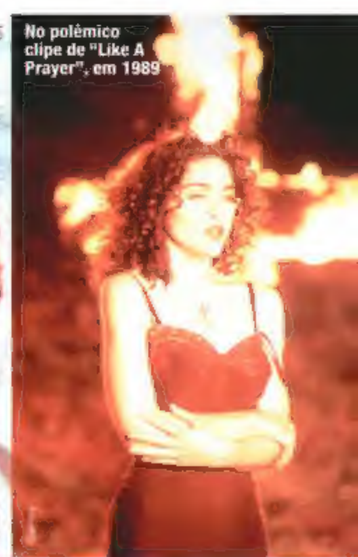
Em 1978, aos 15 anos, quando perdeu a virgindade



Em 1984, substanciosa, quando virou febre

Chefe de estilo, na fase *True Blue*, de 1986

Em 1987, no fracassado filme *Quem É Esta Garota?*



No polêmico clipe de "Like A Prayer", em 1989

QUARENTA ANOS DE INTELIGÊNCIA

1958-1968

Nasce Madonna Louise Veronica Ciccone, terceira filha do engenheiro descendente de italianos Silvio Tony e da dona de casa de origem franco-canadense Madonna Louise, durante uma visita à casa da avó materna em Bay City, Michigan. Little Nonni (apelido que o diferencia da mãe) passa a infância em Pontiac, subúrbio de Detroit.

Todos os dias ela, duas irmãs e três irmãos acordam às 6 da manhã e vão rezar na igreja, antes da aula.

Em dezembro de 1963, sua mãe morre de câncer no seio. Madonna tem 5 anos – passara o último visitando-a no hospital.

Desenvolve uma obsessão pelo pai (só dorme com ele) e hipocondria (acha que tem câncer e vomita cada vez que sai de casa).

Passa a tirar notas máximas na escola.

Seu pai emprega uma sucessão de governantas, até que contrata a boritona Joan Gustafson. Seis meses mais tarde (e três anos após a morte da esposa), se casa com a empregada.

A família se muda para Rochester (Michigan) e Madonna ganha uma meia-irmã e um meio-irmão.

1969-1978

Apesar de sua madrasta obrigar as irmãs a usar roupas iguais, Madonna prende o cabelo ou veste uma malha colorida para se sobressair.

Na sexta série, aos 11 anos, beija um menino da escola e, no ano seguinte, já cultiva uma reputação entre a ala masculina.

Aos 14, começa a ter aulas de dança, após convencer o pai de que não nascera para o piano. No colegial, um teste de QI acusa a marca dos 140.

Participa de programas voluntários e cuida de crianças carentes. É animadora de torcida e funda o clube de arte dramática da escola – aparece em todas as produções, quase sempre com o papel principal.

Seu professor de balé, Christopher Flynn, lhe ensina muito sobre arte e moda. Leva Madonna, aos 15 anos, a uma boate gay. Ela adora.

Também aos 15, resolve perder a virgindade e começa um relacionamento com o colega Russell Long. Tem experiências homossexuais paralelas.

1979-1980

Aos 16 anos, pára de raspar pernas e axilas e vira vegetariana.

Em 1979, consegue uma bolsa de estudos integral na Universidade de Michigan para estudar dança.

Conhece o garçom e batarista negro Steven Bray, que se torna seu namorado e primeiro contato com música.

Em 1978, desiste da faculdade, compra uma passagem só de ida para Nova York e, com 37 dólares na bolsa, chega à Times Square.

Para pagar o aluguel de um moquifo infestado de baratas, Madonna vende Dunkin' Donuts.

Freqüenta cursos de dança durante o dia e à noite posa nua para fotógrafos e estudantes.

Numa audição com Patrick Hernandez ("Born To Be Alive"), se destaca e o acompanha a Paris, em maio de 79, como *backing vocal* e bailarina.

Após três meses em Paris, inventa visita à família, e volta a Nova York.

Atua em seu primeiro filme, *A Certain Sacrifice*, um pornô light, por 100 dólares.

"Vou comemorar os 40 anos com minha filha. Amadureci"

Me tornei mãe e minha filha está sempre comigo quando estou trabalhando. Então, tudo parece mesmo perfeito.

Como você planeja passar sua noite de aniversário este ano?

Com a minha filha. É completamente diferente agora. Eu amadureci. Estou olhando para o mundo com esperança e felicidade. É minha guinada espiritual. Eu acho que agora eu sei mais e estou mais certa do que eu quero e do que é bom para mim. Na verdade, estou interessada em explorar novas áreas. Me sinto curiosa a respeito do mundo, a respeito de filosofias e de maneiras diferentes de encarar a vida.

A turnê *Ray Of Light* foi adiada para 1999?

Os planos estão suspensos. Na verdade, estou tentando viajar o mínimo possível porque é muito difícil excursionar com uma criança. Gostaria que minha filha crescesse um pouquinho mais para iniciar uma nova turnê – ela é apenas um bebê (*tem 22 meses*). Posso afirmar que vou para a estrada assim que ela for para a escola. Eu juro.

A excursão vai incluir datas em clubes e lugares menores?

Ainda não planejei. Antes do lançamento do disco, fiz uma apresentação numa boate gay em Nova York *(na ocasião, Madonna agradeceu a presença do público por vir à sua festa de* coming out *– no jargão do reduto, "assumir")*. Danceterias são muito importantes para mim. Foi em lugares assim que comecei. Sempre encarei a vida com olhos de bailarina.

De agora em diante, você pretende trabalhar mais como atriz?

O cinema é muito importante para mim.

No momento, estou envolvida com apenas dois projetos: *Chicago*, que vou estar filmando no começo de 1999, e *The Next Big Thing*. Este último é com Rupert Everett (*ator britânico que interpretou um personagem gay de* O Casamento De Meu Melhor Amigo), e nós devemos iniciar as filmagens provavelmente em outubro.

Você estava estudando violino para interpretar uma professora de música numa escola do Harlem, no longa-metragem *50 Violins*, dirigido por Wes Craven *(responsável por* Pânico *e outros filmes de terror de sucesso)*. Como vão as aulas?

Como não estou mais fazendo o filme »

Em 1989, no clipe de "Express Yourself"

Como Breatless Mahoney, no filme *Dick Tracy* (1990)

Cantando "Vogue", no MTV Awards de 1990

Num modelito Jean-Paul Gaultier, na turnê *Blonde Ambition* (1991)

1980-1988

- Com o novo namorado Dan Gilroy, forma a banda Breakfast Club. Começa como baterista, mas logo assume os vocais.
- Em 1980 desiste do grupo e forma outro, Emanon, *no name* (sem nome) de trás para frente, depois encurtado para Emmy. Quando o baterista sai, Madonna é procurada pelo ex-namorado Steven Bray, larga a banda e começa a compor com ele.
- Em 1981, consegue um contrato com o selo Goth e 100 dólares por semana, mas vive brigando.
- Grava uma demo com quatro músicas e mostra para o DJ Mark Kamins, da boate Danceteria. Ele leva a fita para a Sire Records e produz "Everybody", seu primeiro single, em 1982.
- Em setembro de 1983, sai *Madonna*, o primeiro álbum. Sucessos: "Holiday", "Borderline", "Lucky Star", "Physical Attraction"...
- Contrata o empresário Freddie DeMann, ex-Michael Jackson, que investe na produção de clipes sexies e bem produzidos.
- No fim de 1984, *Like A Virgin* é lançado. Produzido por Nile Rodgers, vende 8 milhões de cópias. Centenas de milhares de adolescentes americanas imitam o figurino de Madonna.
- Atua em *Procura-se Susan Desesperadamente* e faz ponta em *Vision Quest*.
- As fotos em que aparece nua (de 1977) vão parar na *Playboy* e na *Penthouse* e o pornô *light A Certain Sacrifice* (filmado em 1979) é lançado.
- Em agosto de 1985, casa-se com o ator Sean Penn, entre fotógrafos disfarçados de garçom. Ao longo do relacionamento, Sean agride vários paparazzi.
- Em 1986 começa a compor com Pat Leonard e lança o álbum *True Blue*, mais ambicioso (e igualmente bem-sucedido).
- Atua com Sean Penn no fracassado filme *Surpresa Em Xangai*, produzido pelo ex-beatle George Harrison, e tem seu talento questionado.
- Mais um filme em que aparece (*Quem É Esta Garota?*, de 1987) afunda. A trilha, porém, dá certo.
- Estréia na Broadway em 1988, com a peça *Speed The Plow*, de David Mamet, e ensaia duas tentativas de separação de Sean.
- Lança o disco de remixes *You Can Dance*. Se recusa a fazer testes para *Evita* e Meryl Streep ganha o papel – temporariamente.

Como eles chegaram lá...

Ao atingir os 40 anos, muitos astros já estavam em curva descendente. Outros ainda não tinham alcançado a glória. E dois dos maiores mitos americanos, James Dean e Marilyn Monroe, não viveram tanto...

JUDY GARLAND
Em 1962, a mãe de Liza Minnelli venceu cinco prêmios Grammy (um recorde, na época), incluindo o de melhor disco (por *Judy At Carnegie Hall*). Desde os 30, porém, já contabilizava várias tentativas de suicídio e problemas com drogas.

ELLA FITZGERALD
Em 1958, tornou-se a primeira cantora negra a ganhar um Grammy (por *Ella Fitzgerald Sings The Irving Berlin Songbook*). Este e outros *songbooks* (Cole Porter, irmãos Gershwin, Irvin Berlin e Duke Ellington) gravados entre 1956 e 1964 marcaram sua definitiva consagração.

CARMEN MIRANDA
Embora ainda gozasse de prestígio nos Estados Unidos, em 1949 a carreira de Carmen Miranda já estava em curva descendente: depois dos 40, fez só dois filmes. O casamento infeliz com David Sebastian vinha de 1947.

ELVIS PRESLEY
Em 8 de janeiro de 1975, já dependente dos remédios que o mataram em 1977, ficou trancado em casa e não quis ver ninguém, ignorando milhares de festas e promoções em torno do seu aniversário feitas em Memphis (EUA). Em agosto, foi internado no dia em que deveria iniciar temporada num hotel em Las Vegas. O motivo alegado foi estafa.

MAE WEST
A atriz que [illegible]
Hollywood estava recém-passando do teatro para o cinema em 1932, quando estreou nas telas em *Night After Night*. Construiu sua reputação a partir daí.

BILLIE HOLIDAY
Em 1955, Lady Day já estava em completa decadência, dominada pelo álcool e pela heroína. Sua voz no disco *Lady In Satin* (1958, um ano antes de sua morte), para alguns críticos, soa como a de uma septuagenária.

GRETA GARBO
Em 1945, a mitológica atriz sueca (naturalizada americana) já estava em pleno exílio do mundo do cinema, fugindo de fãs e imprensa. Cansada de Hollywood, ela parou de filmar em 1941, aos [illegible] anos.

OZZY OSBOURNE
Em 1988, no fundo do poço das drogas e do alcoolismo, o ex-[illegible] do Black Sabbath ameaçou a mulher, Sharon, de morte. Ela pediu proteção policial e o impediu de se aproximar dos filhos. Foi a partir daí que o rei do rock pesado começou o tratamento que [illegible] sua carreira.

MICK JAGGER
Em julho de 1983, estava gravando *Undercover*, um disco com fortes imagens de violência e sexualidade, mas dos menos inspirados dos Rolling Stones. Insatisfeito, lançaria sua (decepcionante) carreira solo aos 42 anos.

ERIC CLAPTON
Em 1984, aos 39 anos, seu disco *Behind The Sun* foi recusado pela Warner. A gravadora o obrigou a registrar três músicas acompanhado pelo grupo americano Toto. O casamento com Pattie ia mal: entre idas e vindas, o guitarrista teve filhos com duas mulheres diferentes nessa época.

BOB DYLAN
Em 1981, estava no meio de sua trip cristã, falando em Deus e em gospel em todas as músicas. Na excursão que promoveu o criticado disco *Shot Of Love* pelos Estados Unidos, faltou público.

JOHN LENNON
Foi assassinado em 8 de dezembro de 1980, dois meses depois de entrar nos 40. Havia acabado de retomar sua carreira com um disco feliz, *Double Fantasy*, após cinco pacatos anos de vida doméstica com Yoko, "criando" o filho Sean.

BRIAN WILSON
Em 1982, o gênio dos Beach Boys pesava 150 quilos, bebia e cheirava alucinadamente. Após tentativas fracassadas de cantar ao vivo com o grupo, foi demitido e teve os bens bloqueados. Estava [illegible] com sua [illegible]. Carolyn, que vendia os móveis da casa para comprar comida.

TOM JOBIM
Em 1967, já consagrado no Brasil, o maestro começou a fazer psicanálise e gravou o disco com Frank Sinatra (*Sinatra & Jobim*) que consolidou seu sucesso internacional e até valeu um prêmio Grammy.

GRACE KELLY
Uma das atrizes mais lindas do cinema, ela trocou Hollywood pela realeza em 1956, aos 28 anos, quando se casou com o príncipe Rainier. Em 1968, seu aniversário foi lembrado apenas pelos súditos em Mônaco.

ELIZABETH TAYLOR
Em 1972, estava se tornando avó. O primeiro casamento com Richard Burton estava terminando, a carreira já tinha tomado linha descendente (o último grande momento foi em 1966, com *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*) e Liz começava a perder a batalha para [illegible] a [illegible].

Um aniversário diferente

Michael Jackson
cerre atrás de
prestígio
arranhado

Michael Jackson chega aos 40 anos (completa em 29 de agosto) num momento delicado. Na década de 90, ele esteve envolvido em acusações de pedofilia – não comprovadas, elas só foram silenciadas após um acordo extrajudicial que custou milhões. Viveu um casamento malsucedido com Lisa Marie Presley (filha de Elvis) e agora experimenta outro, também controverso, com a enfermeira americana Debbie Rowen, que lhe deu dois filhos, Prince e Paris.

Atualmente, Michael trabalha ao lado dos irmãos, ex-colegas no Jackson Five, e do produtor Babyface (Midas do pop negro americano atual, que já trabalhou com Madonna e Eric Clapton), promove projetos na área social e tenta manter o status de "Rei do Pop". Pode vir aí uma virada.

Trono recuperado

Thriller, álbum de 1983 considerado o ponto alto da carreira do cantor, voltou este ano a ocupar o posto de disco mais bem-sucedido na história da música pop: 25 milhões de cópias vendidas. *The Greatest Hits 1971-1975*, do grupo de country-rock californiano Eagles, que havia ultrapassado o disco de Jackson, caiu para segundo.

Discos

Michael deve lançar dois discos até o final de 1998. O primeiro é a tão sonhada reunião do Jackson Five, com seus irmãos. O segundo, com material inédito, será produzido por Babyface. Mesmo que o álbum saia depois da reunião do Jackson Five, o cantor não quer dar nenhuma canja para os parentes. Três criações dele para o trabalho com o grupo foram "transferidas" para o seu novo álbum simplesmente porque eram boas demais.

We Are The World 2

Michael também planeja uma segunda versão do projeto *We Are The World*, dessa vez para salvar as crianças da Coréia do Norte. Ele quer fazer um megashow em Seul no dia 11 de outubro, com as presenças do tenor italiano Luciano Pavarotti, da cantora Celine Dion (famosa mundialmente pelo tema de *Titanic*), da atriz Elizabeth Taylor e dos esportistas Tiger Woods (golfista negro americano) e Michael Jordan (o Pelé do basquete).

O cantor também deve montar um cassino na cidade americana de Detroit. Construída em parceria com o magnata Don Barden, a casa, batizada como Magic Kingdom (Reino Mágico), terá um custo de 3 bilhões de dólares.

"Agora, o espírito me inspira mais do que o corpo"

[illegible] (alegando diferenças artísticas com Craven, Madonna desistiu do projeto), desisti das aulas.

Como você reagiu à polêmica sobre o clipe de "Drowned World" (*que mostra Madonna sendo perseguida por paparazzi e foi acusado de explorar a memória da princesa Diana*)?

Fiquei realmente surpresa. Não há nada de princesa Diana nesse clipe. Ele é sobre relacionamento com a fama e mostra *paparazzi*. Acho que tive algumas experiências com eles, não é mesmo? O vídeo *The Drowned World* é sobre um dia na vida de uma pessoa famosa. No caso, eu mesma. Num vídeo há também a colaboração do diretor, suas idéias e seu modo de olhar o mundo. Eu entendo que clipes são poemas. Poemas estão para a prosa como clipes para filmes. São uma forma de expressão intensa e uma grande maneira de se expressar.

Quando saiu *Ray Of Light*, você chegou a mencionar que mais tarde sairia um álbum de remixes, *Veronica Electronica*. Esse disco está confirmado? Foi dito também que seria lançada uma coletânea de clipes definitiva sobre sua carreira.

Na verdade, não tenho planos para *Veronica Electronica* ainda e esta coletânea de clipes [illegible] completa [illegible]. A minha produtora está desenvolvendo um programa para a TV que é baseado em *Na Cama Com Madonna*. Mas posso dizer que não vou [illegible] programa talvez tenha outro nome.

Você recentemente adiou um projeto para viver a personagem Maggie The Cat numa montagem de *Gata Em Teto De Zinco Quente* (um dos textos mais famosos do dramaturgo americano Tennessee Williams, recentemente encenado no Brasil com Vera Fischer no mesmo papel) que seria realizada em Londres. Por quê?

Na verdade, ainda estou interessada no papel de Maggie [illegible] personagem [illegible]. Não sei se vai ser [illegible], mas esse [illegible] projeto [illegible] teatro este ano.

Além de ioga, que outros cuidados especiais você tem consigo mesma?

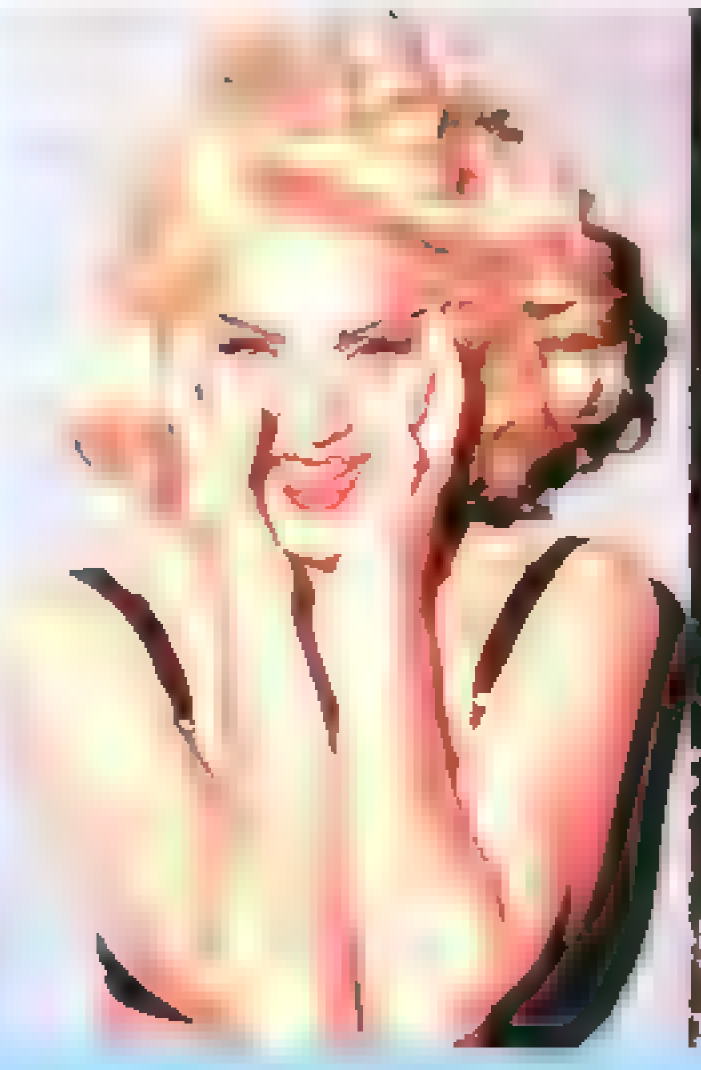
Estou me envolvendo bastante com sânscrito e cabala, que é uma interpretação mística do Velho Testamento. Quando estou em Los Angeles, tenho aulas [illegible] da semana. Esse tipo de coisa realmente [illegible] agora [illegible] espírito [illegible] mais [illegible] que o corpo. Estar aberto para o novo e [illegible] de ter um olhar renovado para as coisas. Quando estou em Nova York, tem [illegible] sempre [illegible] com uma professora [illegible] revelador.

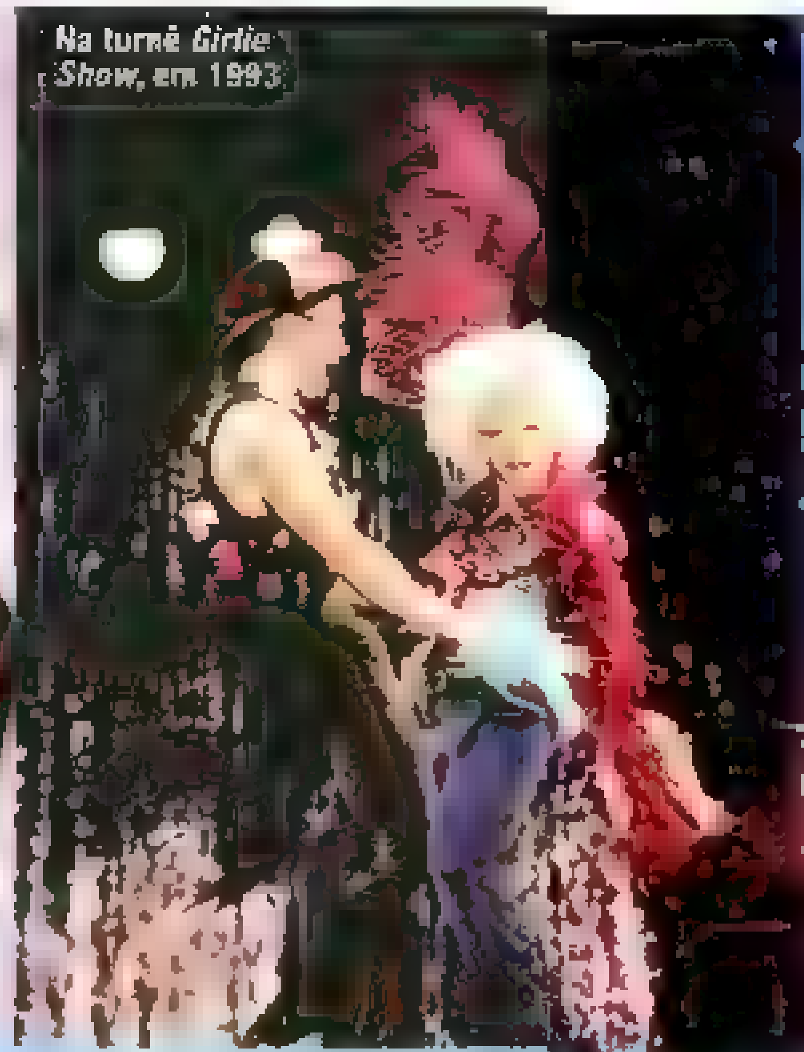
Você tem algum sonho que ainda não realizou?

Muitos sonhos. [illegible] quatros [illegible] [illegible] possa realizar e [illegible] para realizá-los. Não que eu ache que possa fazer tudo que quero, é só uma forma de pensar. Este é [illegible] sonho. Me deixe reunir as pessoas que acho que [illegible] e vamos ver o que acontece. [illegible] frente.

Como você se vê daqui a dez anos, aos 50?

Essa é difícil. Seu tempo acabou.





Na turnê *Girlie Show*, em 1993

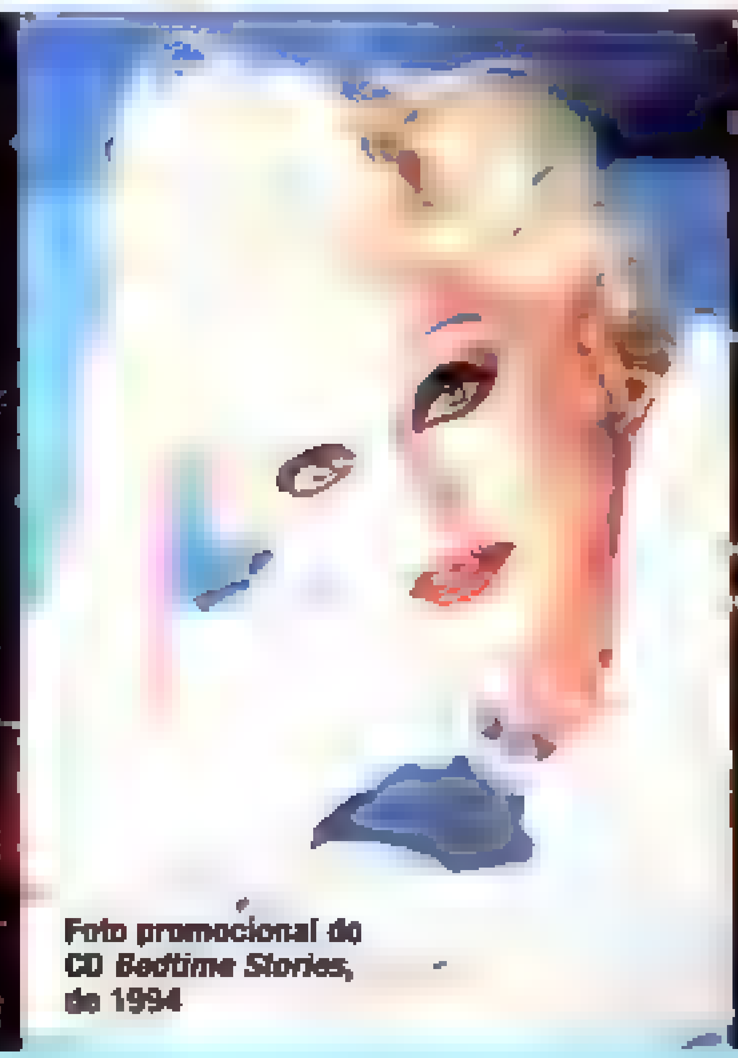
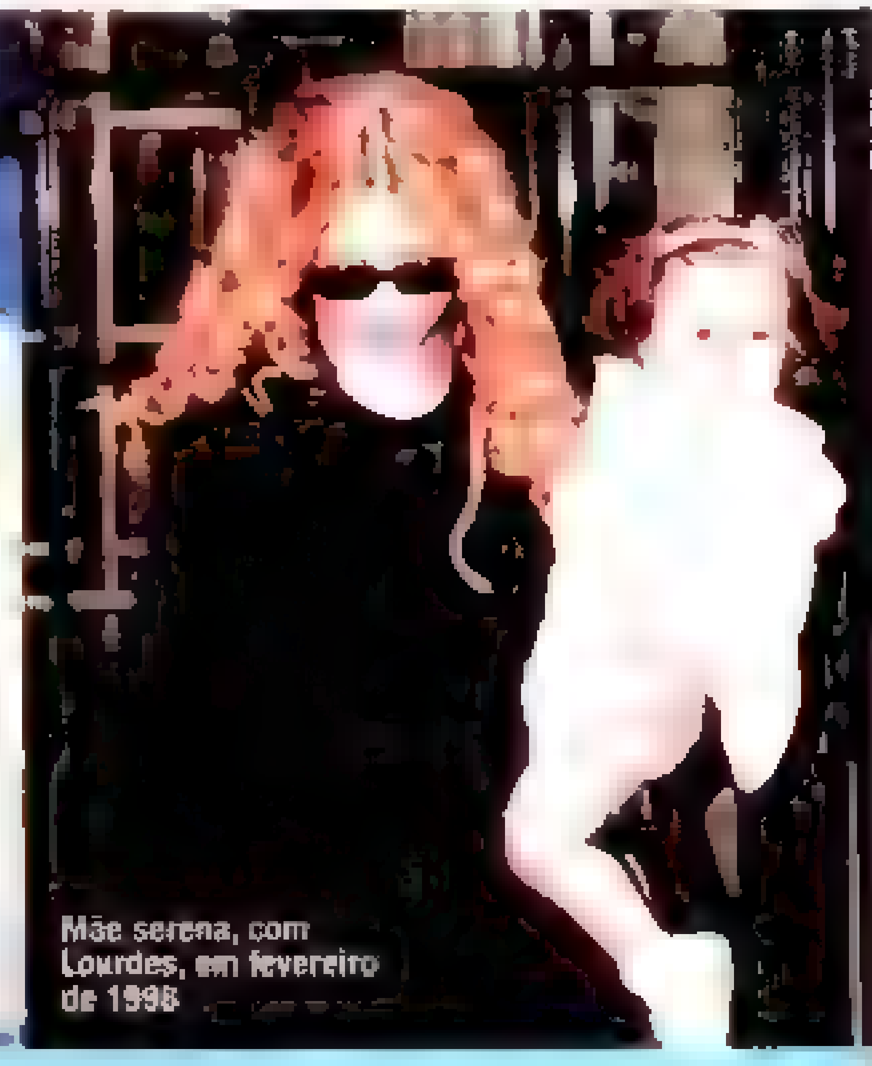
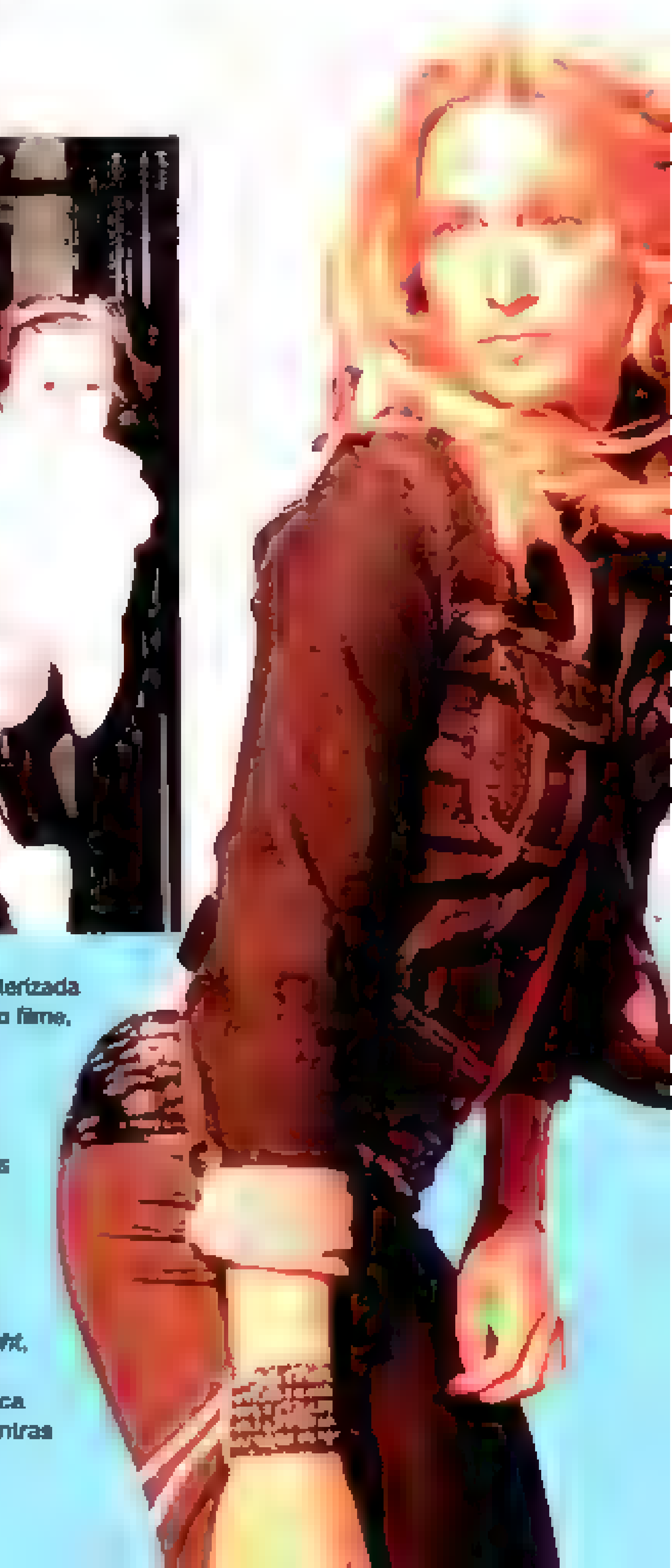


Foto promocional do CD *Bedtime Stories*, de 1994



Mãe serena, com Lourdes, em fevereiro de 1998



1989-1998

Separa-se definitivamente de Sean em 10 de janeiro de 1989, alegando "diferenças irreconciliáveis".

Lança o aclamado álbum *Like A Prayer*. Mas o vídeo de "Like A Prayer" (com um Jesus negro erotizado) é banido pelo Vaticano e a Pepsi cancela seu contrato.

Em 1990, atua no filme *Dick Tracy* e namora Warren Beatty. Para uma cena com blusa transparente, faz plástica nos seios.

No vídeo de "Justify My Love" (inédita incluída na coletânea *The Immaculate Collection*, de 1990), beija a modelo brasileira Luciana Silva e o namorado Tony Ward. A MTV americana bane o clipe.

O filme *Na Cama Com Madonna* documenta a turnê *Blonde Ambition* e traz cenas controversas em que ela simula sexo oral com uma garrafa.

Madonna forma a Maverick, corporação com gravadora, editora e produtora de TV. (O nome vem das primeiras sílabas de Madonna Veronica e da última de seu empresário, Frederick DeMann.)

Atua no filme *Uma Equipe Muito Especial*.

Lança em 1992 o livro *Sex*, com 128 páginas de fotos chocantes. Nudez, sadomasoquismo, lesbianismo e até zoofilia... *Erotica*, um bom disco, é ofuscado pelo escândalo do livro, que hoje, esgotado, é vendido a 500 dólares.

Em outubro de 1993, a turnê *The Girlie Show* baixa no Morumbi, em São Paulo, e no Maracanã, no Rio.

No ano seguinte, sai o disco *Bedtime Stories*, mais *low profile* e sofisticado. "Take A Bow", com colaboração de Babyface, é um enorme hit.

Em 1995, ganha o papel de *Evita*, filme musical co-estrelado por Antonio Banderas. Tem aulas de canto e de interpretação. Apesar da indignação popular argentina, filma na Casa Rosada (depois de um chá com o presidente Carlos Menem).

Em novembro de 1995 sai *Something To Remember*, compilação de baladas.

Durante as filmagens de *Evita*, anuncia que está grávida de seu ex-treinador físico, Carlos León. Os dois haviam se conhecido dois anos antes, quando faziam cooper no Central Park, em Nova York. O relacionamento não dura.

Lourdes Maria Ciccone Leon nasce em 14 outubro de 1996, de cesariana, em Los Angeles.

Dois meses depois, Madonna aparece caracterizada de *Evita* na pré-estréia do filme, em Los Angeles.

Em janeiro de 1997, ganha o Globo de Ouro como melhor atriz de musical ou comédia, mas não é indicada para o Oscar.

Troca a musculação por ioga. Em março de 1997, lança o elogiadíssimo *Ray Of Light*, produzido pelo inglês William Orbit, com música eletrônica ambient, mantras e letras confessionais.

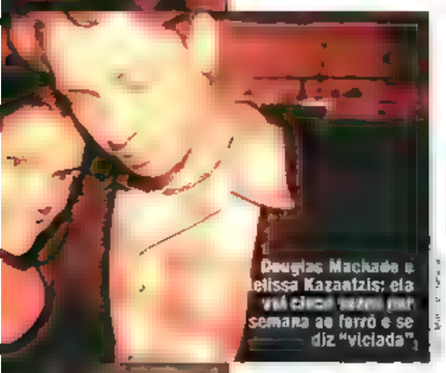
PROCURE
O IMPOSTOR
CINZA
E GANHE
100 REAIS*
NA HORA.
ACHOU, GANHOU. DOIS MIL PRÊMIOS
DE R$ 100,00* E DEZ MIL PERSONAGENS
M&M's DE PELÚCIA.
MAIORES DETALHES
NO INTERIOR DAS EMBALAGENS
DE M&M's
M&M's
CHOCOLATE
M&M's FALSOS INVADIRAM AS EMBALAGENS DE M&M's
ELES SÃO CINZAS TÊM UMA CASQUINHA DURA
E NÃO POSSUEM A MARQUINHA DO "M"
SE VOCÊ ENCONTRAR GUARDE A EMBALAGEM
E TROQUE POR 100 REAIS*
M&M's
"O CHOCOLATE QUE DERRETE NA SUA BOCA E NÃO NA SUA MÃO."®
* EM TÍTULOS DE PREVIDÊNCIA PRIVADA
PROMOÇÃO VÁLIDA DE 1 DE MAIO A 1 DE OUTUBRO DE 1[illegible]

Arretados do sudeste

Jovens de São Paulo e Rio de Janeiro varam noites dançando o mais autêntico forró nordestino

por Danilo Monteiro

*colaborou Bernardo Araújo



Assim como abrigam uma numerosa tribo *clubber*, que dança a música eletrônica produzida na Inglaterra e na Europa, São Paulo e Rio de Janeiro têm visto crescer uma legião diferente. Com a mesma sede de diversão e de dança, só que fissurada pelo forró de raiz, também conhecido como pé-de-serra. Na capital paulista, de terça a domingo, esse povo bate coxa em sete casas diferentes. Elas cobram até 20 reais de entrada e recebem um público jovem bem diferente dos migrantes nordestinos habitualmente apaixonados pelo ritmo. Aos sábados, um censo nessas pistas elitizadas da paulicéia ultrapassaria a casa das 5 mil pessoas – gente acostumada a ver grandes eventos de rock e de MPB. No Rio, até o Metropolitan, maior casa de shows da América Latina, programou uma noite com Forróçacana e Trio Forrozão no final de julho.

"Falam em modismo, mas a popularidade do forró vem de uma retomada de valores brasileiros"

Hélder Vasconcelos, do grupo Mestre Ambrósio

O pessoal está mais ligado no forró tradicional do que a própria turma do Nordeste, observa Alreu Valença, que se surpreendeu com o fenômeno em abril, ao fazer uma apresentação para 500 pessoas na casa paulistana Projeto Equilíbrio. Acostumado a trabalhar com hibridismos nordestinos, ele produziu independentemente um álbum purista, *Forró De Todos Os Tempos*, que já vendeu 150 mil cópias. O disco foi comprado e lançado pela Sony Music em maio de olho no crescimento do filão e na emergência da chamada "axente music". O novo rótulo, referência à axé music baiana, se aplica ao forró "modernizado e musicalmente empobrecido de grupos cearenses, como Mastruz Com Leite, Os Magníficos e Limão Com Mel".

O maracatu divertido por Chico Science ainda atrai multidões

"Falam muito em modismo. Mas eu acredito que a popularidade atual do forró está ligada a uma retomada de valores mais brasileiros", defende Hélder Vasconcelos, vocalista e sanfoneiro do quinteto pernambucano Mestre Ambrósio, o mais respeitado entre a nova geração de forrozeiros autênticos, contratado pela Sony. Depois de lançar um álbum independente em 1996 (*Mestre Ambrósio*), o grupo fez uma temporada de três meses no antigo clube Bien Bien (hoje KVA, maior casa de forró-jovem em São Paulo). "O que me admira no Sudeste é o apreço pela qualidade. No Nordeste as pessoas deixaram de escutar Dominguinhos, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, ouvem mais esse forró eletrificado, rasteiro, que surgiu no Ceará. A história com o forró é cíclica. Ele só estava precisando de ícones para levantá-lo", afirma Hélder. Ele acredita que a nova mentalidade entre o público jovem tem a ver com o trabalho de divulgação do maracatu feito por Chico Science & Nação Zumbi. "Chico teve uma importância muito grande na redescoberta do Brasil, pegou a raiz e a jogou na linguagem da garotada", observa o compositor e cantor cearense Saldanha Rolim, 40 anos. Ele lançou três discos independentes antes de soltar *Forró Do Caipira Pop*, seu primeiro CD com lançamento nacional pelo selo Dubas/WEA.

Os dois grandes responsáveis pelo fenômeno são Chico Science e Mestre Ambrósio", aponta o DJ carioca Marcelo Janot. Em abril do ano passado, impressionado por um show do Mestre Ambrósio, ele introduziu o forró nas festas que comandava no extinto Cabaré Kalesa, no Centro do Rio. Depois, trabalhando em outra casa da Zona Sul, Ballroom, Janot viu o projeto Raízes, que pilotava com o Trio Forrozão, tornar-se uma rara história de sucesso na combalida noite carioca. "Antes era um pessoal meio neo-hippie, que fazia ciranda. Depois começaram a aparecer mauricinhos e rasgou geral."

"Tenho uma fita do Forrozão e ouço sem parar", contava a estudante de Psicologia Raquel Dória, de 21 anos, num sábado chuvoso e frio de julho, sob um galpão chamado Malaguela, em São Cristóvão, no Rio. Com ela, 3 mil pessoas enchiam o espaço, cheias de disposição para um rastapé que, às 3h, depois de shows de Forróçacana, Lenine e Pedro Luís E A Parede, estava só começando.

Liderado pelo paraibano Sebastião Bastos Brilhante, dono da Barraca do Bastos, na Feira de São Cristóvão (tradicional reduto da colônia nordestina), o Forrozão não chega a se constituir em novidade cultural.

Cariocas trocam Jimi Hendrix por Jackson do Pandeiro

Já o Forróçacana, formado por jovens que estudaram no Colégio São Vicente, um dos mais tradicionais da Zona Sul carioca, com certeza é inovador. Camisa Adidas, franja e óculos escuros, o visual do sanfoneiro Guilherme de Souza Leão Maravilhas, o Maré, lembra o do roqueiro Liam Gallagher, do Oasis. Depois de viagens a Itaúnas (ES) e a Bahia, porém, ele trocou o violoncelo pelo instrumento de Luiz Gonzaga, e seu companheiro Carlos Abreu (ou Cachaça, como o sambista da Mangueira) trocou as influências de Led Zeppelin e Jimi Hendrix pelas de Jackson do Pandeiro. "A presença do samba carioca no trabalho dele é forte", ressalta Carlos, que toca guitarra e cavaquinho no Forróçacana, e deixa claro que o grupo não tenta macaquear o som pé-de-serra nordestino.

"Nos nos conhecemos aqui", orgulhava-se Denise Diandra, 16 anos, ao lado do namorado Pablo Peinado, 19, num sábado à noite, no mezanino do KVA.

Conheci o forró no começo do ano. Fui com alguns amigos, nem estava muito a fim", lembra Pablo, fotógrafo e ouvinte habitual de techno e MPB. Agora, toda semana, o casal sai para dançar coladinho ao som de Trio Nordestino, Elba Ramalho e Luiz Gonzaga.

Atualmente na capital paulista há sete danceterias que têm pelo menos uma noite consagrada ao gênero. Curiosamente elas se dispõem ao redor do Largo de Pinheiros, tradicional ponto de nordestinos próximo de bairros de elite, como Jardins, Vila Madalena, Morumbi e Itaim. Esses migrantes não freqüentam lugares como o KVA, onde se pagam 20 reais para entrar (sem consumação), 7 reais de estacionamento e 2,50 reais a cerveja. »»

O grupo pernambucano Mestre Ambrósio está com disco pronto para ser lançado pela Sony

Prodígios nas pistas há 40 anos

Gonzagão, gigante da cultura brasileira

Luiz Gonzaga (1912-1989) colocou o Nordeste no mapa da música popular brasileira, vencendo preconceitos e dando uma identidade visual ao homem de sua região. Nascido em Exu, em Pernambuco, herdou do pai, Januário, a profissão de sanfoneiro. Desceu para o Rio, onde começou tocando na zona de meretrício, o Mangue. Lá, desfiava de Carlos Gardel a valsas de Strauss e venceu como músico. Mas só virou ídolo, um gigante da cultura brasileira, cantando as melodias e as histórias do seu sertão. Rei do baião, do xote e do xaxado, marca registrada de tudo que saiu do Nordeste depois dos anos 50, ele deixa criações que provam sua genialidade em qualquer pista de dança: "Vem, Morena", "Baião", "Cintura Fina", "Imbatança", "O Xote Das Meninas".

Jackson do Pandeiro, intérprete genial

Intérprete altamente inventivo (tão criador quanto os compositores, em certos casos), José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro (1919-1982), é o outro grande pilar da música nordestina. Apelidado Jack pela paixão de garoto por filmes de faroeste, este paraibano começou acompanhando a mãe na zabumba.

Em dupla com Almira, cantando cocos, rojões e emboladas de Edgar Ferreira, Rosil Cavalcanti e Gordurinha, ele fez furor no Rio da década de 50. Músicas como "Sebastiana", "Chiclete Com Banana", "O Canto Da Ema" e sucessos de Carnaval, como "Vou Ter Um Troço", imortalizam seu talento.

No KVA, em São Paulo, jovens de classe média alta pagam até 20 reais para entrar no rastapé

O preço, no entanto, não parece afugentar a freguesia. A casa tem sessões diárias e recebe mais de mil pessoas aos sábados. "O pessoal aqui curte o pé-de-serra", aponta Graça Cremon, produtora das noites do KVA há seis meses, referindo-se à corrente mais autêntica do forró (o nome vem da música "No Meu Pé De Serra", primeira parceria entre Gonzagão e Humberto Teixeira). A "oxente music", que é executada o dia inteiro nas lojas de disco do Largo de Pinheiros, não tem vez ali. "Uma noite o DJ colocou Limão Com Mel e todos pediram para tirar", conta Pedro Carvalho, 18 anos, assistente de Graça.

Mais surpreendentemente ainda, o centro difusor dessa mania não está no Nordeste: fica mais embaixo, no extremo norte do Espírito Santo, em uma vila chamada Itaúnas, distrito do município de Conceição da Barra. O lugarejo, que não tem rua asfaltada, era frequentado quase que exclusivamente por mineiros e hippies até o começo da década, quando começou a sofrer uma invasão paulista. "O pessoal ia com amigos por causa das praias e das dunas e acabava no forró à noite, era a única coisa que tinha para fazer", explica o produtor Carlos Magno, um dos introdutores do forró-jovem em São Paulo. "Hoje o processo se inverteu, o pessoal vai para dançar", completa Magno, que conhece Itaúnas desde 1990. Segundo o dono do Remelexo, Ednei dos Santos, que há quatro anos transformou sua pizzaria em forró (com capacidade para 500 pessoas), "a cada seis meses, depois das férias, aumenta o público".

Esse fluxo turístico trouxe de Itaúnas também a bebida típica do forró-jovem, a Xiboquinha, uma mistura de pinga, cravo, canela e outros ingredientes. O drinque é fabricado em São Mateus, cidade vizinha a Itaúnas, e já extrapolou o circuito da dança, podendo ser encontrado também em diversos bares na cidade. "Até agora, já foram catorze garrafas", atestou, às 2h30 da madrugada de um domingo, o barman Eduardo Andrade, do Remelexo.

Na falta de pés-de-valsa, mulher dança com mulher

São muitos os rapazes com dificuldades nos passos do bate-coxa. Por isso, é comum ver mulher evoluindo com mulher pelas pistas forrozeiras do Rio e de São Paulo. No KVA, quem chega até as dez e meia de sábado tem até aulas gratuitas. Mas não é muito difícil assimilar os ritmos que compõem o forró: o xote é "dois para lá, dois para cá" lento; o baião é igual, porém mais rápido; e o arrasta-pé, no esquema "um para um". "Todo mundo lá na faculdade sabe", conta Rodrigo Bergel, 22 anos, estudante da ESPM, Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Tanta febre bailarina não tem inspirações puramente musicais, claro. "O negócio é ter cara de pau. Quando estou de olho numa menina, pergunto se ela não quer me dar uma aulinha", confidencia Alexandre D'Agostino, 20 anos, fã do rock de Suicidal Tendencies. "O xote é lento, fácil de aprender: dá para conversar durante a dança e ganhar uma menina", ensina o produtor Paulinho Rosa.

Libido à parte, o programa é cativante. Não são poucos os que, como a estudante Melissa Kazantzis, 22 anos, assumidamente "viciada em forró", saem para bater coxa cinco vezes por semana. As casas paulistanas capricham: não confiam na frieza da música mecânica e têm sempre gente tocando ao vivo.

Entre os músicos, há os que já trabalhavam há muito com o gênero, como o Trio Chamego, dezoito anos de batalha. Dió de Araújo (zabumba e voz), Joãozinho do Acordeon e Zequinha do Triângulo. No repertório, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e, na expressão de Dió, "a moçada de hoje: Elba, Alceu...".

Também há os que trabalhavam em terrenos vizinhos e se achegaram, como o violeiro Miltinho, Prêmio Sharp de Revelação Regional de 1998. Há três anos, porém, vem trabalhando nas casas de forró jovem. A maior parte das composições executadas nesses shows fala do universo dos frequentadores. "Sou um repórter", explica Miltinho, que vai lançar um disco gravado ao vivo no KVA. Ele completa citando uma de suas letras: "O forró é o cenário de muitas histórias de amor, de perfume de flor e ciúme".

Na banda de Miltinho, há outros "migrantes". O sanfoneiro Gabriel Levy, também integrante do grupo Mafuá, é pianista erudito. Começou a se aventurar pelo novo instrumento há quatro anos. Já a cantora Janaína de Souza é atriz e fez sua estréia no microfone há seis meses, numa canja com o Trio Virgulino. O cachê, em porcentagem de bilheteria, fica na casa dos 1,2 mil reais.

Esse é um dos motivos pelos quais os forrozeiros mais famosos não se apresentam muito nessas casas. O cachê de Dominguinhos, por exemplo, é de 10 mil reais. Ele mora na capital paulista, mas faz a maior parte de seus shows no Norte e Nordeste. "Quando consigo 5 mil em São Paulo, acendo todas as velas", brinca. E emenda: "Mas acho muito bacana o pessoal novo estar gostando do pé-de-serra, do forró mais autêntico".

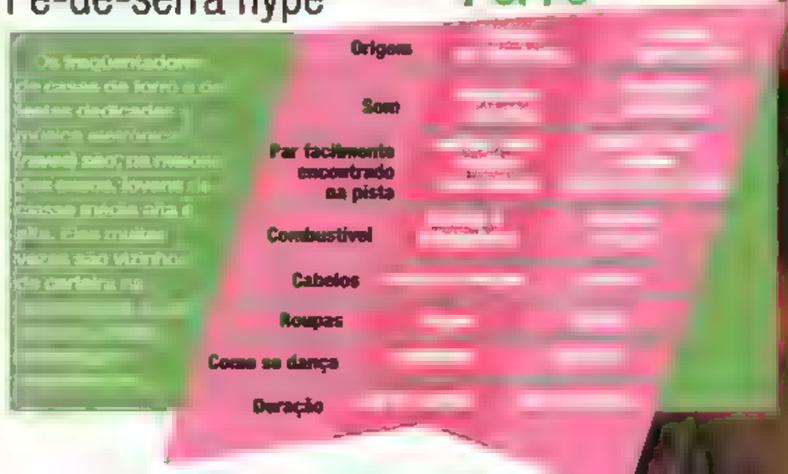
O modo de dançar praticado pelos jovens pares paulistanos tem causado sustos em alguns nordestinos de passagem pela cidade, pela influência que os passos receberam da salsa e da lambada. Ednei dos Santos, do Remelexo, já se acostumou a ouvir reclamações: "Isso não é forró!". Sem se incomodar com purismos, os dançarinos estendem a folia até as 6 da manhã.

Tanto no Rio quanto em São Paulo falta homem para tirar para dançar

O [illegible] embala rastapés no [illegible], em Sampa

O maior centro de difusão do forró entre os jovens paulistanos não fica no Nordeste: é a vila de Itaúnas, no Espírito Santo, antigo paraíso hippie

Pé-de-serra hype



Onde as coxas batem

São Paulo

[illegible] Rua Waldemar Ferreira, 50, Butantã, tel.: (011) 814-0538; de terça a domingo, a partir das 23h; entrada a 10 reais. Com a banda Trio Crispiniano e outros.

[illegible] Rua Fradique Coutinho, 1416, Vila Madalena; tel.: (011) 210-0891, às terças e sábados, a partir das 22h, e domingos, a partir das 21h; entrada a 10 reais; com Trio Chamego e outros.

[illegible] Rua Cardeal Arcoverde, 2958, Pinheiros; tel.: (011) 870-2153; todos os dias, a partir das 19h (domingo), 21h (segunda) e 22h30 (outros dias); entrada de 5 a 20 reais, de acordo com o dia (segunda é grátis); com Miltinho e outros.

Pró[illegible] Equilíbrio: Rua Eugênio de Medeiros, 287, Pinheiros, tel.. (011) 813-9240; às quartas e sextas, a partir das 23h; entrada a 12 reais, aceita carteirinha de estudante; com banda Mafuá e outros.

[illegible] Rua Mourato Coelho, 818, Vila Madalena; tel.: (011) 210-1073; às quintas e domingos, a partir das 20h; entrada a 5 (domingo) e a 10 reais (quinta); com Trio Virgulino e outros.

[illegible] Rua Paes Leme, 208, Pinheiros; tel.: (011) 212-9225; de quarta a domingo, a partir das 22h30; entrada a 5 e a 10 reais; com Boi de Lata e outros.

[illegible] Rua Brigadeiro Haroldo Veloso, 150, Itaim; tel.: (011) 3872-1575; às sextas, a partir das 22h; entrada a 10 reais; com Trio Sabiá.

Miltinho, no KVA

Rio de Janeiro

[illegible] na Feira de São Cristóvão, Campo de São Cristóvão, próximo ao Adegão Português; sábados, 22h; grátis, com o Trio Forrozão.

[illegible] Rua Carneiro de Campos, 31, São Cristóvão; tel.: (021) 589-6053; sextas, às 23h; entrada a 15 reais; com o Forróçacana e convidados.

[illegible] The Ballroom, Rua Humaitá, 110, Humaitá, tel.: (021) 537-7600; quintas, às 22h30; couvert: 8 reais (até 0h) e 10 reais (depois); com o Trio Forrozão e convidados.

[illegible] Avenida Almirante Alexandrino, 606, Santa Teresa; tel.. (021) 220-2005; periodicidade irregular.

[illegible] Quinta do Bosque, Rua Prefeito João Felipe, antigo nº 9, ou Clube Lagoinha, Estrada Joaquim Mamede, 125, Santa Teresa; tel.: (021) 508-7320; uma sexta-feira por mês; de 5 a 15 reais; com o Trio Forrozão.

[illegible] Fundição Progresso, Rua dos Arcos, 24/50, Centro; tels.. (021) 220-5022 e 220-5070.

O povo no Malagueta (Rio)

"Qualquer Dia, Vão Acabar Fazendo A Festa do Oscar na Nossa Sala"

Rodolfo R. A. Araujo e Victoria H. M. Araujo, economista e administradora de empresas, assinantes da DIRECTV™

"And the Oscar goes to... Rodolfo R. A. Araujo." Do jeito que andam as coisas na casa do Rodolfo e da Victoria H. M. Araujo não vai ser difícil ouvir essa frase. Todo dia eles têm alguma superprodução acontecendo na sala, que por sinal já está virando um ponto de encontro do pessoalzinho mais badalado de Hollywood.

A Michelle Pfeiffer, o Robert Redford e muitos outros disputam para ver quem vai entrar na casa deles.

E não é só o Óscar que pode acontecer por lá. Campeonatos nacionais e internacionais de futebol, basquete, tênis, shows de rock, concertos internacionais, grandes festas. Com tanta agitação é lógico que os maiores jornalistas do mundo também têm que estar presentes. Até um satélite exclusivo está voltado para a casa deles! E tudo isso porque eles são assinantes da DIRECTV.

DIRECTV faz parte da vida do Rodolfo e da Victoria. Graças a ela, o casal tem acesso a melhor programação de televisão do mundo. Com a DIRECTV, qualquer pessoa pode ter até 150 canais com som de CD e imagem de cinema. É uma programação que tem um pouquinho de tudo: canais de áudio, de pay-per-view infantis e adultos. O assinante transforma a sua TV em uma verdadeira máquina de diversão via satélite.

DIRECTV faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem prefere se divertir estudando a semântica dos prolóquios da Índia Antiga no original, em sânscrito.

Faz parte da vida de quem assiste TV: além da DIRECTV, a TVA, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril. Faz parte da vida de quem lê revistas: são quase 200 títulos diferentes. Faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música e livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo. Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 1,3 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

A viúva alegre

Lançando um disco leve e feliz, Courtney Love quer fazer o mundo esquecer seu conturbado passado com Kurt Cobain

por André Barcinski, de Los Angeles (EUA)

[illegible]

"Sua entrevista com Courtney Love e o grupo Hole está confirmada." O aviso preocupou. São muitas as histórias de horror envolvendo a cantora e seu relacionamento com a imprensa. Temperamental, por vezes violenta, a líder do Hole e viúva de Kurt Cobain (ex-cantor e guitarrista do Nirvana, talvez a banda de rock mais importante dos anos 90) já agrediu várias pessoas e até ameaçou de morte alguns jornalistas.

Os admiradores deliram com sua verve e sua música; os detratores a acusam de oportunista e carreirista. Segundo eles, trata-se de uma tiete sem talento que deu o golpe do baú ao se casar com Kurt Cobain e que depois aproveitou a fama obtida à custa do marido para se lançar em empreitadas hollywoodianas tipo *O Povo Contra Larry Flynt* (do diretor tcheco Milos Forman). »

Em busca de uma nova imagem, Love quer controlar tudo o que é publicado a seu respeito

Courtney tem apenas 34 anos, mas já viveu mais que muita gente de 100. Nascida Love Michelle Harrison em 4 de julho de 1964, é filha de Hank Harrison e Linda Carroll. O pai era empresário do Grateful Dead, o que já garantia a esquisitice e um suprimento permanente de drogas em casa. Aos 13, ela foi presa por roubar camisetas do Kiss e passou alguns meses num reformatório.

GRATEFUL DEAD
Mais que um grupo, uma comunidade que [illegible] hippie baseada em drogas, como a maconha e o LSD. Surgiu em São Francisco, EUA, em 1965, e ainda está na ativa.

Assim que saiu da detenção, Courtney se mandou para a Inglaterra e caiu no meio da cena pós-punk. Virou *groupie* (tiete) do Joy Division e aprendeu a tocar guitarra vendo Will Sergeant, do [illegible]. Não dá para imaginar o trauma psicológico que deve ter sido para uma menina de 15 anos vivendo na estrada com o Joy Division, grupo cujo líder, Ian Curtis, enforcou-se em 1980.

ECHO & THE [illegible]
[illegible] de Liverpool que fez história nos anos 80. Psicodelia, letras poéticas de bom nível e grandes shows.

De volta aos EUA, Courtney foi dançarina de strip-tease no Alasca, fez parte da formação original do Faith No More e fundou o Sugar Baby Doll com Kat Bjelland (Babes In Toyland) e Jennifer Finch (L7). Em 1989, conheceu o guitarrista Eric Erlandson e juntos montaram o Hole. Dois anos depois, se apaixonou por Kurt Cobain. Casaram-se e tiveram uma filhinha, Frances Bean Cobain, hoje com 5 anos.

As exigências da cantora para conceder a entrevista beiravam a paranóia (*veja texto de abertura na pag. 32*): assuntos espinhosos, como o suicídio de Cobain e o lançamento do documentário *Kurt E Courtney*, que levanta a hipótese absurda de que ela estaria por trás da morte do marido, não poderiam ser abordados.

Mas Courtney reservava uma boa surpresa: bem-humorada, bonita, está a anos-luz da arrogância *junkie* que transpirava há algum tempo. Ela diz que é uma nova mulher: tem uma filha linda, converteu-se ao budismo, abandonou "velhos hábitos nocivos" e está orgulhosíssima do novo disco. Os outros integrantes do Hole – Eric Erlandson (guitarra) e Melissa Auf Der Maur (baixo) – parecem contentes com a nova Courtney.

O Hole é uma banda feliz...

Love em dois momentos: ao vivo, em 1997, e em 1993, acima, com uma formação anterior do Hole (a baixista Kristen Pfaff, na extrema direita, morreu por overdose em 1994)

SHOWBIZZ – *Celebrity Skin*, o novo trabalho da banda, demorou quase um ano para ser gravado. Os dois álbuns anteriores, *Pretty On The Inside* (1991) e *Live Through This* (1994), saíram muito mais rápido...

Melissa Auf Der Maur – Foi um processo lento. Gravamos em quatro estúdios diferentes (em Los Angeles, Nova York, Londres e Miami) e tivemos todo o tempo do mundo para experimentar.

Courtney Love – Nosso processo de composição é muito esquisito. Nós compomos por etapas. Alguém chega com uma idéia, depois outro dá uma sugestão e assim vamos construindo as músicas.

Vocês compõem sempre em conjunto?

Courtney – Sempre. Todo nosso processo de composição é coletivo. As vezes acontece de uma boa idéia surgir durante um show ou uma passagem de som. Nesse disco aconteceu isso: Eric teve a idéia da base para "Northern Star" durante um ensaio.

Eric Erlandson – Não, eu mostrei a música para vocês durante um ensaio, mas eu a havia escrito bem antes!

Courtney – Eric, você precisa ficar me corrigindo toda hora? Se fizer isso de novo, vou te dar um tiro! *Risos*

Não é difícil gravar um disco durante um período tão longo?

Melissa – Sim. Tivemos de nos encapsular em nosso próprio trabalho. Para não perdermos a concentração no que estávamos fazendo.

Courtney – Essa questão de levar muito tempo para gravar é importante, porque tem muita gente que grava discos ótimos e depois estraga tudo com uma produção exagerada. O ideal é conseguir um equilíbrio entre a qualidade técnica e a rusticidade.

Ninguém quer fazer um disco mal gravado, mas também não é preciso polir demais as coisas. Ninguém deve pensar demais na hora de fazer sexo, por exemplo. O ideal é deixar as coisas correrem o seu curso normal. Bom sexo é aquele que tem falhas, como o bom rock. Veja o *Led Zeppelin IV* (disco clássico do rock, lançado pelo quarteto inglês em 1971, contém o hino hippie "Stairway To Heaven") tem um monte de falhas, instrumentos desafinados, mas é bom pra caceta.

Parece que Billy Corgan, dos Smashing Pumpkins, deu uma mão para vocês *(o próprio deu declarações se gabando de ser o* ghost writer *de Courtney)...*

Courtney – Billy Corgan ficou no estúdio com a gente por doze dias. Eu pedi para ele nos ensinar algumas coisas, como técnica de composição.

Sou uma boa compositora de rock, sei escrever boas músicas, mas não entendo muito de técnica. Billy me forçou a ser mais exagerada, tentar coisas mais complexas e inusitadas. Me senti como se fosse adolescente de novo, tendo de assistir a uma aula de Matemática na escola.

Mas aí não voltamos à conversa da técnica substituindo a espontaneidade?

Courtney – Não vejo problema algum em tentar melhorar como compositora e guitarrista. Acho uma babaquice esse negócio de dizer: "Eu não preciso aprender a tocar". Isso é infantil e já arruinou muitas bandas. As vezes eu penso em bandas maravilhosas, como [illegible]. Onde elas teriam chegado se tivessem aprendido mais técnica? Teriam dominado o mundo!

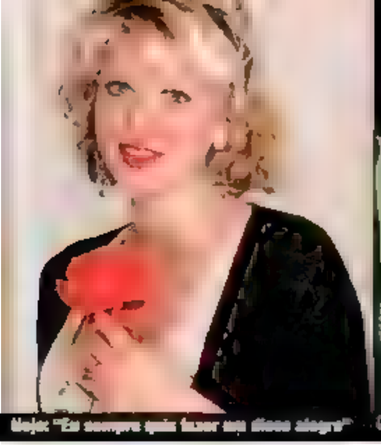
***Celebrity Skin* é um LP bem mais pop, não?**

Courtney – Sem dúvida. Desde que eu era criança meu grande sonho sempre foi fazer o álbum pop perfeito, um disco que me fizesse chorar de tão bonito e alegre. (*Nesse momento, um garçom entra na suíte. Courtney pára de falar, irritada. Seria algum espião? A obsessão da banda com o sigilo beira o doentio...*)

Falar de desgraça é fácil: qualquer um pode escrever uma letra depressiva sobre morte e drogas. Difícil é fazer algo realmente inspirado! »»

SONIC YOUTH
Patronos do rock alternativo americano, surgiram em Nova York, no começo [illegible], tocando rock barulhento com guitarras em afinações inusitadas e toques vanguardistas. Ídolos de Kurt Cobain, influenciaram bandas alternativas [illegible], como **PAVEMENT, SLEATER-KINNEY** e um grupo punk feminino na ativa [illegible].

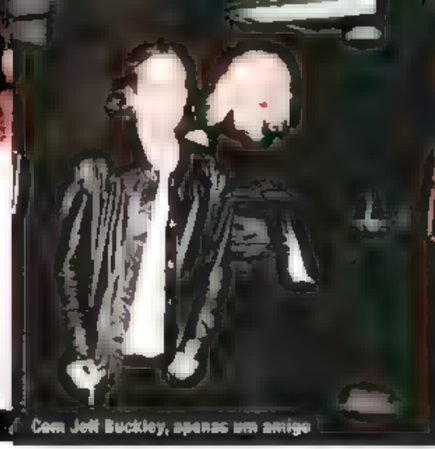
"Bom rock, assim como o bom sexo, é cheio de falhas"



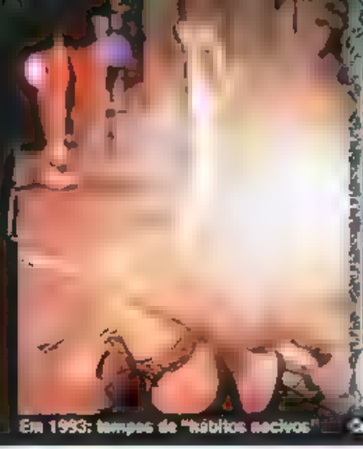
Hoje: "Eu sempre quis fazer um disco alegre"

Com a filha Frances Bean, craque no futebol

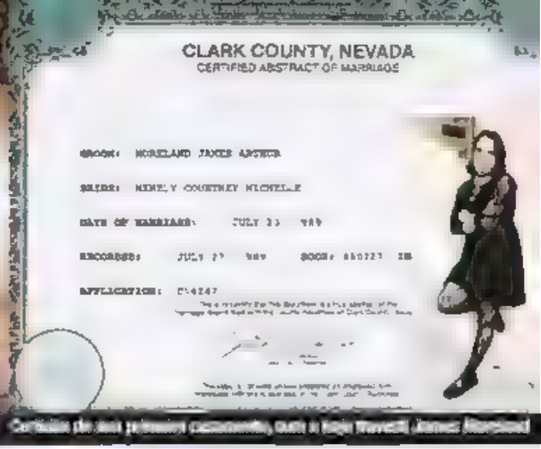
Com Evan Dando, dos Lemonheads, parceiro de farras



Com Jeff Buckley, apenas um amigo



Em 1993: tempos de "hábitos nocivos"



Certidão de seu primeiro casamento, com o ator Everett James Moreland

Quando vocês ouvem o disco, que bandas lhes vêm à cabeça?
Melissa – Grupos de rock dos anos 70, tipo

Courtney –

Há muitas semelhanças com músicas dos Pretenders...
Eric – Muita gente já me falou disso.
Courtney – Sério? ? Deve ser só porque a vocalista é mulher.

Não é nada mau ser comparada a Chrissie Hynde, não? Você já foi comparada a coisa pior!
Courtney – É lógico! Meu Deus, seria uma bênção poder escrever música como a Chrissie Hynde! Ontem um jornalista japonês disse que nosso disco lembrava a Runaways *(grupo feminino de* metal-glitter *capitaneado por Joan Jett, autora de "I Love Rock'N Roll" – sucesso dos anos 80)*. Quase espanquei o filho da p***.

A grande inspiração desse disco é Los Angeles. Quisemos fazer uma declaração de amor à cidade.

Courtney, sua vida é relatada minuciosamente em jornais. Como é escrever uma letra sabendo que seus fãs e detratores vão estar atentos a tudo que você canta, tentando descobrir mensagens subliminares e metáforas em todas as suas letras?
Courtney – É horrível. Mas não acho certo que eu fique me censurando. Bob Dylan disse uma coisa incrível sobre isso. Não vou te dar tudo que tenho dentro

PRETENDERS Grupo fundado pela ex-repórter musical americana Chrissie Hynde em 1978. Brilhou na época da new wave e seguiu fazendo pop de qualidade anos 80 afora.

FLEETWOOD MAC Lançou em 1977 *Rumours*, um dos discos mais vendidos da história do

CHEAP TRICK Um dos favoritos de Kurt Cobain, este grupo que surgiu no fim dos anos 70 juntava melodias beatles com guitarras poderosas e letras engraçadas.
EAGLES Uma das bandas mais populares dos anos 70, rock californiano por excelência. Seu hit "Hotel California" é flash-back obrigatório.
RASPBERRIES Grupo americano dos anos 70, que tinha entre seus integrantes Eric Carmen, o autor de "All By Myself", regravada por, entre outras, Celine Dion e Sheryl Crow.

de mim, porque o que eu escolho para te dar é melhor do que qualquer coisa que você tem. Por que devo ser Judy Garland e morrer na frente de meus fãs?". Acho que as pessoas têm o direito de buscar as metáforas que quiserem em minhas letras, não é problema meu, mas gostaria que elas tentassem apreciar as letras com um pouco de isenção. Se não conseguirem fazer isso agora, quem sabe daqui a cinco anos não ouvem o disco de novo e curtem o que eu fiz? Mas quero deixar bem claro que nenhuma letra foi escrita para alguém ou sobre alguém em especial.

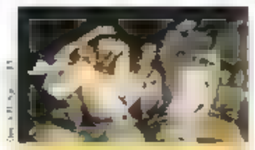
Você esteve no Brasil em 1993 acompanhando o Nirvana. Quais suas lembranças do país?
Courtney – Eu me diverti bastante, mas não consigo lembrar direito do que fizemos lá. Sabe, naquela época eu tinha outros hobbies menos saudáveis *(risos)*. Me recordo que aproveitei a viagem e escrevi quatro músicas, duas das quais acabaram entrando em *Live Through This*. Uma das músicas, que nos chamamos de "Drunk In R.o" *(Bebado no Rio)* acabou gerando "Boys On The Radio" *(do disco novo)*. Também andei de asa-delta. Foi assustador!

***Celebrity Skin* foi produzido por Michael Beinhorn *(Soundgarden, Soul Asylum, Red Hot Chili Peppers)*. Vocês chegaram a pensar em outros produtores?**
Courtney – Brian Eno teria sido fantástico. Mas ele já fez tanta coisa boa, como *The Joshua Tree (do grupo irlandês U2)* que receei que estivesse acomodado.

BRIAN ENO Inglês, mais conhecido por seus trabalhos produzindo o grupo irlandês U2 e o cantor David Bowie, ele jogou eletrônica no rock dos anos 70 como integrante do grupo Roxy Music (em que Bryan Ferry cantava) e desenvolveu a música *ambient*.

Ouvi dizer que Steve Albini *(produtor de* Surfer Rosa, *disco da banda americana Pixies que marcou os anos 80, e que começou os trabalhos de* In Utero, *terceiro álbum do Nirvana)* teria sido cogitado...
Courtney – Steve? Esta maluco? Se eu entrar no mesmo quarto que Steve, um dos dois não sai vivo! *(Albini e Courtney se odeiam desde que ela o acusou de ter maltratado Kurt Cobain durante a gravação de In Utero. Ele respondeu dizendo que "entendia por que Kurt havia se matado, tendo se casado com uma cretina e louca como Courtney".)*
Melissa – Pensamos em chamar Moby *(astro da música eletrônica que andou sendo cortejado por outro astro do rock, Axl Rose)*, porque queríamos fazer uma coisa mais techno, mas acabamos desistindo.
Courtney – E, e Rick Rubin *(produtor americano cujos trabalhos nos anos 80 marcaram o rap – Beastie Boys – e o rock pesado – Slayer, Red Hot Chili Peppers)* também foi cogitado, mas o descartamos assim que ele disse que o Trent *(Reznor, do grupo de rock industrial Nine Inch Nails)* era um gênio. *(Outro desafeto de Courtney: depois de um rápido romance, Trent teria falado mal dela em algumas entrevistas, a moça retribuiu chamando Reznor de "caipira" e zombando de sua performance na cama.)*

Qual o papel do produtor num disco de Hole?
Courtney – Nós demos a Michael total liberdade para opinar em tudo. Você sabe como é. Michael é homem, precisa mostrar liderança, sob pena de ser visto como fraco ou incapaz. Então, Melissa e eu tivemos de fingir que éramos fracas e incompetentes, para aumentar um pouco a autoconfiança dele.



BABES IN TOYLAND, L7, SEVEN YEAR BITCH Estas três bandas juntas formam as Riot Girls (algo como "garotas tumulto") facção mais agressiva do punk rock feminista.

O que vocês acham de toda essa onda em cima de "rock feminino"? Não é perigoso ficar separando mulheres em guetos e pequenos grupos? *(Courtney andou dando umas boas espinafradas em Alanis Morissette, afirmando que ela havia "destruído a noção de música feminina", mas parou depois que Madonna, dona da Maverick, gravadora de Alanis, pediu uma trégua.)*
Courtney – Quando começamos havia vários ótimos grupos femininos, como e
Mas quase todos acabaram, ou por falta de vontade, por incompetência ou porque morreram de drogas ou ficaram anoréxicas. Acho errado jogar todas as mulheres num grupo só, como num gueto. Corre-se o risco de perder um talento como PJ Harvey – que é uma cantora e compositora um milhão de vezes melhor do que eu – só porque a imprensa e o público a colocam na categoria de "mulher". Com esse disco eu espero inspirar outras mulheres não apenas a gravar ótimos discos de rock, mas também a criar um planeta de amazonas.

PJ HARVEY é uma cantora inglesa de prestígio que funde rock alternativo com a [illegible]

Você acha que um adolescente realmente se importa se uma banda é formada por mulheres ou homens? Isso influencia na escolha? Um menino deixaria de gostar do Cramps *(banda que enche suas músicas com referências da cultura trash e que há vinte anos faz o mesmo rockabilly alucinado)* só porque há mulheres na banda?
Courtney – Talvez isso não aconteça com os fãs do Cramps, porque só o fato de gostarem do Cramps já prova que são inteligentes. Mas vá perguntar isso para o Joãozinho Testosterona fã do Judas Priest *(quinteto britânico de rock pesado que se veste com roupas de couro negro e cujo ex-vocalista, Rob Halford, entrava no palco pilotando uma moto)* que fica batendo cabeça na frente do palco!

Mas você não quer atrair esse público!
Courtney – Quero atrair todo mundo! Nerds, *headbangers*, patricinhas, skatistas, a turma toda.

Você descreveu o futebol como "uma grande válvula de escape". O que você quis dizer com isso?
Courtney – Bom, minha filha joga futebol na escola. É um dos poucos esportes que meninos e meninas podem jogar juntos, e é uma das raras oportunidades em que podemos arrebentar com os meninos. O futebol é uma grande arma feminina para a conquista de um verdadeiro planeta de amazonas!

E a sua carreira no cinema?
Courtney – Vai bem. Vou rodar *Man On The Moon (cinebiografia do comediante americano Andy Kauffman, já falecido que estrelava o programa* Saturday Night Live *– também homenageado pelo grupo R.E.M. na música "Man On The Moon"*), de Milos Forman *(O Povo Contra Larry Flynt, Amadeus)*.

É verdade que você quer interpretar Janis Joplin?
Courtney – Fui convidada para fazer o papel, mas não aceitei. Não pelo dinheiro, mas por causa da música! Já imaginou ter de cantar aqueles blues de m****?

O trabalho de atriz não atrapalha a carreira com o Hole?
Courtney – Nunca vai atrapalhar, porque eu gosto mais de rock do que de cinema. Turnês às vezes são chatíssimas. Os *roadies* são sempre uns caras feios pra burro, porque são contratados por outros homens. E sempre puxam aqueles chatos que querem te levar para o banheiro para cheirar pó. Nessa turnê vamos escolher pessoalmente os *roadies*. Só vamos contratar rapazes lindos de 18 anos e encher o camarim de modelos. Vai ser o paraíso!

"Fui convidada para viver Janis Joplin no cinema, mas não aceitei. Já imaginou ter de cantar aquela porcaria de blues?"

Nasce um mito

por PEDRO SÓ

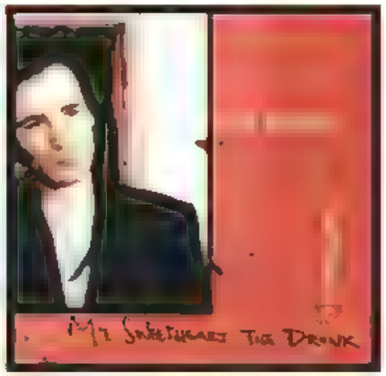
Disco póstumo consagra JEFF BUCKLEY, um talento que se foi cedo demais

Memphis, EUA, beira do Mississippi. Era noite, 29 de maio de 1997, ele tinha bebido um pouco e decidiu nadar. Mergulhou de roupa e tudo, cantarolando "Whole Lotta Love", do Led Zeppelin. O amigo que estava com ele o perdeu de vista depois que um barco passou, levantando uma onda grande. O corpo só foi encontrado cinco dias depois.

Parece lenda, mas foi assim que Jeff Buckley morreu, aos 30 anos, afogado no rio que fertilizou a cultura americana com o blues (a base do jazz e do rock). Dono de espantosos dotes vocais, compositor singular, ele foi pranteado por colegas de peso como Bono Vox, Jimmy Page e Elvis Costello. Havia lançado apenas um álbum e, vários críticos apontavam, tinha tudo para se firmar como o maior nome de sua geração.

Nascido em novembro de 1966, de um relacionamento fugaz entre o então desconhecido cantor Tim Buckley (ver boxe) e a então adolescente Mary Guibert, Jeff só conviveu com o pai durante duas semanas, em 1975. E isso apenas dois meses antes da morte de Tim, aos 28 anos, por overdose de heroína e morfina.

Mary lembra que, quando o filho tinha apenas 10 anos, um ex-empresário de Tim chegou a assediá-la com visitas regulares e a pergunta: "E aí, o menino já está compondo?"



O CD duplo recém-lançado

Em vida, Jeff lançou apenas um álbum, *Grace*, em 1994. O CD, que saiu no Brasil (sem nenhum alarde), é o mais indicado para quem deseja se iniciar no universo criativo desse novo mito americano. No exterior, a crítica aplaudiu, mas o disco não vendeu. As melodias ingremes, a poesia derramada, desmedida, as estruturas intrincadas e as durações de suas canções realmente não são adequadas ao embrutecido gosto popular da era do rap.

A revista americana *People*, entretanto, apontou Jeff como uma das cinquenta pessoas mais bonitas do mundo. Cotado entre as facções "alternativas" do showbiz, ele apareceu em colunas de fofocas como possível namorado de Courtney Love, viúva de Kurt Cobain. "Nos realmente saímos, mas não houve nada: a gente apenas ficou injetando drogas", confidenciou, irônico, a uma amiga.

Descontente com os trabalhos do que seria seu segundo álbum, Jeff chegou a anunciar o desejo de queimar as fitas que havia gravado com o produtor Tom Verlaine (líder do conceituado grupo new wave Television). Felizmente, não consumou o crime. Estaria privando o mundo de conhecer a melhor porção de *Sketches For My Sweetheart The Drunk*, aclamado álbum duplo que sua mãe e seu amigo Chris Cornell (ex-cantor do Soundgarden) se esforçaram para lançar agora.

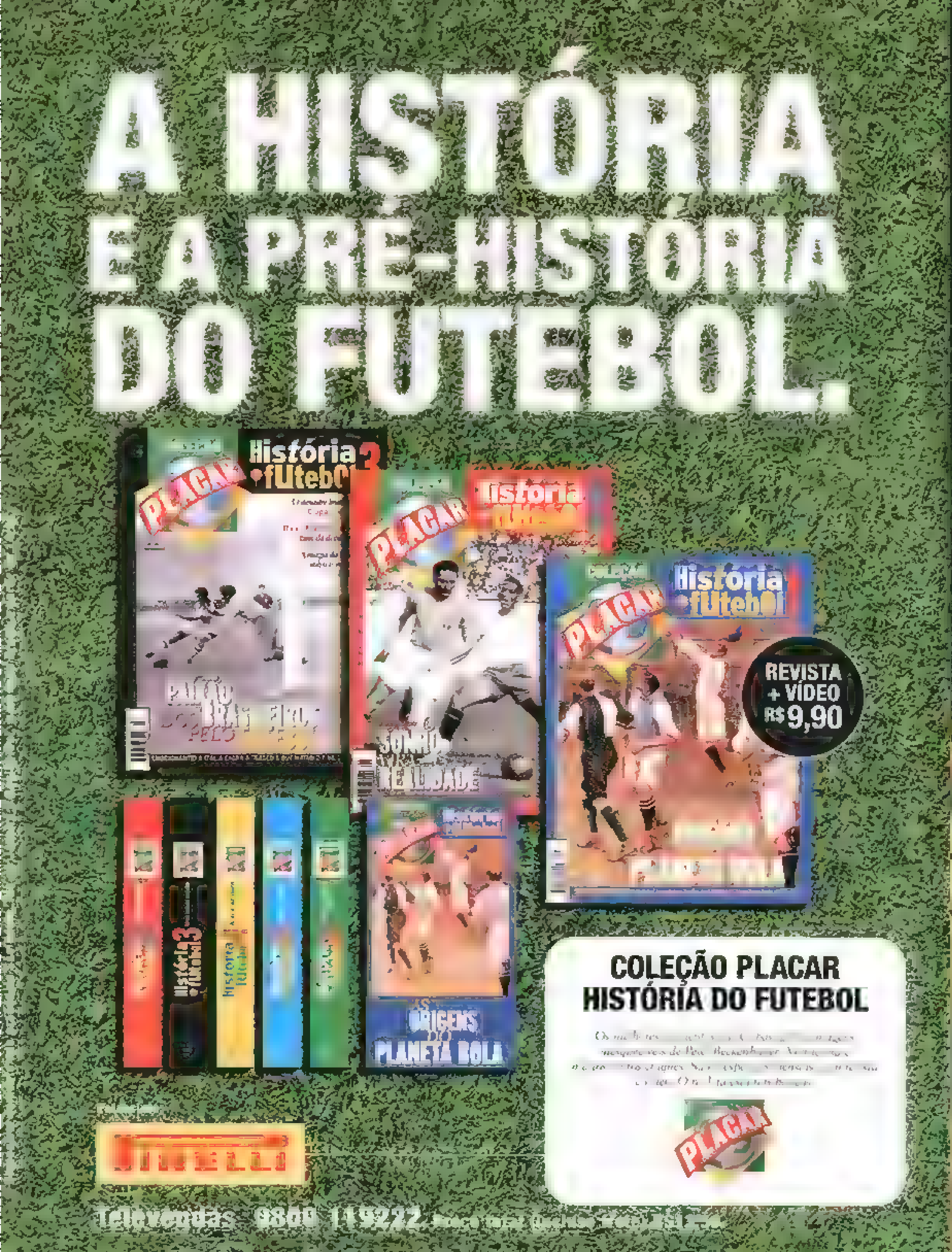
O material das sessões com Verlaine capta um grande talento derramando o falsete de ouro pelas mais variadas frentes: soul romântico, rock vulgarmente sexy ou cuspido com raiva, e melancolia melódica. Numa das faixas mais fortes, "Nightmares By The Sea", ele assombra a letra com premonitórias referências a ondas e afogamentos.

O CD 2 de *Sketches...*, menos acessível, ancora-se em sete demos registradas num estúdio caseiro e termina com um country tradicional, "Satisfied Mind". "Quando chegar minha hora, vou deixar este mundo velho com a cabeça satisfeita", canta Jeff.

"Escutei seu álbum *Grace* direto durante 18 meses. Que técnica, que domínio, que alcance emocional."
Jimmy Page

"Jeff Buckley foi uma gota pura num oceano de ruído."
Bono

"Espero que não transformem sua história numa fantasia romântica. Jeff era muito melhor do que isso."
Elvis Costello



Sem fome de sucesso

Recém-entrados nos 30 anos, Billy Corgan, James Iha e D'Arcy Wretzky inauguram uma fase mais introspectiva dos Smashing Pumpkins

"Se você não supera a venda do último álbum, é sinal de que já está descendo a ladeira." Caso a baixista D'Arcy tivesse alguma idéia do sucesso que *Mellon Collie And The Infinite Sadness* faria, talvez não tivesse dito a frase antes do lançamento do trabalho que se tornou o CD duplo de maior vendagem nesta década (mais de 10 milhões de cópias). Como se soubesse que só um milagre a levaria a um patamar mais elevado, a banda decidiu atravessar seu período de "decadência" da maneira mais elegante possível: os Smashing Pumpkins não tentaram repetir em *Adore* a bem-sucedida fórmula anterior. »

Corgan, D'Arcy e Iha em retrato de Yelena Yemchuck, designer da capa de *Adore*

CONFIRMADO no Brasil: dia 14/8 no Rio (Metropolitan), dia 16/8 em São Paulo (Olympia)

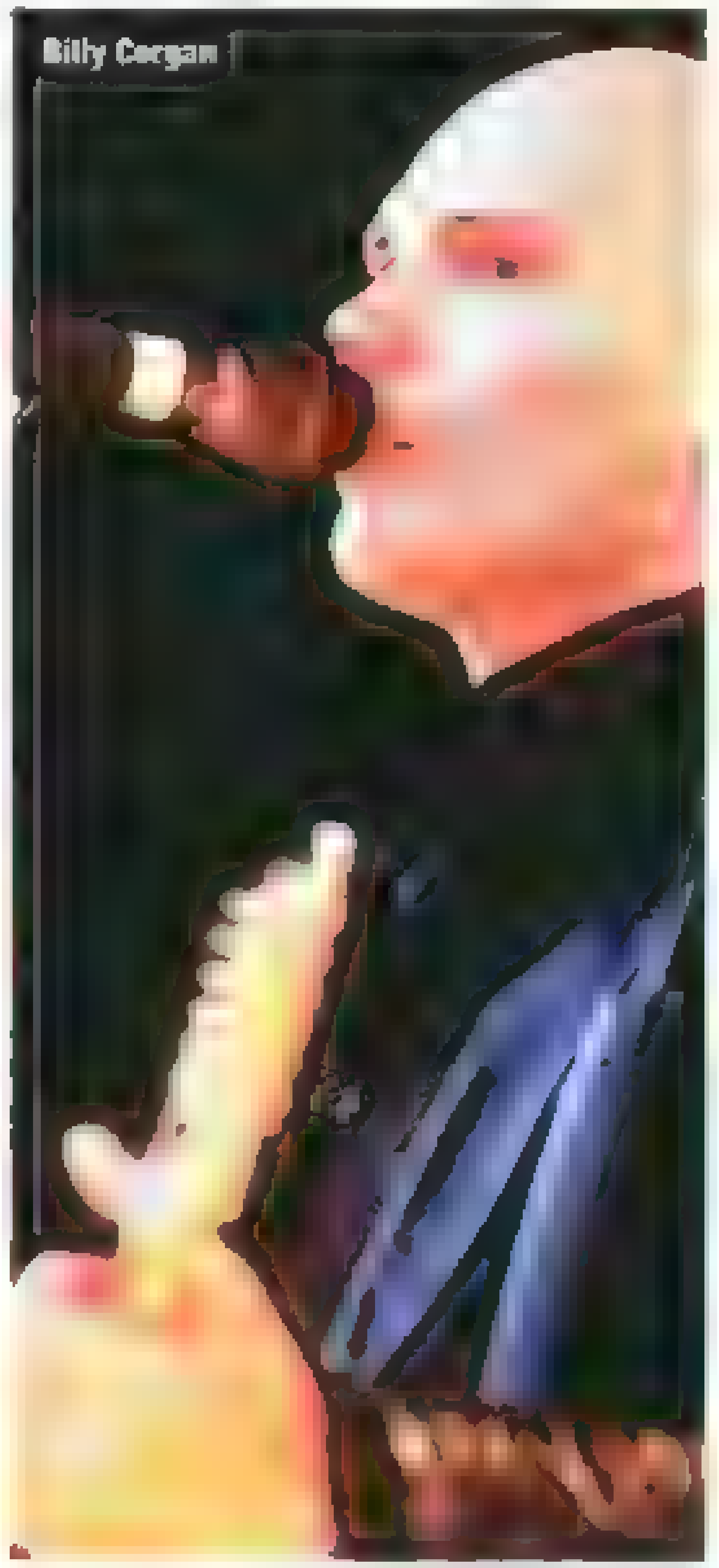
SHOWBIZZ

Smashing Pumpkins

Sem fome de SUCESSO

O vocalista Billy Corgan chegou a prometer que o novo som não teria parentesco com nada feito anteriormente pelo grupo. Especulou-se em dado momento que o disco seria inundado por eletrônica – afinal Bon Harris, ex-integrante do grupo de rock industrial inglês Nitzer Ebb, foi um dos colaboradores mais importantes durante as gravações. Mais tarde, os boatos que vazavam do estúdio apontavam noutro caminho, em direção a uma ambiência acústica. No final das contas, os dois relatos estavam corretos. Esse aparente paradoxo – a fusão de eletrônico com não-eletrônico – é mais um dado revelador da originalidade de *Adore*, que tem sua melhor definição na voz do próprio Corgan: "Música misteriosa, como se fosse do passado, mas feita de uma maneira futurista".

O ponto de partida para este "futuro-retrô" foi a saída em 1996 do baterista Jimmy Chamberlin – demitido por causa de seus problemas com drogas e que agora está no The Last Hard Men (ao lado do cantor Sebastian Bach, ex-Skid Row). Sem Chamberlin, o grupo passou a contar com a colaboração de vários bateristas – Matt Walker (do Filter), Matt Cameron (ex-Soundgarden), Joey Waronker (da banda de Beck) e o veterano Kenny Aronoff (ex-John Mellencamp e John Fogerty). A experiência, ao invés de trazer diversidade, acabou no extremo oposto: Corgan, D'Arcy e o guitarrista James Iha voltaram a compor como um trio – da mesma maneira que acontecia no início da carreira, quando até se apresentavam ao vivo acompanhados somente com bateria eletrônica.



Saciado da fome de sucesso, os Pumpkins ousadamente decidiram ir contra a maré também na promoção de *Adore*. Em vez de embarcar em uma megaturnê para promover o disco, como foi feito com *Mellon Collie And The Infinite Sadness* (catorze meses na estrada, com cerca de 170 shows em cinco continentes), a banda optou por fazer poucas apresentações. Mais: dezesseis desses shows nos Estados Unidos são beneficentes. Além de entregar a renda (mais de 2 milhões de dólares) para instituições de apoio a crianças deficientes, eles vão arcar com as despesas de infra-estrutura dos shows e farão visitas a escolas para alunos especiais, como forma de chamar atenção e angariar mais colaborações. Esse trabalho de caridade muito provavelmente está relacionado com o fato de que os três estão entrando em sua terceira década de vida – D'Arcy e Iha acabaram de completar 30 anos e Billy fez 31 em março –, um marco que geralmente vem acompanhado com a percepção de que a juventude começa a ficar para trás, mas que em alguns casos pode trazer uma opção voluntária pela maturidade. "Nós embarcamos nessa turnê para tentar não apenas apoiar economicamente áreas diferentes do país, mas para simbolicamente representar a nossa geração, a Geração X. À medida que ela entra nos 30, temos que começar a tomar responsabilidades. E é muito importante que passemos a lutar por algo", disse Corgan, numa entrevista coletiva ao iniciar a excursão.

Eles [illegible] em uma turnê anual para ajudar crianças deficientes nos Estados Unidos

samba desconstruído

TERCEIRO DISCO DO MUNDO LIVRE S/A JUNTA POLÍTICA, SUINGUE E BARULHO

mundo livre s/a
Carnaval Na Obra
Excelente/Abril Music

Banda seminal do movimento pernambucano manguebit ao lado de Chico Science e da Nação Zumbi, o mundo livre s/a, em seu terceiro disco, finca mais ainda suas parabólicas na desconstrução do samba carioca – embora também mexa no tabuleiro do rock ("Quarta Parede", "Quem Tem Bit Tem Tudo"). Parte das matrizes do samba esquema novo (ou melhor *Samba Esquema Noise*, como foi batizado o CD de estréia do quinteto) de Jorge Ben Jor e do baiano tropicalista Tom Zé – do clássico *Estudando O Samba* (1976) – para uma versão oposta ao pagode mauriçola das FMs engessado nos terninhos Armani. *Punkiado* no kit de bateria, com invasões de órgão e vibrafone, cordas em desalinho e o agogô solto no espaço, eles mandam um samba pré-mixagem ("Ultrapassado") ou pós-apocalíptico ("A Expressão Exata").

Carnaval Na Obra foi pilotado por quatro produtores (Carlos Eduardo Miranda, responsável pelos dois trabalhos anteriores da banda, além de Edu K, Apollo 9 e Eduardo BID – este último responsável por *Afrociberdelia* e *CSNZ*, de Chico &Nação). Desidratado também nas letras (vide a faixa-título), sem prejuízo do lirismo sacana ("Bolo De Ameixa"), este novo disco do mundo livre s/a reagrupa política & podreira. Como no hino zapatista "Desafiando Roma" (destaque do álbum anterior, *Guentando A Ora*), que valeu um convite ao México dos guerrilheiros do Chiapas, há disparos contra a exploração do Timor pela Indonésia ("Novos Eldorados", com o grupo paulistano de surf music Los Sea Dux) e granadas na área social ("Édipo, O Home Que Virou Veículo"), além de petardos como "os inocentes pagam/ Por nada representarem (...) pelo crime de não fazerem falta". Dialético a partir do nome, mundo livre s/a reformula a máxima de Dorival Caymmi mostrando que há muita saúde no samba dos pés inchados.

Tárik de Souza

PETE BELASCO
Get It Together
Verve/PolyGram

Som para ouvir na beira da piscina, revivendo décadas idas

"Música de audição fácil" é uma possível tradução para a expressão *easy listening*. Nos anos 60, o rótulo se aplicava tanto às sofisticadas trilhas do maestro Henry Mancini quanto aos arranjos rasteiros para apaziguar angústias pré-obturação (também conhecidos como *muzak*). Hoje, é um rentável gênero que já não vive só de relançamentos. Daí o cantor, tecladista, vibrafonista e saxofonista (tenor) americano Pete Belasco, 32 anos, ter usado o tradicional selo jazzista Verve como casulo para se reinventar como artista da onda *lounge*.

Nas nostálgicas faixas em que recria suingues passados, ele acerta. Lembra às vezes um Chris Montez (dos hits "Sunny" e "The More I See You") harmonicamente mais rico e sem a palmadinha das palminhas. Quando faz uma ponte com o soul abossalhado tipicamente anos 80 de Sade e Style Council, condensa três décadas de fundo musical para quem está na beira de piscina. É tão fácil de ouvir que não prejudica a conversa *yuppie* ao celular, mas cansa como um sofá pé-de-pato.

6

Pedro Só

THE BLUETONES
Return To The Last Chance Saloon
London/PolyGram

Sensação inglesa de 1996 chega ao segundo disco

Sempre rápidos em eleger um grupo como o novo Messias do pop, os ingleses também não perdem tempo para destroná-lo. Apenas dois anos após lançar seu primeiro álbum, *Expecting To Fly*, que entrou direto no primeiro lugar da parada britânica, o Bluetones agora recebe a mesma indiferença destinada ao Suede – banda com a qual eles têm algum parentesco sonoro e, provavelmente não por coincidência, também caída do olimpo britânico. Longe de ser a reencarnação dos Beatles, o Bluetones tem seus méritos.

A julgar pelo nome ("retorno ao saloon da última chance") e pelo desenho da capa, o disco poderia ser de uma banda texana. Apesar de essas referências serem consequência de grandes quantidades de tequila e vídeos de westerns consumidas pela banda no estúdio durante as gravações, existem influências cucarachas em algumas faixas de *Return To The Last Chance Saloon* – lembrando coisas de artistas americanos como Chris Isaak e Los Lobos – que dão um sabor diferente ao conjunto.

7

Vitor Paolozzi

SKANK
Chaos/Sony

Novos parceiros, novos produtores, participações... Mas nada, nem o enxerto do som ímpar do Ukiki, sob a bela melodia da balada "No Meio Do Mar", se sobrepõe à personalidade Skank. Na faixa "Dom Blás", dominada por uma conhecida hispanidad rockabilly, Daude é detalhe. Tirando o susto voz-violão-e-violinos de "Resposta", temos o Skank de sempre, só evoluído.

Os sons da Jamaica que ricocheteiam, ciganos e amestiçados, por Europa e América Latina, estão mais brazucas. Samuel dá um salto como vocalista, audível já na ótima faixa de abertura, "Marginal Tietê", em "Mandrake E Os Cubanos", ele acha um cantar brasileiríssimo, sem abrir mão dos deliciosos maneirismos jamaicanos.

O milagre cultural-geográfico de trazer o Caribe para cá mostra-se aperfeiçoado também na contagiante soca "Calipsoê" e no desembestado ska "Os Homens Das Cavernas", que tem guitarra surf e ecos da fase soul de Roberto Carlos.

O Skank evitou repetir fórmulas, mas os megahits estão garantidos: a faixa-título tem bateria programada e guitarra sampleada infalíveis e o hino de bar "Saideira" (co-escrito por Rodrigo Leão, do Professor Antena) vai tocar até jogarem espuma nos pés de meio Brasil. Único porém: "Do Ben" honra a fase funk benjoriana de Jorge, mas seria mais adequada como sambalanço.

8

Pedro Só

JOHNNY ALF
Cult Alf

O compositor mostra lado jazzista da bossa nova

No encarte de *Cult Alf*, o bossa-novista Johnny Alf recusa-se a classificar sua música. Diz que sempre fugiu das cambadas. "Música não tem nome, meu bem. Música é som." Isso mesmo. Mas o som que Alf e banda produzem é jazz de cabo a rabo, cantado em português por puro acaso. A música de Alf clama por classificação.

Cult Alf é seu nono disco, o primeiro ao vivo. Nele, Alf toca piano e canta nos intervalos dos improvisos de sua boa banda de jazz. Como nenhum show de bossa nova é um show de bossa nova sem uma boa fossa, Johnny Alf vai de homenagens e reverências. O pot-pourri de "Esquece", "Alguém Como Tu", "Copacabana" e "Wave" (esta cantada em inglês) lembra-nos paradamente Dick Farney e Tom Jobim. De resto, contrabaixo, maiabarismos vocais e saxofone. Como diria Carlos Lyra, influência do jazz.

4

Bruno Zani

THERAPY?
Semi-Detached
A&M/PolyGram

Pretensão e guitarras barulhentas no sexto cd dos irlandeses

A arrogância é um componente básico do rock do Reino Unido. Andy Cairns, o líder do Therapy?, parece querer superar seus conterrâneos dos Oasis e do Verve nesse quesito. Certo de que *Semi-Detached* é um disco destinado a tornar-se clássico, o cantor despiu-se de toda modéstia e mandou um aviso para os roqueiros enfastiados da Grã Bretanha: voltem aos verdadeiros mestres. Ao Therapy?, naturalmente. Bobagens à parte, quem seguir o conselho de Cairns não se arrependerá. Se o CD tem momentos pouco inspirados, as guitarras compensam, impondo respeito através de sobreposições realmente criativas. Sem perder tempo em busca de frases "melodiosas", o grupo vai direto ao ponto, cuticar os timpanos com som de gente grande.

8

Celso Masson

FUGAZI
End Hits

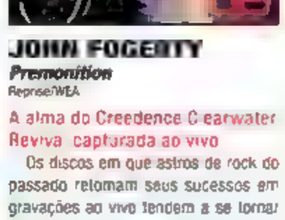
Anarco-punk sob o comando do guitarrista Ian Mackaye

Coisa para iniciados" ou "rock cabeça" são algumas das pechas injustamente atribuídas ao Fugazi. No fundo do que a banda alternativa menos necessita é ser unanimidade. Todas as estripulias sonoras são crias da mente antenada do guitarrista e vocalista Ian Mackaye, o último anarquista do rock. Ele lança a bons em escala quase artesanal, vende discos abaixo da tabela do mercado, cobra barabinho os ingressos para os shows. Acredita que música e convicções pessoais (militância contra as grandes corporações capitalistas) devem correr parelhas e agita um coquetel que centrifuga punk, hard rock, música minimalista, influências do grupo progressivo King Crimson, melodia e distorção.

End Hits é provavelmente a peça mais experimental da seleta discografia de uma banda que reproduz nos anos 90 a inquietude dos Talking Heads dos bons tempos. Mário de Andrade dirá tratar-se de pluritonalidade moderníssima – mas é melhor simplificar para alcançar a inteligência a serviço do rock.

8

Carlos Eduardo Oliveira



JOHN FOGERTY
Premonition
Reprise/WEA

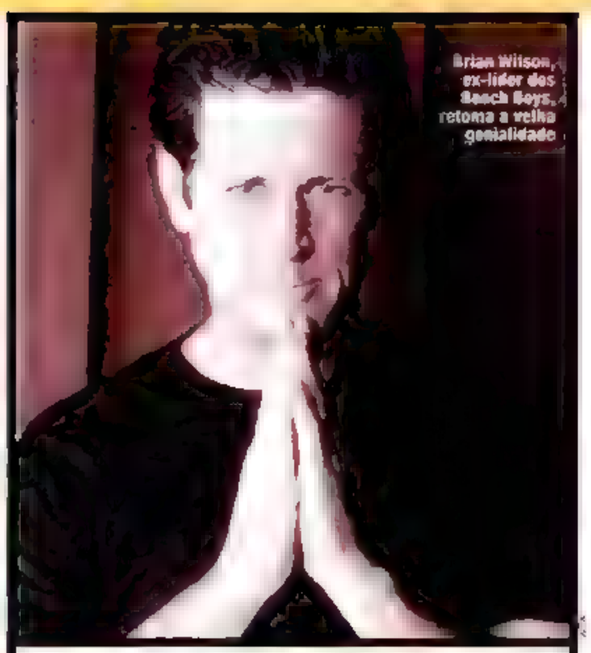
A alma do Creedence Clearwater Revival capturada ao vivo

Os discos em que astros de rock do passado retomam seus sucessos em gravações ao vivo tendem a se tornar fiascos, com releituras pífias, sempre recendendo a mofo. Não é isso o que ocorre com John Fogerty, talvez porque o mentor do Creedence Clearwater Revival sempre tenha primado pela simplicidade e pela eficiência em suas canções de três ou quatro acordes, com ganchos e refrões mais que grudentos. Não à toa, clássicos como "Born On The Bayou", "Who'll Stop The Rain", "Bad Moon Rising" e "Proud Mary" se eternizaram no cenário pop.

Em *Premonition*, Fogerty recorre a esses e outros hits da fase áurea do Creedence (a segunda metade dos anos 60), músicas de sua carreira solo ("The Old Man Down The Road", "Rock'n'roll over the world"), até chegar a criações do disco *Blue Moon Swamp*, de 1997 ("Joy Of My Life", "Swamp River Days"). Fogerty prova nesta retrospectiva que, do alto de seus 53 anos, ainda tem muita lenha para queimar.

8

Celso Pucci



A redenção de um gênio

BRIAN WILSON
Imagination
Giant/EMG Brasil

Impossível fugir do velho chavão: *Imagination* é o melhor disco que os Beach Boys não fizeram nos anos 90. Lançado para surpresa e delírio dos fãs do grande grupo americano, este quarto álbum solo de seu líder Brian Wilson é, depois de exatos dez anos, a melhor sequência para *Brian Wilson*. Co-produzido por Russ Titelman e Jeff Lynne, aquele primeiro trabalho foi aclamado, mas não deu força necessária para que um segundo disco, *Sweet Insanity*, fosse lançado comercialmente em 1992. Experimental, com produções até do brasileiro Liminha e participações de Bob Dylan e Paul McCartney (que considera Wilson um dos maiores compositores de todos os tempos), o disco não passou pelo crivo da diretoria artística da gravadora e virou *bootleg* (pirata) obrigatório para os fãs.

Somente em 1995, após alguns trabalhos sem graça de seu grupo, Brian saiu com um álbum – de título venenoso, apesar de buscado no passado de *Pet Sounds* –, *I Just Wasn't Made For These Times* ("eu simplesmente não fui feito para estes tempos"), excelentemente produzido por Don Was. *Orange Crate Art* saiu pela Warner na sequência, mas não emplacou, o que dá a *Imagination* a chance de ser o grande redentor da carreira de Brian neste final de milênio. Trazendo no repertório, para variar, dois resgates de originais dos Beach Boys – no caso, "Keep An Eye On Summer" (1964) e "Let Him Run Wild" (1965) –, o disco tem toda a elegância de uma produção esmerada (assinada por Brian e Joe Thomas) e em muito remete aos belos arranjos dos Beach Boys no final dos anos 60. Surf music de lado, Brian Wilson é um gênio da música. Mas parte do poder deste trabalho não passa pela musicalidade: as letras (escritas por novos parceiros) também são sofisticadas.

9

Marcelo Froes

VÁRIOS
Twentieth Century Blues: The Songs Of Noel Coward

Disco-tributo a um dos mestres do teatro e da música britânica

A idéia surgiu no início deste ano quando a cantora inglesa Shola Ama e o arranjador Craig Armstrong, mais o grupo folk The Divine Comedy regravaram duas canções do dramaturgo e compositor Noel Coward: "Someday I'll Find You" e "I've Been To A Marvelous Party". A partir desses registros houve a iniciativa de uns astros pop para reinterpretar algumas das músicas de seu vasto repertório, à maneira do que havia sido feito na coletânea *Red, Hot + Blue* (1990), em homenagem a Cole Porter.

Os nomes escolhidos podem ser divididos em duas tendências. Há aqueles que tiveram uma abordagem mais nostálgica, tentando preservar as suaves melodias do compositor. Exemplos: Paul McCartney ("A Room With A View") Bryan Ferry ("I'll See You Again") e Sting ("I'll Follow My Secret Heart"). Por outro lado, artistas como o já citado The Divine Comedy, o Suede ("Poor Little Girl") e Damon Albarn do Blur junto do arranjador Michael Nyman ("London Pride"), preferiram "modernizar" as canções de Coward, na maioria das vezes com resultados interessantes. **7**

Celso Pucci

MASKAVO ROOTS
Se Não Guenta Por Que Veio?
Chaos/Sony Music

Banda pop de Brasília não repete o talento da estréia

O primeiro disco do Maskavo Roots, de 1995, chamava a atenção nem tanto pelas baterias nem pela guitarra de rock, mas pelas linhas de baixo bem pronunciadas, pela presença constante dos teclados Moog e vez ou outra por uma boa sacada de xilofone. As letras eram boas, meio desconexas e aparentemente desinteressadas, com vocais de apoio de surf rock. O quadro compunha uma deliciosa banda adolescente de bem com a vida e sem frustrações, em que os pontos altos eram "Tempestade" "45" e as gêmeas "5" e "Sexta".

No novo disco, que tem a assinatura de Paul Raphes (que trabalhou em *Siderado*, do Skank), alguma coisa se perdeu. Certo, o Maskavo ficou três anos sem gravar (por causa de uma associação malsucedida com o empresário Manoel Poladian, o mesmo de Titãs e Gal Costa), perdeu três integrantes – o guitarrista Pinduca, a vocalista Joana Jewis e o batenista Txotxa –, mas isso não é explicação suficiente. As letras continuam superiores às da maioria das bandas de ska e há boas composições "à antiga", como "Estrada De Terra" e "Uma Noite". O humor sarcástico ainda está presente, como em "Homem Não Tem Amiga" e a nova versão de "Tempestade" (produzida por Samuel Rosa, do Skank) é uma renovação da boa aposta do disco anterior. Já "Djouros", a terceira faixa, é uma musiquinha pegajosa com distorçõezinhas óbvias de guitarra. Os bons climas de teclados e as belas linhas de baixo sumiram (exceção feita a "Workin' Nite", em que eles são atropelados pela massa sonora que dá o tom ao disco). Há ainda baterias eletrônicas ("Vai Vai, Vai"), uma incursão pelo tecno ("Fora De Alcance") e monotonia ("Melodia Que Eu Conheço"). Mas *Se Não Guenta Por Que Veio?* padece de excesso de produção. **6**

Bruno Zeni

CURVE
Come Clean
Estupendo/Universal

Góticos dos anos 90 voltam com trabalho inclassificável

Tom Halliday e Dean Garcia são um casal exemplar. Há cerca de uma década eles tocam o Curve, um dos grupos mais íntegros da cena britânica. Além de um controle total sobre a carreira, decidindo desde os locais em que se apresentam até o visual impecável de suas belíssimas capas, eles valorizam cada vez mais o estilo soturno, claustrofóbico até, de seus rocks envolventes.

Depois de algumas temporadas longe dos estúdios, assumindo um impasse criativo, Halliday e Garcia encontraram apoio em outro canhota criativo: Tim Simenon, o produtor que extenorizava seu universo musical com o codinome Bomb The Bass, ícone do som eletrônico dos anos 80. A união do vocal sonumbático da deusa Halliday com uma percussão hipnótica fez um discão. O trabalho é um tanto inclassificável, mas maravilhoso. **8**

Thales de Menezes

ELBA RAMALHO
Flor Da Paraíba
BMG Brasil

A para-bana revisita o forró e prova seu valor

Finalmente Elba deixou de lado aquele folclore de "Gretchen do agreste" "Elberramalho" e roqueira muito louca posando de cantora nordestina. No novo disco ela prova que é cantora das boas, revisitando clássicos do forró mais arretado ("Pau De Arara", "A Vovozinha" – de Gordurinha, sucesso com o Trio Nordestino, "Tum Tum Tum" de Ary Monteiro; e futuros clássicos, como "Lavadeira Do Rio", de Lenine, Braúlio Tavares e "Face" da bela trinca formada por Chico César, Itamar Assumpção e Zeca Baleiro. Nesta última, Elba parece se dirigir a seus ferrenhos críticos que devem estar maravilhados com o novo CD: "Eu dou a minha face pra bater/ Mas se quiser pode bejar". **8**

Ayrton Mugnaini Jr

APOCALYPTICA
Inquisition Symphony
Mercury/PolyGram

Sepultura, Metallica e outros metaleiros em versão sinfônica

Já houve um tempo em que os grupos de rock cismavam com a música clássica. Era a época do chamado som progressivo, criado no início dos anos 70. Bandas inglesas como Pink Floyd, Yes, Genesis e Emerson, Lake & Palmer bolinavam seus delírios polifônicos com os instrumentos típicos do rock.

Agora um quarteto de cordas finlandês chamado Apocalyptica surge como uma antítese de tudo que os luminares do rock progressivo apregoavam. Eles tocam metal pauleira com violoncelos. Montado em 1993 e com formação clássica, o grupo também é fascinado pela fúria do thrash metal. Depois de lançar um álbum composto apenas de hits do Metallica, o Apocalyptica abre seu leque de referências para outros nomes do estilo. Como os brasileiros do Sepultura (a faixa-título é "Refuse/Resist"), Faith No More ("From Out Of Nowhere"), Pantera ("Domination") e – é claro, Metallica ("For Who The Bells Tolls", "Nothing Else Matters", "Fade To Black" e "One").

O Apocalyptica também apresenta suas três primeiras composições ("Harmageddon", "M.B." e "Toreador"), nas quais revela afinidade com o estilo pesado de seus inspiradores. Já no encarte do CD, há um aviso: "Este álbum contém barulho em excesso e melodias suaves puramente criadas". É uma boa definição para a pauleira clássica do grupo. **7**

C.P.

Rancid: versão atualizada do fenômeno Clash

Cópia de boa qualidade

RANCID
Life Won't Wait
Epitaph/Paradoxx

Deve haver algum componente químico na água de São Francisco que faz os punks locais cantarem com sotaque britânico. Só assim dá pra explicar como Green Day e Rancid soam tão ingleses. O Rancid, então, é um escândalo: quem ouvir *Life Won't Wait* sem saber de que banda se trata pode achar que o Clash voltou.

O Rancid pelo menos não esconde suas influências: copia o Clash, sim, e com orgulho. A coisa é tão descarada que beira o cômico: os vocalistas Tim Armstrong (ex-Operation Ivy) e Lars Frederiksen (ex-UK Subs) se revezam imitando Mick Jones e Joe Strummer, os líderes do quarteto inglês; a música é aquele mesmo punk-ska-reggae com letras politizadas que o Clash aperfeiçoou em 1977 (os caras chegam ao cúmulo de citar textos do anarquista russo Bakunin). Até a produção é igual.

Nada disso desmerece o Rancid. O disco é ótimo, punk antigo da primeira à última faixa, divertido e sem grandes pretensões, ideal para a pista de dança. A faixa "Bloodclot" tem um dos melhores refrões da temporada; "Black Lung" lembra "Jimmy Jazz", do Clash (um dos destaques do álbum *London Calling*), e "Leicester Square" orgulharia Joe Strummer. Desmerecer o Rancid como meros imitadores do Clash, no entanto, é uma injustiça. Eles copiam também Ramones e Specials (a faixa "Hooligans" é idêntica a "Monkey Man", do Specials). Sem problemas. Em punk, nada se cria, tudo se copia, e ter boas influências já é meio caminho andado. **8**

André Barcinski

Rápido & Rasteiro CANTORAS

A bela **TAMIA** apresenta seu disco homônimo (Qwest/WEA), que tem Quincy Jones – leia-se Michael Jackson – na produção. É garantia de qualidade, em meio a baladas e canções inspiradas no R&B moderno. E **LEILA MARIA** coloca seus belos vocais a serviço do pop chique em **Da Cabeça Aos Pés** (GPA), com uma mãozinha de Celso Fonseca (da banda de Gilberto Gil). **THE TUESDAYS** (Roadrunner) são três loirinhas e duas morenas posando de roqueiras. Lá dentro, uma voz de menininha resmunga: "Leve-me para casa" e outras coisas chatas – duas delas escritas em parceria com Sheryl Crow. Em **Correntes Alternadas** (PG Music), **MARICENNE COSTA** passeia da fúria de "Garotos Do Subúrbio", acompanhada pelos punks do grupo Inocentes, à "Valsa Das Três Da Manhã", com letra de Paulo Vanzolini. Entre as (boas) participações, temos Tom Zé e o pianista do Zimbo Trio, Amilton Godoy.

Danilo Monteiro

A bela Tamia, enfeitiçando Quincy Jones

REVEREND HORTON HEAT
Space Heater
Interscope

O pregador do rockabilly

Mais uma vez o reverendo está aqui para aliviar as amas sofridas e purificar corações com o mais puro rock n' roll. Gloria a Horton Heat, o abençoado servo do Senhor e pregador que abdicou da batina para se dedicar de corpo e alma ao quinto de seus sermões em forma de disco. Com produção de Ed Stasium (responsável por *Leaving Home* e *Mondo Bizarro*, e outros bons discos dos Ramones, além do heavy funk do Living Colour), *Space Heater* foi realizado em tempo recorde – algo em torno de um mês entre composição e mixagem. É o terceiro lançamento do artista pelo selo Interscope, depois de ter estreado na lendária gravadora SubPop.

Texano roxo, Horton Heat deixa evidente suas raízes nos rockabillies instrumentais "Pride Of San Jacinto" e "The Prophet Stomp". Como a carne é fraca, ele sucumbe aos prazeres da luxúria e do álcool: vai do sombrio clima de bar inferninho em "Hello Mrs. Darkness" a "Native Tongue Of Love" e "Mi Amor", a bebedeiras e diversão em "Baby, I'm Drunk", "Cinco De Mayo" e "Starlight Lounge".

Em meio a toda essa Sodoma e Gomorra musical, ainda sobra tempo para promover uma Torre de Babel de estilos, como o jazz ("Space Heater"), o grunge ("Lie Detector"), o funk/rap/metal ("Revolution Under Foot" e "Goin' Manic") e hard rock setentista tipo Deep Purple ("For Never More").

Por isso, irmão, se estiver procurando a trilha sonora ideal para sua vida agitada e tapete, entre num Thunderbird conversível vermelho com dois dados de pelúcia pendurados no retrovisor, meta Horton Heat no toca-fitas e pise fundo na Rota 66. Um Chevette 1978 e a Rio–Bahia também servem. Amem. **8**

Ronaldo Vieira

Metal puro-sangue

SLAYER
Diabolus In Musica
American/Sony Music

O Slayer é um dos poucos antídotos contra a falta de realidade que impera no rock'n'roll. Há dois anos, quando o sucesso do Green Day trouxe à tona bandas punk sem qualidade, eles rebateram com *Undisputted Truth*, um trabalho repleto de covers de Dead Kennedys, Misfits etc., tocadas com macheza exemplar. Agora *Diabolus In Musica* combate o festival de batuques afro e programações, nem sempre de boa qualidade, que vem caracterizando o heavy metal atual. É rock pesado em estado puro, onze canções interpretadas com a gritaria, solos desenfreados e o peso característicos do quarteto americano.

O baterista Paul Bostaph, na banda desde *Divine Intervention* (1994), revela-se um bom substituto para Dave Lombardo (hoje no Phantomas, ao lado de Mike Patton). Bostaph esmera-se em cacetadas nos bumbos e quebras de ritmo. Ao lado de Jeff Hanneman e Kerry King (guitarras) e Tom Araya (baixo e vocais), sua performance é nada menos que magistral.

A parte lírica traz o mesmo painel de horror de sempre. Críticas à Igreja ("In The Name Of God", em que Araya aponta os religiosos como anticristos), massacres e destruição ("Bitter Peace", "Death's Head", "Stain Of Mind"), ódio e luxúria ("Love To Hate", "Perversions Of Pain", "Desire"). Nada mal para quem já converteu em pesadelo um conto do escritor gótico americano Edgar Allan Poe ("Dead Skin Mask", de *Seasons In The Abyss*). Se o heavy metal anda mal das pernas, não há como reclamar do Slayer: *Diabolus* mostra que o grupo fez sua parte.

8

Sérgio Martins

Lutamos pelo metal

Há quem afirme que o heavy metal morreu. Você concorda com isso?
Tom Araya – Só morreu para os desinformados. Só porque não tocamos no rádio ou não aparecemos na TV não quer dizer que não existimos mais. Aliás, a molecada é uma das principais responsáveis pela nossa popularidade. Há muitos garotos por aí conferindo novas bandas de heavy metal, trocando informações...

Os fãs do Slayer costumam chamá-lo de "Anticristo". Você acredita em Deus?
Araya – Sim. Ele (*Deus*) é quem me permite fazer o que faço. Eu sou católico de batismo, mas não sou praticante. E muito menos acredito nos valores dessa religião.

Por que o Slayer passa uma imagem tão sisuda?
Araya – A culpa é de vocês, da imprensa. E dos nossos assessores, também. Qual editor vai querer uma foto minha dando risada? Agora, quando o assunto é música, levamos muito a sério. E somos felizes com o que fazemos.

Dizem que o Slayer não se dá com o Sepultura. Mas você posou ao lado de Max Cavalera na revista inglesa *Kerrang!*...
Araya – Nunca houve brigas entre nós. Max é um cara legal, gosto do que ele faz. Ainda não ouvi o Soulfly, seu novo grupo, mas *Chaos A.D.* e *Roots*, do Sepultura, são álbuns que respeito.

MARCY PLAYGROUND
Marcy Playground
Capitol/EMI Music

Nova sensação do pós-grunge faz som quase acústico

Formado por John Wozniak (cantor e guitarrista), Dylan Keefe (baixo) e Dan Rieser (bateria), o Marcy Playground tem uma curta carreira – este disco saiu nos EUA há cerca de um ano e meio –, mas mostra um começo promissor. A ótima "Sex And Candy" apareceu bem nas paradas americanas e inglesas, vem sendo tocada em rádios brasileiras e o grupo ganhou destaque em publicações como a americana *Rolling Stone*.

Embora o nome do líder e mentor desse trio nova-iorquino, John Wozniak, sugira a existência de um potencial nerd (Wozniak também é o nome de um dos fundadores da Apple Computers), ele está longe de ter qualquer parentesco com eletrônica: a praia do grupo é um competente grunge semi-acústico (imagine versões roqueiras com violão, baixo e guitarra de músicas de cantores como Bob Dylan e Neil Young em suas fases de trovas). Uma outra qualidade do Marcy Playground é a concisão – ou a coragem de não encher linguiça e lançar um álbum com doze músicas que duram apenas 35 minutos.

8

Vitor Paolozzi

RINGO STARR
Vertical Man
Mercury/PolyGram

O ex-baterista dos Beatles tenta levantar a carreira musical

No primeiro disco de carreira em seis anos, desde o sem-graça *Time Takes Time*, Ringo Starr continua na mesma: apesar de bem acompanhado. Mais pelos convidados do que pelo produtor e pelos músicos fixos. Aparentemente no rol daqueles que precisam oferecer para os banqueiros bônus de canjas e mais canjas de superastros para poder gravar um novo disco, o baterista levou para o estúdio os velhos camaradas Paul McCartney, George Harrison e Sir George Martin. Chamou também nomes que vão de Ozzy Osbourne a Alanis Morissette, passando por Steven Tyler (Aerosmith), Tom Petty, Brian Wilson, Joe Walsh e Scott Weiland (ex-cantor dos Stone Temple Pilots). Com uma versão farofa do primeiro single dos Beatles, "Love Me Do" (que deveria ter sobrado para faixa-bônus de um single qualquer), a obra tem bons momentos de produção, com as músicas que o Ringo fez ao lado de seu produtor e seu empresário. E a canção de trabalho (leia-se clipe), "La Do Da", soa até agradável. Mas a gente conclui que Ringo é sempre Ringo e que talvez sua voz limitada muitas vezes o coloque numa sinuca como esta. Como deixar de ser repetitivo e parar de bater na trave? Talvez Charlie Watts, baterista dos Rolling Stones e que tem uma discreta carreira solo), que nunca abriu o bico, saiba dar uma boa sugestão ao colega de fundo de palco.

4

Marcelo Fróes

RITCHIE BLACKMORE
Take It Easy – Sessions 63/68
Purple Pyramide

Primórdios de um herói da guitarra – Blackmore

Pouca gente sabe, mas os grandes deuses e heróis do rock dos anos 70 tiveram de suar para pagar as contas nos anos 60. Um deles foi o guitarrista Ritchie Blackmore do Deep Purple que, assim como Jimmy Page e John Paul Jones (do Led Zeppelin), trabalhou como [illegible] de estúdio. Blackmore era protegido de Joe Meek, um atormentado e genial produtor independente inglês, pioneiro da música eletrônica.

Os principais momentos de Blackmore como *session man* estão saindo agora neste CD. Quem espera pauleira pode ficar decepcionado. Blackmore mostra aqui sua versatilidade acompanhando vários artistas do elenco de Meek – como o caubói Houston Wells – e ídolos adolescentes, como Heinz e Michael Cox. Blackmore também tocou em uma infinidade de faixas instrumentais, principalmente no Outlaws, grupo do qual foi titular por algum tempo. No CD também estão presentes os dois lados do raro compacto – que não custa menos de 50 dólares nas lojas que trabalham com preciosidades do rock – que ele gravou com sua Blackmore Orchestra. As músicas são "Getaway" e "Little Brown Jug". Outra curiosidade: duas faixas em que o guitarrista acompanha Gene Vincent (autor de "Be Bop A Lula") num programa de rádio. Apesar de o som não ser grande coisa, vale pela performance. Blackmore já dava mostras do sensacional guitarrista que ele viraria no Deep Purple. A se lamentar apenas a ausência das faixas que o músico gravou com o experimental grupo Screaming Lord Sutch. Elas ficaram de fora por problemas de licenciamento.

8

Paulo Cavalcanti

ELIOTT SMITH
Either/Or

Terceiro álbum do compositor alternativo, xodó do Oscar 1997

Ele entrou de bicão na maior festa do cinema, indicado por seu trabalho na trilha de *Gênio Indomável*, de Gus Van Sant. Gravava até há pouco por um selo chamado "Mate Astros do Rock" (amado por Kurt Cobain). Agora, cooptado pela indústria fonográfica, Eliott Smith já tem um novo disco a caminho, *XO*. Mas, neste que é seu terceiro álbum, mostra que é um grande talento que dificilmente será domesticado. Canções simplemmas, em tom menor, vocais delicados, baixíssima fidelidade (as gravações são caseiras) e toda fragilidade do mundo nas letras. Fica sonolento nos momentos menos inspirados e cheira a espírito de autopiedade adolescente, mas tem uma certa ironia que lembra o cantor americano Beck. E às vezes é imensamente bonitinho.

7

P.S.

O outro lado do protesto

BILLY BRAGG & WILCO
Mermaid Avenue
Elektra/Warner

Moldado nos bolsões de miséria dos EUA nos anos 30, Woody Guthrie (1912-1967) foi a voz de reação à América maccartista. Comunista, trazia uma frase gravada no violão: "Esta máquina mata fascistas". Suas canções, que juntavam a tradição européia com elementos dos cantos de trabalho negros, inspiraram gerações. "Você aprende a viver ouvindo", rasgava Bob Dylan. Estigmatizada como panfletária, a obra de Guthrie revela novas faces nestas quinze letras que sua filha Nora entregou ao cantor britânico Billy Bragg e ao grupo americano Wilco para musicar. A imagem do caipirão obcecado por reforma agrária desmorona: há até uma canção erótica chamada "Ingrid Bergman"! A voz de Jeff Tweedy, do Wilco, extrai o máximo das baladas. Billy Bragg também brilha em "She Came Along To Me" (canção de amor que fala em "tirar os fascistas do caminho") e em "The Unwelcome Guest", bonita como um filme de Ken Loach (*Terra E Liberdade*, *A Canção de Carla*). A utopia pode ser furada, mas faz sentido poeticamente.

8

Pedro Só

JOTA QUEST
De Volta Ao Planeta
Chaos/Sony Music

Soul music influenciada por personagens de desenho animado

É melhor desconfiar de uma banda que adora criar coisas que passam na TV. O Jota Quest começou com o nome de um personagem de desenho (o Johnny Quest, abreviado para J. e depois trocado para Jota, por extenso numa exigência dos donos da marca). Agora, babza o segundo disco homenageando uma continuação do filme *O Planeta Dos Macacos*. Quando se passa tanto tempo em frente à TV, é porque faltou um futeboizinho, um cinema, um livro. Quem sabe – mais grave – faltou ficar ouvindo uns discos de vez em quando. O cantor, alobado, não ajuda. Os músicos quando querem fazer som de festa, caso das levadas funk, soam como banda de baile. Quando pretendem fazer pop de FM, caso da balada "Tudo É Você", soam como trilha de novela. Televisão demais da conta nisso.

4

Celso Masson

THE CULT
Dreamtime
Beggars Banquet/Roadrunner

Primeiro álbum da banda que marcou os anos 80

Dreamtime, álbum de estreia do quarteto inglês The Cult, não é o melhor da banda – isso pode ser dito do LP seguinte, *Love*, que trouxe as poderosas "Rain" e "She Sells Sanctuary" – mas ainda assim tem valor suficiente para merecer uma nova edição catorze anos depois.

Brotando na rica cena inglesa da metade da década passada, o Cult refletia a variedade da época, ao mesmo tempo em que fundia hard rock com punk, no que se convencionou chamar de som gótico. O grupo ainda era capaz de ter um visual modernoso/maumonho (no encarte do disco, eles aparecem com cabelos e ternos new wave à la Duran Duran).

É bem possível que esse relançamento receba uma boa acolhida, pela espécie de "inedistismo" que ele representa hoje. O vigor do Cult, que terminou em 1994, preenche o vácuo que se formou entre a "esquerda" do rock – o segmento ocupado pelo heavy metal e suas variações mais pesadas – e o "centro" – aquele tom pop mais elaborado, mas ainda assim assobiável.

7

Vitor Paolozzi

MARCOS VALLE
Nova Bossa Nova
Radial

Craque da terceira dentição da bossa atualiza o gênero

Redescoberto nos clubes onde nos Marcos Valle (autor de clássicos como "Preciso Aprender A Ser Só", "Viola Enluarada" e "Mustang Cor De Sangue", além de "Capitão De Indústria" regravada pelo Paralamas) teve ânimo para voltar aos estúdios com um discaço. O som de seu teclado Fender Rhodes dá o tom em dez faixas que dosam groove, sofisticação harmônica e o balanço do samba carioca.

Graças ao empenho do inglês Joe Davis (um DJ que desde o meio dos anos 80 vinha ao Rio garimpar discos), dono do selo Far Out, a eterna bossa de Valle está em sintonia com o pop contemporâneo. A faixa instrumental de abertura, "Novo Visual", sintetiza a história: sem perder o sangue, ela é colorida por solos de Valle (do guitarrista Caneca e do saxofonista e flautista Ricardo Pontes). Em alguns momentos, o DJ Roc Hunter contribui com a programação eletrônica, numa fusão impecável.

A fórmula do novo Valle foi aprovada no Japão, Europa e Inglaterra. Apesar disso, nenhuma gravadora brasileira tinha se interessado em lançar este CD por aqui.

9

Antonio Carlos Miguel

PUBLIC ENEMY
He Got Game
Def Jam

A recuperação do melhor grupo de rap do planeta

Em seu quinto lançamento depois de quatro anos, o Public Enemy volta a cruzar o caminho do cineasta Spike Lee em *He Got Game*. Composta para o filme homônimo, a trilha marca o reencontro de ambos. Lee, que não acertava a mão desde *Faça A Coisa Certa* (1989), faz uma cesta de três pontos ao levar às telas uma produção sobre basquete. E o PE produz uma combinação perfeita de discurso e batidas, corrigindo as desandadas do disco anterior, o fraco *Muse Sick N Hour Mess Age*.

Apoiado pelo Bomb Squad (o time de produtores), o exército liderado pelo rapper Chuck D volta a falar em apocalipse ("Revelation 33 1/3 Revolutions"), critica a falta de discurso dos rappers ("Politics Of The Sneaker Pimps") e promove um batuque em "Shake Your Booty" – com um show de Flavour Flav. Para quem não acredita na união entre pretos e brancos, a faixa-título fornece prova em contrário: ao usar o sample de um clássico da canção pop/folk americana, "For What It's Worth", o Public Enemy divide os microfones com o caubói Stephen Stills, que compôs a música nos anos 60, quando integrava o grupo Buffalo Springfield.

8

Sérgio Martins

TRICKY
Angels With Dirty Faces
Island/Polygram

O rapper número um do trip hop comete suicídio comercial

Tricky é definitivamente o Jackson Pollock (pintor neo-expressionista abstrato americano) do trip hop. O "corpo" de suas canções neste terceiro álbum é apenas indicado por timbres opacos, ritmos difusos e letras que mais parecem emaranhados de palavras e expressões pescadas ao léu.

Angels With Dirty Faces requer contemplação, mas ninguém tem tempo e paciência para isso hoje em dia. Por isso é que a carreira do artista está com seus dias contados. O disco é suicídio comercial, mas, ao mesmo tempo, um trabalho do cacete. Tricky expõe os meandros de sua alma, cria tensões e ansiedades, recria medos e pauras e prova outra vez que, com um sampler na mão e uma idéia na cabeça, é possível fazer um vodu histórico. Os críticos britânicos detestaram o CD. Motivo: o "arrogante" Tricky mudou-se para Nova York.

8

Thomas Pappon

Sagrado guitarrista

ERIC CLAPTON

- **8** ***Eric Clapton***
- **8** ***Slowhand***
  PolyGram/Musiclub
- **6** ***24 Nights***
  WEA/Musiclub
- **5** ***There's One In Every Crowd***
- **5** ***E.C. Was Here***
- **8** ***Backless***
  PolyGram/Musiclub

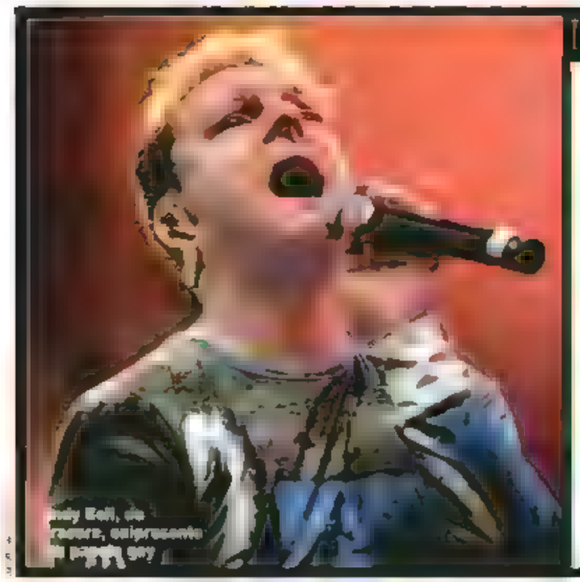
HÁ QUEM DIGA que a história do rock pode ser escrita apenas com chavões. Lá vai mais um: Clapton é Deus. Basta revisitar o passado do maior guitarrista britânico para ter certeza de tal afirmação. Entre (muitos) altos e (alguns) baixos, ele tornou-se uma instituição sagrada.

Na pacoteira que volta com exclusividade para os sócios do Musiclub (*para se associar, ligue para 011 3037-2600 ou preencha os formulários que vêm encartados nas publicações da Editora Abril*), dois álbuns valem qualquer investimento: *Eric Clapton* (1969) e *Slowhand* (1977). O primeiro é o pontapé inicial da carreira solo do guitarrista. Depois da fase punista ao lado dos Bluesbreakers de John Mayall, da loucura psicodélica do Cream e do fiasco do pretensioso grupo Blind Faith, Clapton reuniu seus amigos mais chegados para gravar um disco intimista. É vigoroso, como provam "Let It Rain", "Blues Power", "Easy Now" e a versão de "After Midnight", pedrada do também guitarrista J.J. Cale.

Outra música do *outsider* Cale transformou-se no grande sucesso de *Slowhand*, "Cocaine". Clapton flerta com a country music em "Lay Down Sally" e forja uma de suas melhores baladas, "Wonderful Tonight". Os outros quatro CDs do pacote ficam no meio do caminho. *There's One In Every Crowd* (1975) vai devagar-quase-parando. O destaque é a versão de "The Sky Is Crying", clássico do bluesman americano Elmore James. Gravado ao vivo, *E.C. Was Here* (1975) traz um Clapton no osso, com um fiapo de voz e a guitarra embriagada por litros e mais litros de bourbon. *Backless* (1978) é outro que se arrasta.

24 Nights é o registro da temporada de Clapton no lendário teatro londrino Royal Albert Hall em 1990 e 1991. Ele liderou quatro bandas com formações distintas, capazes de representar as várias fases de sua carreira. Primeiro, uma banda de rock crua. Depois, um bimaço de blues, com a Buddy Guy e Robert Cray. Na sequência, um supergrupo pop. Para fechar, uma mistureba sinfônica com a Filarmônica de Londres. Seja como for, é melhor ficar com o filé de Clapton.

Hélio Gomes



Rápido & Rasteiro GAY

Embora o novo selo criado pela gravadora Paradoxx se chame GLS, as lésbicas e os simpatizantes ainda não foram agraciados com seus hits preferidos. Os cinco CDs-coletâneas trazem apenas o que rola nos clubes mais gays do Brasil, onde é difícil encontrar uma mulher e muito mais raro dar de cara com um simpatizante. **Freedom Anthems** mistura sucessos do finalzinho da década de 70, como "I Feel Love", da eterna diva **DONNA SUMMER**, com os fracotes grupos **OBSESSION** e **ABBACADABRA**. **It´s A Mansworld** traz sucessos dos anos 80 e 90 em versões dance um tanto quanto duvidosas, como "I Will Survive", de **GLORIA GAYNOR**, e "You Make Me Feel" de **JAN PATER**. **Over The Rainbow Classic Hits** continua seguindo a linha: **NICK FRENCH, RANDY BUSH** e outros do imaginário *banheiron*. **Party Boys**, além de hits, apresenta versões dance de "Wonderwall", do **OASIS** (pelo amor de Deus!!!!) e "Let´s Dance", de **DAVID BOWIE**. "Antes de cortar os pulsos ou pular do prédio depois de constatar que em todos os CDs há uma música do **ERASURE**, o gay pode se acalmar com **Body Culture**, último item da coleção. O disquinho tem **BASCO**, com a poderosa "Can't Get Enough", **GALA**, com "Come Into My Life", e uma versão dance legalzinha para "Frozen", de **MADONNA**.

Claudia Grechi

Mergulho na alma

10 RAY CHARLES
The Genius Of Ray Charles

10 OTIS REDDING
The Dock Of The Bay

9 WILSON PICKETT
In The Midnight Hour

7 BEN E. KING
The Very Best Of

7 PERCY SLEDGE
The Very Best Of
(Rhino/Continental)

PLAY Fruto da união entre o rhythm'n'blues e o canto gospel, a soul music teve seu auge nos anos 60. Mas sua influência no pop perdura até hoje. Daí o acerto do primeiro lote do selo Rhino, especializado em pinçar preciosidades do catálogo das grandes gravadoras, com um ótimo painel do estilo. Cinco dos dezesseis discos lançados trazem cantores fundamentais, a começar por Ray Charles, que pode ser considerado o precursor do soul.

Sem se restringir ao gênero, com sua mistura de rhythm'n'blues, jazz e gospel, Ray adubou o terreno para o canto soul. *The Genius Of* (1959) foi seu terceiro álbum e traz muitas provas disso, como mostram as viscerais "Two Years Of Torture" e "You Won't Let Me Go"

No meio da década de 60, Otis Redding consagraria-se como o principal cantor do estilo – até um desastre de avião, em dezembro de 1967, o tirar de cena. Lançado três meses depois de sua morte, o sucesso estrondoso de *The Dock Of The Bay* pode ser creditado à tal "necrofilia da arte", mas é também um clássico. Principalmente graças a composições como a faixa-título (composta ao lado do magistral guitarrista e produtor Steve Cropper, hoje na Blues Brothers Band), "Let Me Come On Home" e "Open The Door"

Outro cantor nota dez, Wilson Pickett, carimbou seu passaporte para o Olimpo do pop com "In The Midnight Hour". O disco homônimo, reunindo gravações de Pickett (três creditadas ao seu antigo grupo, The Falcons) entre 1961 e 1965, traz outras pérolas: "Teardrops Will Fall", "That's A Man's Way" e "Don't Fight It"

Os *best of* de Ben E. King e de Percy Sledge alternam gemas e babas rhythm'n'blues e doo-wop (o rhythm'n'blues dos anos 50 com intrincadas harmonias vocais).

Antônio Carlos Miguel

FASTBALL
All The Pain Money Can Buy
Hollywood/Polygram

Trio texano empiaca hit com um bolero recauchutado

O maior mérito dessa grupo é saber escolher bem suas "fontes" criativas. Prova disso é "The Way", um legítimo bolerão disfarçado em roupagem roqueira. Para ouvidos menos treinados, essa velharia reciclada soa como um negócio muito estranho e dá a impressão de que se trata de algo revolucionário.

Nada contra a iniciativa do Fastball. Se eles são meio anêmicos na composição de boas melodias, compensam essa deficiência recorrendo a elementos extraídos de ótimos mananciais: Elvis Costello, Tom Petty e rock estilo Monkees. A restrição que se pode fazer ao trio é a limidez em buscar misturas exóticas. quem comprar o disco esperando encontrar músicas semelhantes a "The Way" vai se decepcionar, porque esse hit não retrata bem o resto do CD, mais pela prata do folk.

6

LIONEL RICHIE
Time
Mercury/PolyGram

Cantor americano investe em baladas de bom gosto

Bom título. Realmente, Lionel Richie nunca se deixou escravizar pelo tempo. Seu grupo Commodores surgiu em 1968 e só estourou em 1977, saudado então como "os Beatles da soul music". Em 1982, Lionel deixou os Commodores e se tornou justamente um Paul McCartney da música negra, com o mesmo vício de alternar baladas. "Endless Love" é momentos de brilho.

O novo CD não vai desapontar os fãs nem enfurecer os inimigos. Tem um pouco de tudo, incluindo funk suave ("Zoom"), rhythm & blues com sabor falso Touch ("Everytime" é claro), baladonas no melhor estilo clone Richie, com sacarina no limite do excesso, como "Hear Your Voice" e "Lady", sim, a mesma lançada pelo astro country Kenny Rogers em 1980.

7

Ayrton Mugnaini Jr.

MASE
Harlem World
Bad Boy/BMG Brasil

Cria do megaprodutor Puff Daddy em trabalho solo

Mase surgiu com destaque no álbum *Life After Death*, de Notorious B.I.G. Ele comparece na faixa "Mo' Money Mo' Problems". Com um disco inteiramente para si, o rapper chamou uma penca de convidados que se desdobraram em raps e canto – as sobre me odas de Isaac Hayes, Michael Jackson etc. *Harlem World* sofre do mesmo defeito dos companheiros de abuta de Mase: a conversa furada de tiros e sexos. Mas como são poucos os que entendem o blablablá do rapaz, a solução é chacoalhar o esqueleto ao som das essenciais "Lookin' At Me", com a cantora Billy Lawrence, e "Feel So God".

7

Sérgio Martins

GEEZER
Black Science
Roadrunner

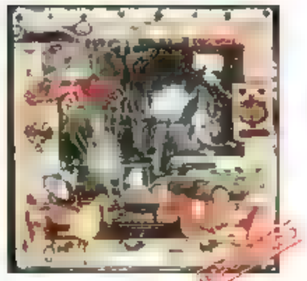
O baixista do Black Sabbath renova o metal com techno

Em sua carreira solo, o baixista Geezer Butler demonstra a dignidade que anda em falta no Black Sabbath, hoje resumido ao guitarrista Tony Iommi e a quinquilharias de ocasião, salvo as aparições com sua formação original no Ozzfest. Geezer, a banda mescla a experiência de Butler e a pegada feroz do baterista Dean Castronovo, assim como o baixista, um ex-integrante da banda de Ozzy Osbourne, ao sangue bom dos novatos Pedro Howse, guitarras, e Clark Brown, vocais. A química colocada lado a lado as sonoridades mais modernas do heavy atual e os grooves arrastados que caracterizaram o Sabbath. Essa simbiose emerge nos preciosos timbres industriais da guitarra de Howse e no – quem diria – namoro com o drum'n'bass em "Northern Wisdom".

Especialista das ciências ocultas, Geezer é fã do escritor gótico inglês Dennis Wheatley, autor das letras mais arrepiantes do Black Sabbath, o velho Geezer anda mergulhado de cabeça no oculto agora pirateado na internet. Seus temas são o espaço sideral ("Justified", a enfadonhas "Arena Code 51" e criaturas cibernéticas ("Among The Cybermen"). Sob a tempo ainda para o típico humor inglês. O faixa "Number 5" que pega as almas pelo caminho, nada mais e que o ônibus que o baixista tomava em sua infância. Xaprak, flerta com um heroi intergaláctico e a sensacional "Unspeakable Elvis", cuja parte lírica debocha de Elvis Presley. As luzes se apagam. Sinto uma presença na sala. Você me ama, Elvis diabólico?

8

Carlos Eduardo Oliveira



GED BARRY
Showbiz Wilderness
Readymade

Ex-futebolista não compromete trilha para filme maquiavélico

Ged Barry é um compositor e saxofonista de Liverpool, um futebolista frustrado que começou sua carreira de músico improvisando em grupos de jazz. Ele define seu álbum de estreia como trilha de um filme imaginário que deve ser um de ação, mas cabeça. Quando o pop Barry faz vassoura em apontes ou chega a lembrar Sugarcubes, ex-grupo da islandesa Björk, quando resolve quebrar tudo. Ele se inspira em Bach e nos músicos de jazz de vanguarda da John Zorn e Fred Frith, mas ataca de tango e baião, separados por sambas de máquinas de lavar. O senso de humor que tempera essa salada garante a goleada.

7

Marcos Smirkoff

Sarcasmo bem sacado

THE JESUS AND MARY CHAIN
Munki
Warner/Sony

A ordem blasfema dos irmãos escoceses Jim e William Reid entrou em cena em 1984, passando a motosserra na porta. Com guitarras zumbindo feito maquinas dementes a massacrar doces melodias, eles foram aclamados pela crítica como a salvação do rock. Espertos, trocaram o ruído já no segundo disco, *Darklands* (1987), revelando o que havia de belo por baixo da distorção: pinçaram baterias programadas e sons sequenciados no terceiro, *Automatic* (1989), e seguiram fazendo variações sobre o tema.

Neste sexto álbum de carreira, "a corrente de Jesus e Maria" volta com os mesmos acordes, poucos e bons, os mesmos vocais, limitados e entorpecidos, os mesmos toques eletrônicos, agora graciosamente ultrapassados, e as mesmas letras, bem sacadas e sarcásticas. Inovações? "Perfume", com a voz sexy de Hope Sandoval, soa quase trip hop, e "Moe Tucker" é cantada por outra convidada, Sister Vanilla. Mas a grande novidade é que o disco é animadíssimo. O Jesus está inspirado como não se ouvia desde *Honey's Dead*, de 1992. Fecho de ouro: "I Hate Rock'n Roll": "Odeio rock'n roll, e toda essa gente sem nada pra mostrar".

8

Pedro Só

PAULO FREIRE
São Gonçalo
Pau Brasil

Causos caipiras ganham vida na interpretação do violeiro

Violista ou violeiro? Paulo Freire constrói uma linguagem própria para sua viola, que desmancha as fronteiras entre as classificações. E que, nos arranjos, une esse instrumento-símbolo do Brasil rural à viola clássica, de orquestra, em um contraponto delicioso.

Tanto nas faixas instrumentais como nos *causos* contados ao sabor de seus dedilhados, pululam boas idéias. Na versão do clássico "Tristeza Do Jeca", por exemplo, um contrabaixo acústico executa a melodia em vez de ser acompanhamento, deixando esse papel para a base inventiva de Freire. *São Gonçalo* capta um artista fugindo dos clichês como o diabo da cruz.

Danilo Monteiro **8**

ÁGUA DE MORINGA
Saracoteando
Água De Moringa

Choro elegante em trajes modernos e de corte erudito

Poucos grupos são dignos de ter os nomes de todos os seus integrantes mencionados no centímetro quadrado destas resenhas. No caso deste regional carioca, porém, cada um dos músicos merecia um parágrafo. Rui Alvim (clarinete e clarone), Marcílio Lopes (bandolim e violão tenor), Jayme Vignoli (cavaquinho), Luiz Flávio Alcofra (violão e viola caipira), Josimar Carneiro (violão de sete cordas) e André Boxexa (pandeiro e batena), fazem o eterno choro de Jacob do Bandolim sorrir em novas direções. Em texto encartado, o saxofonista amador Luis Fernando Veríssimo escreve que o Água De Moringa lhe provoca impulsos opostos: um de desfenestrar citadinos como "depois do barroco, só, talvez, no jazz de Nova Orleans se ouviu música polifônica de câmara desta qualidade", outro, de "partir para o êta nóis e falar da alma brasileira e seus arrebatamentos". Depois dessa...

P.S. **9**

HEPCAT
Right On Time
Hellcat/Paradoxx

Banda dos EUA faz reggae e ska com qualidade jamaicana

Perfeito para dançar a noite inteira, de preferência bem acompanhado, o disco traz uma sequência de melodias suaves – e muito bem compostas por músicos que entendem do riscado –, temperadas com letras românticas. A desencanada primeira faixa, "I Can't Wait" ("tudo bem se esta noite virar a ser a última") dá o tom exato do que vem a seguir. "Goodbye Street" conta histórias de solidão e despedidas e a alto-astral "No Worries" fala sobre deixar os problemas para trás e correr atrás dos sonhos. Entre uma balada e uma levada mais jazz, os saxofonistas Efren Santana e Raul Talavera e o trompetista Kincaid Smith emprestam um toque [illegible].

Jonas Furtado **8**

A cantora e o monolito

ELIZETE CARDOSO
Canção Do Amor Demais
Festa/Moneyplay

CLÁSSICO

A bossa nova começa aqui, discreta e elegante como é de sua natureza, no violão que João Gilberto desencaixa em "Chega De Saudade". Conforme Ruy Castro escreveu no livro homônimo, a batida que colocou a cultura brasileira na primeira divisão do planeta não foi notada nem por Vinícius de Moraes, autor dos poemas musicados por Tom Jobim neste disco. No texto manuscrito que constava da contracapa original, ele falava de tudo, menos do pioneiro violão do João. Lançado por um selo especializado em poemas declamados, em abril de 1958, *Canção Do Amor Demais* não foi além da tiragem de 2 mil cópias na época. Antes de virar monolito de valor histórico, foi caçado como item de colecionador pelos fãs da Divina. Muito justamente: genialidade de João Gilberto à parte, brilhantes intervenções do flautista Copinha anotadas, o disco é mesmo de Elizete Cardoso, uma cantora monumental.

Pedro Só **10**

SELOS INDEPENDENTES

Água De Moringa (021) 566-3255 • **Beruperê** – (071) 24-5842 ou beruperê@base.com.br • **Cia. Paulista de Hip Hop** (011) 864-2602 • **Cabelo** (0[illegible]) 282-5595/282-5798 • **Discovery** – (061) 226-5404/224-4650 • **Ethos** (011) 3068811, ramal 1701 • **GPA** (021) 493-3919 • **Kuarup Discos** (021) 220-4623 e kuarup@unisel.com.br (e-mail) • **Lumiar Discos** (02[illegible]) 547-4045 • **Motor** (031) 261-9509 e motor@globalink.com.br (e-mail) • **Pau Brasil** (011) 870-2777 ou 874-9404 • **Readymade Records** – 14, St. Lukes Rd, London W 1 08 (U.K. tel. 00144[illegible]) 71-792-9101 • **Spicy Records** Caixa Postal 3811, CEP 0[illegible]-970, São Paulo, SP • **Vitória Régia** (021) 389-1583 • **Wet Music** – (011) 452-2144

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
RARIDADES DE: ROCK-POP DOS 60 AOS 9[illegible] EM TODOS OS ESTILOS
Enviamos para todo país. Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
londoncd@uol.com.br
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD's
Tel/Fax: (011) 223-5300

-E AÍ, VAI DEVOLVER MEU CUPOM OU NÃO VAI?
QUATRO RODAS DÁ O 1º NOVO FUSCA DO BRASIL
Pegue já seu cupom na edição de agosto da QUATRO RODAS.
QUATRO RODAS
PETROBRAS
www.petrobras.com.br

NACIONAIS MC'S

DE NORTE A SUL, ENGROSSAM AS FILEIRAS DO RAP BRASILEIRO

por CARLOS EDUARDO OLIVEIRA

"É um campo minado." A frase de Mano Brown, dos Racionais MC's na música "Fórmula Mágica Da Paz" ganhou um novo sentido: o rap está prestes a explodir em todas as regiões do Brasil. Com o sucesso, conseguido sem apoio de gravadoras multinacionais ou da mídia, os Racionais MC's agora têm condições de assumir o papel de "padrinhos" de toda uma geração.

Em cada cidade onde páram, Mano Brown, KLJay, Edy Rock e Ice Blue direta ou indiretamente semeiam o terreno. Além de espalhar suas mensagens que pregam a militância social, o grupo com freqüência impulsiona os talentos locais, convidando-os para abrirem seus shows. Em alguns casos, chegam a indicar nomes para gravadoras e até a produzir seus discos.

A maioria dos rappers que estão despontando gravita em torno dos temas principais dos Racionais: marginalidade, miséria, preconceito, violência urbana. Mas deve-se ressaltar que existe muita diversidade no cenário e ocasionais divergências. O que, aliás, é bastante natural num processo de fermentação como esse. »

PIVETI

Se rapper que é rapper precisa de breve de rua, Cláudio Riciatti já possui o seu. Aos 23 anos, Piveti, como é conhecido, foi um dos fundadores do Pavilhão 9. Com 19 anos gravou *Ex-Detento* (que acaba de ser relançada), envolveu-se em encrencas que lhe custaram dois anos e meio de liberdade – pego dirigindo um carro furtado "por um amigo", foi condenado por roubo – e agora, literalmente na condicional, recomeça ao lado do parceiro Branco, 24, outro ex-Pavilhão e compositor de parte dos hits do grupo. Piveti considera seu novo CD, *Quebrando As Algemas*, "o melhor disco de rap já feito no Brasil e um dos melhores do mundo". "Nem eu acredito que consegui tirar um som desse nível", exalta, sem modéstia, para em seguida explicar que "não é pretensão, não tem nada parecido atualmente."

Piveti abriu mão da linha gangsta (a facção mais pesada do hip hop) de *Ex-Detento* por um som mais animado e pop. Usando bases de clássicos da música negra americana dos anos 70 (Funkadelic), de grupos pop como Tom Tom Club "e muita coisa criada e tocada pela gente mesmo", ele aposta que o álbum emplaca até entre skatistas. As influências variadas, porém, são todas estrangeiras. "Respeito muito Racionais, mas não curto rap brasileiro", diz. Também difere de Mano Brown e sua trupe no discurso: "Nosso *trampo* é incolor, universal e para todas as raças e tribos"

DJ Primo, Jonathan e Bill *(da esq. para a dir.)* fazem o rap no Paraná

MV BILL

Destaque do rap no Rio, MV Bill até já ganhou o selo de aprovação dos Racionais. "Ele está dando seguimento a nosso trabalho". Fundador do extinto Geração Futura (um dos pioneiros no gênero, ao lado de Filhos do Gueto, Consciência Urbana, Nat, Poesia Sobre Ruínas e Damas Do Rap), MV Bill atua ao lado do DJ TR, milita na Cidade de Deus (Zona Oeste do Rio) e costuma abrir os shows dos Racionais no Rio de Janeiro. Adepto das "mensagens de conscientização", Bill é um dos arquitetos da desvinculação que começa a surgir entre o rap e a cultura dos bailes funk cariocas. O primeiro disco, *CDD Mandando Fechado*, tem produção de Mano Brown e Ice Blue e está saindo pela Zâmbia Records em meio a muita expectativa. A faixa "Pare De Babar", candidata a hit, é polêmica, traz a incendiária palavra de ordem "playboy tem que morrer". "A gente tem é que ficar no morro mesmo. Se fosse para viver junto, tinha nascido todo mundo da mesma cor", argumenta o separatista Bill, que escreveu a música para dar vazão à sua revolta frente ao que considera como postura subserviente dos negros pobres do subúrbio em relação aos brancos bem nutridos e endinheirados da Zona Sul do Rio de Janeiro.

BLACKOUT

Na ativa desde 1993, o Blackout encabeça o rap paranaense e surpreende pela qualidade e profissionalismo de sua primeira demo – o trabalho guarda feliz proximidade com a linha pop do rapper americano Coolio (autor do hit "Gangsta's Paradise") Formado por Jonathan, Bill e DJ Primo, o grupo junta influências do funk brasileiro setentista (Cassiano, Toni Tornado, Lady Zu, Banda Black Rio) a samplers de Kool And The Gang e Chic (mestres do funk e da disco music), Kurtis Blow e Kool Moe Dee (dos pioneiros do rap americano). Reivindicações e mensagens de auto-estima e identidade étnica são passadas de forma não-agressiva, evitando gírias (como "mano", "tá ligado") que não sejam do universo paranaense. "Minhas letras falam de positividade, mesmo em suas passagens ruins, porque todo mundo tem o poder dentro", diz Jonathan. A partir da segunda demo, que já está a caminho, o Blackout passará a incluir em suas apresentações uma banda (guitarra, baixo, bateria e teclado), em busca de um reconhecimento musical maior para o trabalho.

PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR

BRASÍLIA

O caldeirão do DF está em ebulição, a meio caminho de tornar-se a versão brasileira de South Central, bairro barra-pesada de Los Angeles pródigo em revelar grupos de rap. Paralelamente a Gog e Câmbio Negro, veteranos com alguns discos lançados (e prestes a lançar CDs novos), floresce no hip hop do Planalto uma nova geração que tem como origem, e público consumidor, as paupérrimas cidades-satélites. Parte dessa leva liderada por Alibi (grupo do DJ Jamaika, ex-Câmbio Negro), Cirurgia Moral e Baseado Nas Ruas ataca seus antecessores, com ofensas diretas a Câmbio Negro e Gog, por, entre outros motivos, tocarem com banda – para eles, isso representa uma hereboa aproximação com o rock. A turma frequentemente sai de Brasília para tocar em Ribeirão Preto (SP) com casas lotadas. A gravadora Discovery funciona como QG do movimento.

RIO GRANDE DO SUL

Celeiro do hip hop porto-alegrense, o bairro da Restinga, na Zona Sul, gerou Pió (moleque, em "gauchês"), 24 anos. Em 1988, ele criou o L.O.R.D.S., banda pioneira do rap no Estado, que lançou o disco *O Homem Errado*. Com bases de clássicos do funk, como Isaac Hayes, Sly Stone e George Clinton, Pió flerta com o rap eletrônico, de batidas rápidas e com tinturas pop. Atualmente prepara disco novo pelo selo paulistano Kaskata's Records.

Em suas andanças pelo Sul, Mano Brown conheceu e deu sua bênção ao trabalho do U.R.C. (Unidade Rap do Cristal): Luciano, Adriano, Cristiano, Diego e Celso se revezam há três anos entre charms e raps para agitar a moçada que superlota seus bailes em Porto Alegre.

Contratado pela Paradoxx e produzido pelo DJ Hum (pioneiro do rap em São Paulo, um dos nomes mais respeitados do gênero no Brasil), o trio S. Of G ("Sound Of Guedes") – Nitro-G, Nano e o DJ Dee-Ley – vai lançar nos próximos meses o álbum *A Casa Não Cai*.

Também em vias de chegar às lojas está o T.W.P., que no momento negocia com uma gravadora francesa.

SANTA CATARINA

Código Negro, que produz os próprios shows e já abriu para os Racionais, é o grupo mais conhecido do Estado: "Este é o melhor ano do rap aqui, o show dos Racionais em abril foi um divisor de águas", conta o rapper Anderson. A brigada local inclui ainda Nativos Rappers (estilo Pavilhão 9, os únicos a tocar com banda), Floripa WT, Voz Da Rua, Consciência Negra, SC Klan, Despertar Dos Mágicos, DNA (pioneiros em Santa Catarina, pela primeira vez entrando em estúdio), Sistema Urbano e Paze.

GRAVADORAS

Discovery (Alibi, Cirurgia Moral, Baseado Nas Ruas) – (061) 226-5404
Companhia Paulista de Hip Hop (DMN, Filosofia de Rua) – (011) 864-2602
Kaskata's Records (Doctor MC's, Pió, Sociedade Anônima) – (011) 716-5258
Zâmbia Records (Racionais MC's, MV Bill, Mr. Catra) – (011) 3955-1171
Paradoxx (Piveti, S. Of G.) – (011) 575-0833
Porto Negal (Visão De Rua, Consciência Humana, RZO) – (011) 4232-8296

CEARÁ

Formado em 1993, o quarteto Comunidade Da Rima é o grande batalhador do hip hop cearense. Possui influências que vão do funk setentista a Belchior e Patativa do Assaré. As letras politizadas procuram resgatar a história do povo nordestino. Sem discos gravados, participa com uma faixa da demo coletiva *O Rap Do Ceara*. Nomes mais recentes, como Formação De Rua, Elemento Suspeito, Sertão Rap MC's, Vítimas do Preconceito, União de Raças e Ice Dim, também integram a coletânea.

"Quero Estar Vivo Pra Ver"
Comunidade Da Rima (Zezé)

Eu vejo a neo-escravidão do meu Nordeste
A seca e a fome se espalhando como peste
Léguas e léguas de abandono
Anos e anos de exploração
Terras e terras dos mesmos donos
Léguas mas anos mais terras é igual a sertão

MARANHÃO

Com uma demo gravada, o Navalhas Negras já é o grupo mais bem estruturado na cena rap maranhense. Letras de protesto social/racial causaram imediata identificação com a galera frequentadora das rodas de rap da Praça Marechal Deodoro. "Penafricania", "Ases Da Periferia" e "Face Oculta Racista" – esta com clipe na MTV – são as mais pedidas.

PERNAMBUCO

Com o primeiro CD homônimo recém-lançado, o Faces Do Suburbio puxa a movimentada cena do Recife. A banda, que começou nas rodas de break, foi a forma encontrada por seus integrantes para fugir da marginalidade. "A gente trocou a opção das armas pela baqueta, pela palheta de guitarra, pelo microfone", conta o percussionista Garnize. Spider E A Incógnita Rap, Sistema X, Mira Negra, A Linha Da Última Resistência e Periferia Norte também agitam a cena hip hop.

MINAS GERAIS

PP MC & DJ Deco Murphy saíram de Juiz de Fora para ganhar o público de São Paulo. Seu primeiro CD, *Identidade*, recém-lançado pela Virgin Records, tem recado forte, sem poses de mau, e um ecletismo musical raro no gênero, com citações de Benjor ao lado de funk e gangsta. MV Bill e X, do Câmbio Negro, participam. Já o Divisão de Apoio existe há três anos e tem sua origem ligada a movimentos sindicais e a ONGs. Toca com banda e alia batida rap, levada funk e pitadas de blues. Outros destaques mineiros são Black Soul, Fator R, Face Oculta, Processo Hip Hop e Lista Negra.

BAHIA

Com onze anos de estrada, o Leões Do Rap conseguiu impor-se na terra do axé como o nº 1 do rap da Bahia. O grupo, atualmente radicado no Rio de Janeiro, tem em sua gênese o grafite e o break. A primeira e única demo evidencia estruturas musicais simples (berimbau e atabaque conferem discreto sotaque afro) sobrepostas a um recado forte – "SSA BA", "Polícia" e "Pra Que Lado Eu Vou" [illegible] milhares de pessoas em apresentações dos Leões e de nomes como Elemento X, Black Power, Estrutura Do Rap, Atitude Negra, Ideologia Alicerce, Tiro Certo, Primitivos Do Rap.

RIO DE JANEIRO

O Rio quer provar que, além de oferecer Claudinho & Buchecha, também faz rap "sério". Liderado por Def Yuri, o Ryo Radikal Repz pretende-se um projeto político-musical de integração e informação. Dá seu recado em letras fortes, como "Rap É Guerra" e "Cidade Sem Lei". Outro nome em ascensão é DJ Tito, ex-vocalista de Gabriel O Pensador em carreira solo cuja primeira demo segue a linha grooves dançantes com bases acústicas. Correndo por fora: Mr. Catra (outro "afilhado" carioca dos Racionais MC's), Disciplina Urbana e o grupo feminino Damas Do Rap.

SÃO PAULO

O centro difusor do rap no país está lançando uma nova fornada de discos, de grupos como: Sampa Crew, Doctors MC's, Sistema Negro, Big Richards, DMN, Retrato Falado, Kamponil, Xis, Filosofia de Rua, Dimensão Negra (Santos), Consciência X (Ribeirão Preto), RZO, Detentos Do Rap (formado na penitenciária do Carandiru, o grupo gravou seu primeiro CD atrás das grades), Face Negra, SP Funk, Consciência Humana, Visão de Rua (grupo feminino). Também vale a pena prestar atenção em Vitima Fatal (com sua versão hip hop para "Haiti", de Caetano Veloso), Possemetezutu (que terá o primeiro disco produzido por XL Jay) e Verbo Pesado, que critica o comercialismo na cultura brasileira.

"Criminosos da Comunicação"
Verbo Pesado (Nill/Kid Nice/W. Yo)

Ligo a TV, e uma complicação, tipo uma compilação de porcarias
Claudinho e Buchecha rebolando
(...)
Duas emissoras de televisão brigando por ibope em pleno domingão
E eu com a minha família, lá em casa, tomando uma gelada, a semana tinha sido da pesada, a minha filha que não [illegible]
"Papai, televisão, é mulher pelada"
Minha mãe, a nega vesa, não acreditou naquilo e rapidamente mudou para o canal vizinho
A mesma imagem permanecia lá na tela
Era sushi, perto, bunda, o resto não interessa

Gillian, Morris, Hook e Sumner: reabrindo a fábrica de hits

Você acha que sabe tudo sobre o New Order?

Desafie a memória checando seus conhecimentos a respeito de uma das maiores bandas da década de 80, que volta agora depois de cinco anos de separação

1 **Qual destas bandas não tem associação alguma com os integrantes do New Order?**
a) Monaco
b) Electronic
c) The Other Two
d) Gengis Khan
e) Revenge

2 **Quem é o designer das capas do New Order?**
a) Andy Warhol
b) Elifas Andreatto
c) Peter Saville
d) Roger Dean
e) McKintosh

3 **Qual era o outro nome pelo qual Bernard Sumner era conhecido no começo de sua carreira?**
a) Barney Rubble
b) Barney Summer
c) Bernard Gretton
d) Bernard Albrecht
e) Bernard Cabrall

4 **De qual cidade inglesa vem o [illegible]?**
a) Liverpool
b) Manchester
c) Londres
d) Francis Moratt
e) Newcastle

5 **Qual é o único disco do New Order que tem foto dos integrantes na capa?**
a) Power, Corruption & Lies
b) Movement
c) Low Life
d) Republic
e) The Good, The Dead And The Ugly Woman

6 **Que gravadora independente lançou a maior parte dos discos do New Order?**
a) Factory
b) Rough Trade
c) Creation
d) Mocreation
e) Mute

7 **O New Order é um dos donos de um projeto chamado The Hacienda. Qual é o ramo desse negócio?**
a) Uma gravadora independente para lançar novos talentos
b) Um parque temático com os personagens da série *Bonanza*
c) Um bar animado por go-go girls peitudas com máscaras de vaca
d) Uma indústria de laticínios nos arredores de Manchester
e) Um clube noturno

8 **Quais destas músicas foram compostas ainda na época em que o grupo se chamava Joy Division?**
a) "Ceremony" e "In A Lonely Place"
b) "Subculture" e "Hang The Singer"
c) "Dreams Never End" e "Freak Le Boom Boom"
d) "Round And Round" e "Blue Monday"
e) "Confusion" e "Fine Time"

9 **As músicas "Thieves Like Us" e "Shellshock" fazem parte da trilha sonora de qual filme?**
a) A Garota de Rosa Choque
b) Clube dos Cinco
c) Curtindo a Vida Adoidado
d) O Inspetor Faustão E O Mallandro
e) Espelho De Carne De Terceira

10 **Com que música a banda abriu sua turnê brasileira de 1988, no Rio de Janeiro?**
a) "Bizarre Love Triangle"
b) "True Faith"
c) "Massagem For Men"
d) "Ceremony"
e) "Aquarela do Brasil"

SEU FUTURO DENTRO DA NOVA ORDEM, SEGUNDO O TARÔ

Acertos:
9: O LOUCO Parabéns! Agora só falta resolver o tique nervoso e parar de piscar no ritmo da programação seqüenciada de "Bizarre Love Triangle"
De 4 a 8: A MORTE Por mais que você saiba sobre este importante grupo, o futuro de todos no efêmero mundo pop é este, querido!
De 0 a 3: O ENFORCADO Ian Curtis sabe disso muito bem. O New Order pode muito bem viver e desenvolver uma carreira de sucesso sem você.

Respostas: 1-d, 2-c, 3-d, 4-b, 5-c, 6-a, 7-e, 8-a, 9-a, 10-d

Stamp RockWear
EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA
RECEBA PELO CORREIO
Tel. 011-2997344
Fax 011-2995456
e-mail: stamp@uol.com.br

SPECIAL SPECIAL SPECIAL
01 a 03 camisetas: R$ 19,50
04 ou mais camisetas: R$ 17,50
DESCONTO PARA REVENDEDORES!
MALHA 100% ALGODÃO TAMANHOS P,M,G

COMO COMPRAR
OPÇÃO 1: PAGAR AO RETIRAR
Você receberá um aviso de correio para retirar e pagar seu pedido na agência mais próxima de sua casa.
Nesta opção o frete será pago pelo cliente.
O valor do frete varia de acordo com o peso da encomenda e o local de entrega.
OPÇÃO 2: PAGAMENTO ANTECIPADO
Enviando junto com o seu pedido cheque nominal à STAMP ROCKWEAR, você recebe a encomenda em sua casa. Nesta opção o frete é GRÁTIS.

Envie o cupom abaixo para STAMP ROCKWEAR Rua Heliodora, 321 02022-051 São Paulo SP
Sim, desejo receber a seguinte encomenda.
OPÇÃO 1 ☐ OPÇÃO 2 ☐ SB:157

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME
END
CEP CID EST
TEL ASSINATURA
BANDA FAVORITA

Good Riddance
(Time Of Your Life)

(Billie Joe Armstrong/Green Day)

Another turning point, a fork stuck in the road
Time grabs you by the wrist, directs you where to go
So make the best of this test, and don't ask why
It's not a question, but a lesson learned in time
It's something unpredictable, but in the end is right
I hope you had the time of your life

So take the photographs, and still frames in your mind
Hang it on shelf of good health and good time
Tattoos of memories and dead skin on trial
For what it's worth, it was worth all the while
I hope you had the time of your life

Green Day

CHEGA À MATURIDADE COM BALADA QUASE EXISTENCIAL

Bons Ventos O Levem
(Grande Momento De Sua Vida)

Mais um momento de decisão, uma bifurcação no meio da estrada
O tempo te agarra pela mão, te mostra a direção
Então aproveite este teste, e não pergunte o porquê
Não é uma interrogação, mas uma lição aprendida a seu tempo
É algo imprevisível, mas no fim está certo
Espero que você tenha tido o grande momento de sua vida

Então pegue as fotografias e as polaróides de sua mente
Coloque-as na prateleira da boa saúde e dos bons momentos
Tatuagens de memórias e pele morta sob julgamento
No que interessa, valeu do começo ao fim
Espero que você tenha tido o grande momento de sua vida

© Green Daze Music - Direitos cedidos para o Brasil a Warner Chappell Edições Musicais Ltda.

Se a essa altura "Good Riddance (Time Of Your Life)" ainda não se tornou a música mais popular do Green Day, no mínimo é a que foi ouvida pelo maior número de pessoas. O trio californiano vem expandindo o público conquistado com seus cinco CDs graças à exposição que a canção, um dos destaques do álbum *Nimrod*, ganhou em dois seriados americanos. Além de ser executada por duas vezes em *Plantão Médico*, a mensagem de otimismo e esperança de crescimento pessoal composta pelo cantor e guitarrista Billie Joe foi escolhida pelos produtores de *Seinfeld* como a trilha sonora ideal para um clipe com os melhores momentos da série exibido no último episódio – o que garantiu ao Green Day uma das maiores audiências de toda a história da TV americana.

Jerry Seinfeld

Billie Joe: os punks também são sensíveis

CLOSE-UP
PLANET
www.closeup.com.br
RIO 20, 21 DIAS
21:30H
SP 22 DIA
ESTACIONAMENTO DO SAMBÓDROMO
AMANHÃ 16:00H
prodigy
Racionais
marcelo d2
nação zumbi
PLANET
FOLHA
TRITON
Ford Ka

ONZE PERGUNTAS

JAMES HETFIELD

PAI HÁ DOIS MESES, O GUITARRISTA DO METALLICA PROMETE VOLTAR AO BRASIL EM 1999, TOCANDO PESADO COMO DE COSTUME

por ISABEL FLORES

Como está sendo a experiência de ser pai?
O nascimento da minha filha foi o momento mais intenso que eu já vivi. Cali nasceu no dia 11 de junho – o nome dela é uma homenagem ao Estado da Califórnia.

Você filmou o parto da menina?
Não, mas eu estava lá ajudando, empurrando. Cortei até o cordão umbilical! Você tem de entender que eu sou um caçador. Estou acostumado a ver sangue de animais, então deu para enfrentar.

O que muda na vida de um pai roqueiro?
Antes tinha de haver silêncio no estúdio, tipo "por favor, estamos gravando, mantenha as crianças fora..." Agora, quanto mais crianças, melhor. Vamos sentir na pele o mesmo que o nosso produtor, Bob Rock, sente: ele tem sete filhos e é um tal de a filha entrar no meio do solo de guitarra.

Mais adiante do início em turnê. Qual o repertório dos novos shows do Metallica?
Temos tantas canções que fica difícil escolher o que tocar. Mas há algumas que não podem ficar de fora, como "One". A nossa turnê atual também privilegia músicas mais antigas.

Quais as chances de esta excursão passar pelo Brasil?
A agenda deste ano está lotada, é bem capaz que a gente toque no Brasil em 1999. Estamos loucos para voltar, nossos fãs são muito... intensos. Eis uma boa palavra para defini-los.

Quem ouve o Metallica hoje em dia?
Hoje não existe o típico fã do Metallica. Antigamente eles poderiam ser descritos como de cabelos longos e sujos, usando jaquetas de couro. Agora que tocamos diferentes estilos de música, tem gente que gosta da parte melódica do Metallica; outros preferem as coisas mais pesadas. Enfim, acho que há uma combinação de gostos e estilos.

Há diversos sites sobre o Metallica na Internet. Como vocês se relacionam com eles?
As vezes organizamos entrevistas pela Internet e temos a Met On Tour, página com fotos da turnê, bastidores e entrevistas, que é constantemente atualizada. De vez em quando, entro em salas de bate-papo. Mas ninguém acredita quando me apresento como James Hetfield. Sempre recebo um "que legal, eu sou Papai Noel!" como resposta.

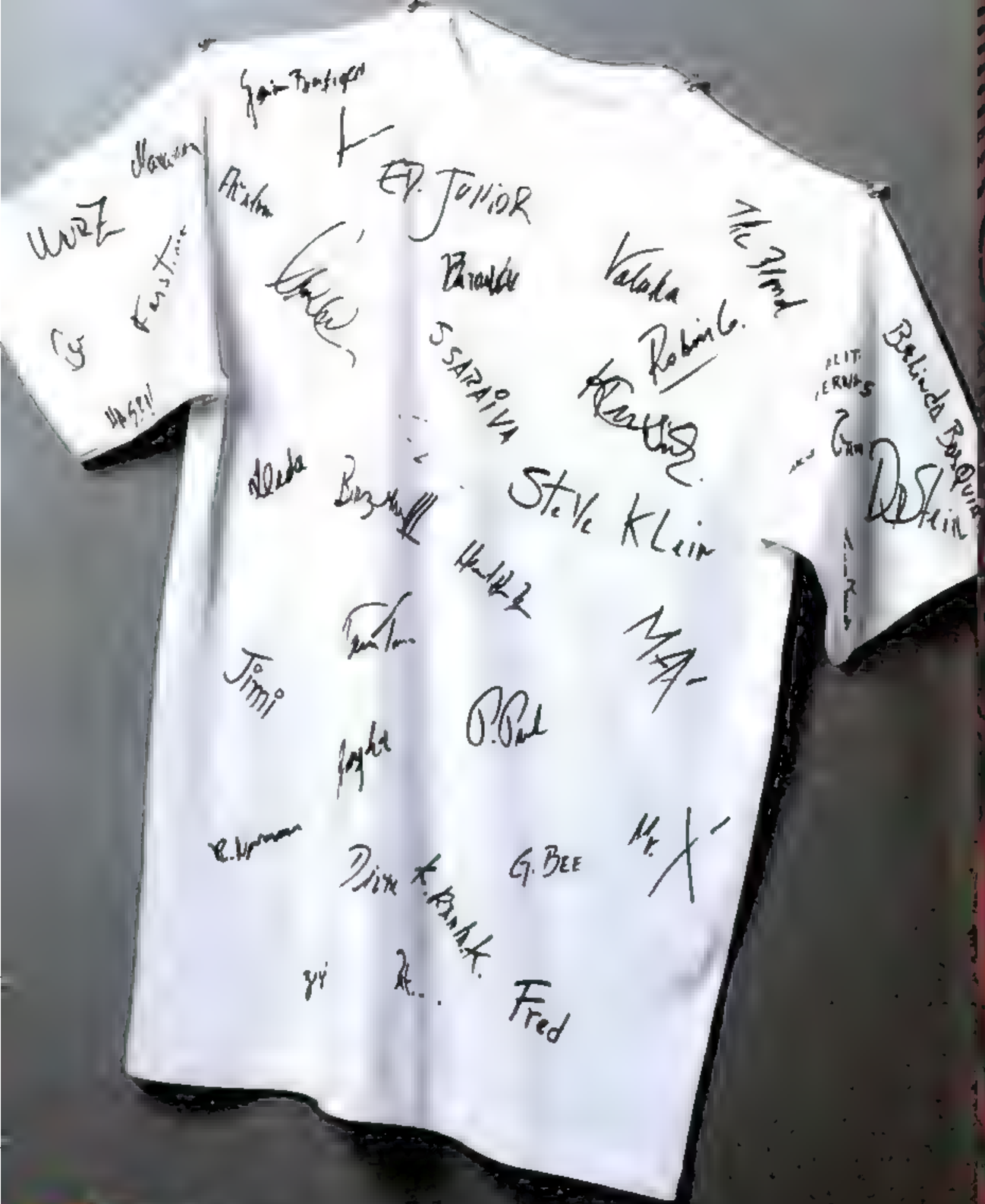
Os dois últimos discos do Metallica, *Load* (1996) e *ReLoad* (1997), foram bastante criticados. A imprensa os acusou de amansarem seu som para vender mais. Como isso afetou vocês?
Cinco anos haviam se passado desde o trabalho anterior (Metallica, *de 1991*) e ninguém tinha muita ideia do que estávamos fazendo musicalmente. A gente viu isso como ignorância de parte da mídia. Esperamos a onda baixar para então voltar aos palcos e mostrar que o Metallica não mudou coisa nenhuma.

A crítica incomodou?
As pessoas que lêem as críticas e acreditam cegamente incomodam muito mais. Todo mundo tem o direito de expressar sua opinião, mas não se deve acreditar em tudo que é publicado – você tem de tirar suas próprias conclusões. De qualquer forma, é melhor que falem mal, mas que falem de mim.

Jason Newsted *(baixista)* é superamigo do pessoal do Sepultura. Você tem amizade com alguém da banda brasileira?
Conheço os caras, acho todos legais. Sei que o Max lançou o Soulfly e estávamos pensando em chamá-lo para excursionar com a gente. Eu amei *Roots*, o último álbum do Sepultura. Adoro som tribal, adoro percussão.

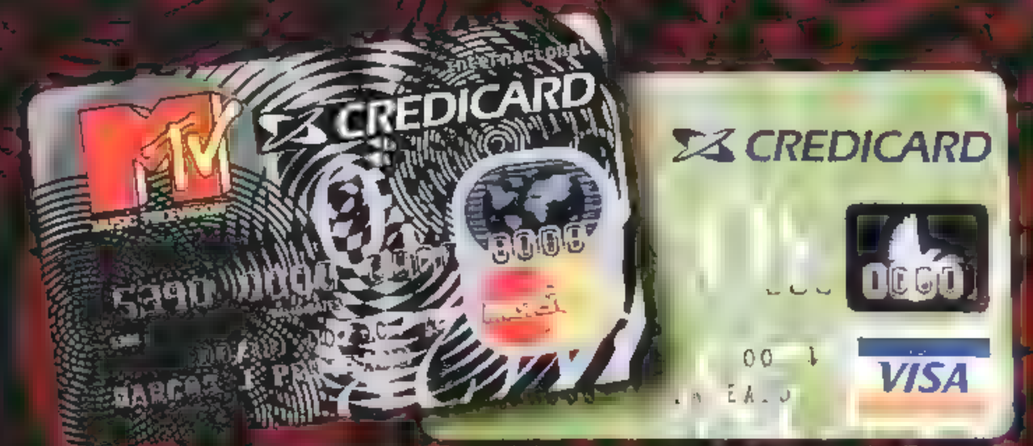
Foi divulgado que vocês iriam lançar uma compilação de lados B de singles. Como está o projeto?
Você deve estar falando de *Garage Days Revisited*. Ele foi lançado há algum tempo, mas tivemos de recolhê-lo porque rolou muita pirataria. A nossa intenção é relançar este disco, com algumas covers – que serão gravadas em setembro.

"Confira o Metallica ao vivo e comprove: não mudamos coisa nenhuma"



MTV Credicard.
O cartão pra quem tem cara de quem não tem cartão.

MTV CREDICARD. O ÚNICO CARTÃO ONDE VOCÊ ACUMULA PONTOS E AUTÓGRAFOS.



MTV Credicard. O primeiro cartão de crédito feito pra quem tem a partir de 14 anos.

Usando seu MTV Credicard com muita atitude e garra, você ingressa em balde a mais chances de curtir o MTV Video Music Brasil na faixa com a galera da MTV. MTV Credicard é o primeiro cartão de crédito feito pra quem tem a partir de 14 anos. E você ainda fica sócio do MTV Club.

0800 15 0505

um clube de vantagens que transforma suas compras em prêmios. Quanto mais você usa seu MTV Credicard, mais pontos você acumula para trocar por produtos exclusivos da MTV (camisetas, bonés, CDs e ingressos para shows) ou por Credicard Cash back, um crédito em dinheiro na sua fatura para usar em qualquer estabelecimento filiado. Peça para os seus pais ligarem e pedirem o seu MTV Credicard. 0800-150505.

Ao Vivo

SEGUUURA, TITÃ!

AS FAIXAS DE *VOLUME DOIS*

"É Preciso Saber Viver", de Roberto e Erasmo, com vocais de apoio da Fat Family, já está nas FMs. Mas *Volume Dois*, o sucessor de *Acustico*, sai só em setembro. O repertório inclui ainda as inéditas "Caras Como Eu" (de Toni Bellotto), "Amanhã Não Se Sabe" (Sérgio Britto), "Eu E Ela" e "Sua Impossível Chance" (Nando Reis), "Senhora E Senhor" (de Paulo Miklos, Marcelo Fromer e Arnaldo Antunes), "Era Uma Vez" (de Britto, Fromer, Branco Mello, Antunes e Bellotto), o samba "Seu Delegado", de Germano Mathias, fundido a "Eu Não Agüento", e releituras de "Desordem", "Insensível", "Miséria", "Sonífera Ilha", "Toda Cor", "Lugar Nenhum", "Domingo" e "Não Vou Me Adaptar".

TITÃS
São João da Boa Vista (SP)

Aqui, numa das regiões onde o Brasil mais cresce, realiza-se a 25ª Exposição Agropecuária Industrial e Comercial. Um megaevento que dura duas semanas e inclui, além de desfiles de mangas-largas e rodeios, shows de Zezé Di Camargo & Luciano, Cheiro De Amor, So Pra Contrariar... Naquela noite, porém, entre cavalos de 200 mil dólares, vacas premiadas e destemidos peões, a maior atração é: Titãs.

Segundo Branco Mello, a cada quatro shows da turnê *Acustico*, um acontece no interior de São Paulo. "O circuito de rodeios nos dá a impressão de estar numa eterna Barretos (*cidade paulista conhecida pela Festa do Peão Boiadeiro*)", compara. Paulo Miklos endossa: "É o que possibilita o contato do público de São João e arredores com o *Acustico*. Saber que a gente ajuda a mobilizar uma região e um prazer".

Os odores pouco nobres, naturais num evento com tantos animais, ampliaram o concerto titânico de elegância. "Tocamos de terno e gravata sentindo o cheiro de esterco", explicou Branco, ao jornal carioca *O Globo*. Trailers vendem finos artigos em couro e belos chapéus de caubói. Uma fileira de barracas fornece quitutes e bebidas derruba-peão, mas há também um restaurante "importado" da cidade (a feira fica afastada do centro) que serve uma sangrenta picanha. Saindo do local, por trás, dá-se de cara com pacatas vaquinhas de olhar manso e a carne pode pesar no estômago.

Enquanto o locutor Asa Branca narra as peripécias dos peões, os seis titãs (Marcelo Fromer comentava a Copa do Mundo em Paris) atendem fãs e tiram fotos no trailer atrás do palco. "A produção destes eventos é sempre perfeita, não tem erro. É fantástico tocar para tanta gente!", elogia Toni Bellotto, antes mesmo de saber que o show seria assistido por 17,5 mil pessoas – platéia maior que a dos cantores sertanejos Daniel e Leandro (com a comoção pela morte de Leonardo e tudo).

Charles Gavin dá a volta no trailer para admirar os cavalos, que, depois da apresentação, são conduzidos para uma espécie de estábulo ao ar livre. "Aprendi a montar em fazenda e já frequentei até leilão de cavalo árabe... sem dinheiro, claro. Da outra vez só não comprei um manga-larga porque não tenho onde deixá-lo. Mas um dia ainda tenho o meu".

Fim do rodeio, o público invade a arena e os Titãs o palco. Sem Urubinha, sem Marcelo Fromer e com uma seção de cordas bem menor que a usada nos shows de lançamento de *Acustico*, o som pode não ser igual. Mas a banda compensa na vibração. Paulo Miklos, com óculos em forma de bandeira brasileira, levanta a massa já no princípio de "Comida".

Na platéia, Antonio Canteli, 22 anos, e Ricardo Bidute, 21, montadores de cavalo e de boi, respectivamente, e estudantes de Agronomia, se divertiam após o trabalho no rodeio: "Gostamos de Titãs, mas preferimos Leandro & Leonardo". Os dois eram exceções abstêmias num mar de gente pra lá do terceiro quintão. A feira pode ser agropecuária, mas o álcool é consumido em quantidades industriais.

Animadíssima, a estudante Camila Bertoli, 17 anos, ex-Garota Verão de Poços de Caldas (MG), atual Rainha do Rodeio de Araras (SP), faz questão de mostrar o chapéu autografado por Marco Brasi. Quem? "Como você não conhece um dos maiores locutores do Brasil?", reage Camila, também interrada sobre a atração da noite. "Ih, já assisti a tanto show dos Titãs, eles estão sempre por aqui".

Charles Gavin aplaudiu publicamente a atuação da corporação após o sequestro de sua namorada Mariana Roquette-Pinto, no Rio, mas "Polícia" continua no show. Por falar nela, durante "Go Back", uma ocorrência... Sérgio Britto descobre, ao ser quase atingido por latas de cerveja (não se bebia só quentão), que a lei da selva não vigora só nos grandes centros urbanos. Foi obrigado a repreender o público: "Amiguinho, filho da p"... Estupidez, ignorância e violência gratuita. Nem quem gosta de punk e funk faz isso".

Em seguida, o sucesso "Pra Dizer Adeus" põe tudo nos eixos. "Flores" encerra. As luzes se apagam e a banda entra na van rumo a São Paulo. Mas a noite de São João está longe de terminar.

Leticia Calmon

Os odores caem de comerciais; os peões que preferem Leandro & Leonardo; a Camila, Rainha do Rodeio de Araras (com um amigo); "Ih, os Titãs estão sempre aqui!"

TÚNEL DO TEMPO METÁLICO

OZZFEST
Matawan (EUA) 5/07

Cansado de ver shows ruins, Ozzy Osbourne resolveu organizar uma megaturnê própria, convidando amigos e suas bandas prediletas. O resultado é o Ozzfest, maratona de heavy metal que se tornou uma das maiores atrações do verão americano e que pode chegar ao Brasil em novembro. Este ano, além de Ozzy, foram escalados Tool, Megadeth, Motorhead, Soulfly e uma dúzia de bandas menos conhecidas, como Coal Chamber, Sevendust, Life Of Agony, Incubus, Kilgore, Melvins e Limp Bizkit. Doze horas de metal para derreter qualquer tímpano.

Desta vez não houve show em Nova York. Os metaleiros locais tiveram de se deslocar 70 quilômetros de trem até Matawan, uma cidadezinha tranquila em New Jersey. O percurso foi memorável: sempre bem-humorados, os fãs passaram a viagem toda cantando "Crazy Train" ("Trem Maluco", sucesso de Ozzy) e improvisando um *mosh* (os pulos tradicionais do público de shows de metal) dentro do vagão. O verdadeiro expresso para o inferno.

Para ter uma idéia do que é um evento desses em Matawan, é preciso conhecer uma particularidade sobre os subúrbios de New Jersey: são lugares parados no tempo, onde o metal reina entre os adolescentes, como no começo dos anos 80. As mentes ostentam permanentes que não desmancham nem com tufão e os caubóis ainda se cumprimentam fazendo o sinal do demo, levantando os dedos mínimo e o indicador. Lá, Ozzy e Deus Ganharia qualquer eleição para governador, seguido de perto por outro ex-vocalista do Black Sabbath: Ronnie James Dio.

Os termômetros marcavam 35 graus, mas os metaleiros não abriram mão das camisas pretas. Alguns, mais ortodoxos, tiraram da gaveta braceletes de pontas de aço – prontamente confiscados pela segurança do estádio. Dentro do PC Bank Arts Center, um bizarro complexo em forma de disco voador, mais de 17 mil metaleiros faziam aquilo que metaleiros sempre fazem: balançavam a cabeça, socavam o ar e bebiam muita cerveja.

Nada era capaz de desanimar a legião do metal: nem as filas para comprar o combustível de cevada (espera média de uma hora) nem a mesmice das bandas. Só mesmo um especialista conseguiria discernir entre Kilgore, Coal Chamber, System Of A Down e Incubus. Em vez de misturar bandas de estilos diferentes, como havia feito na parte européia da turnê, quando até o Foo Fighters tocou, Ozzy resolveu fazer um festival 100% metal. Como a maioria dos grupos novos faz um som muito parecido – mistura de rock industrial com heavy metal –, parecia que era a mesma banda tocando por seis horas seguidas.

As coisas só mudaram durante o show do Soulfly. A primeira surpresa foi ver um grupo de capoeiristas no palco. Entre os lutadores-dançarinos, ninguém menos que Supla, de camisa da seleção e mandando uns bons pontapés. É impressionante como o Soulfly é melhor que a maioria dos grupos atuais. No meio de toda a barulheira, a banda tem um sangue que poucos possuem. As múltiplas influências que vão do hardcore ao som industrial e incluem muita percussão e música brasileira, fazem do Soulfly uma anomalia dentro da cena metálica. Ao vivo, Max arrepia. Mandou um "f*"-se o Hootie and the Blowfish, que levantou a galera, e emendou com duas músicas do Sepultura: "Refuse/Resist" e "Attitude". Era o primeiro show importante do Soulfly nos EUA, mas a química entre os integrantes estava perfeita.

Nem havia escurecido quando entrou o Megadeth. O cantor/guitarrista Dave Mustaine e seus assecias fazem a mesma cara de mau e tocam o mesmo metal requentado de dez anos atrás. Não dá. Metaleiro, afinal, é que nem requeijão: passou do prazo de validade, estraga. E a validade do Megadeth expirou lá por 1991. Quando Mustaine começou a cantar uma versão tenebrosa de "Anarchy In The UK", hino punk dos Sex Pistols, muitos *headbangers* correram ao segundo palco para ver o Motorhead.

Que alívio. O baixista Lemmy apareceu com uma garrafa de Jack Daniel's e já chegou mandando brasa: "Nós somos o Motorhead e vamos botar pra f...". Foi exatamente o que eles fizeram. Os pulos da galera levantaram um poeirão medonho. Não dava para ver nada. Lemmy, o guitarrista Wurzel e o baterista Mickey Dee tocaram clássicos como "Stay Clean", "Ace Of Spades" e "Overkill", e mostraram que a vaidade do Motorhead ainda está longe de expirar.

Depois do massacre veio o Tool, talvez a banda mais chata do planeta. Toca, basicamente, rock progressivo com passagens de metal brega. Assistir a quinze minutos dessa desgraça é mais tedioso que ler as obras completas de José Sarney. O mau humor desapareceu assim que começou o show de Ozzy. Ele mandou instalar oito hidrantes no palco e descarregou um caminhão-pipa inteiro no público. Não ficou ninguém seco. Para completar o trote, Ozzy armou-se com uma mangueira e terminou de molhar quem ainda não estava completamente ensopado. Muito bacana.

O show foi aquela coisa de sempre: antigos sucessos do Black Sabbath ("War Pigs", "Paranoid", "Iron Man") misturados com hits da carreira solo ("Crazy Train", "Suicide Solution", "Bark At The Moon"). A galera gostou especialmente das baladas-metal, como "No More Tears" e "Goodbye To Romance". Fechando os *headbangers* acendem isqueiros e balançando os braços. Prova de que em New Jersey, os metaleiros também amam. *André Barcinski*

Aromas cariocas

O Rock In Rio de 1985 ficou para sempre na memória de Ozzy Osbourne. "Não havia banheiros suficientes, todo mundo fazia o que tinha de fazer onde estivesse. Depois de uma semana, o cheiro ficou insuportável. Quando entrei no palco e senti, a fedentina quase me jogou de volta para a Inglaterra", lembrou o cantor, em julho, no jornal inglês *Melody Maker*.

Eddie Vedder tenta em vão animar o público no show do Pearl Jam

Melhor que a platéia

PEARL JAM
Great Western Forum (Los Angeles, EUA), 13/7

Coisas da indústria do rock n'roll: três anos depois de brigar feio com a Ticketmaster, empresa que monopoliza a venda de ingressos dos principais shows do EUA, e fazer o maior barulho sobre isso, o Pearl Jam volta à estrada sob a chancela do ex-desafeto. Talvez essa paz forçada seja um reflexo da famosa instabilidade do mercado americano, hoje dominado por trilhas sonoras (*Cidade Dos Anjos*) e rappers que louvam uma vida de luxo (Puff Daddy). Nesse contexto, o Pearl Jam preferiu voltar a trabalhar com a Ticketmaster a ver sua popularidade despencar.

O que não deu para entender foi o comportamento dos 17 mil fãs que foram conferir a banda. Formavam um oceano sem ondas no estádio, mesmo quando o PJ executava hits famosos, como "Jeremy". A banda sentiu o golpe. Jeff Ament (baixo), Stone Gossard e Mike McCready (guitarras) mais preocupados em não errar em seus instrumentos, não brincaram com a platéia. Eddie Vedder se comunicou pouco com o público. A exceção foi Matt Cameron, o novo batenista (o titular, Jack Irons, está com problemas de saúde), que socou seu instrumento com intensidade.

O Pearl Jam tem a vantagem de ser um dos poucos nomes do rock contemporâneo a possuir hits duradouros. Mesmo que os espectadores do Great Western Forum não tenham sido dos mais animados, o quinteto de Seattle proporciona ao ouvinte a sensação agradável de presenciar ao vivo uma coletânea de sucessos.

Daniel Oliveira

Nervosismo e experiência

TROOPS OF DOOM (SEPULTURA)
House Of Blues (Los Angeles, EUA), 8/07

Vânia Cavalera bem que tentou, mas não conseguiu conter as lágrimas. "Não deu para segurar o choro vendo a banda tocar sem meu Max", desabafou. Exatos um ano e meio depois da saída de seu guitarrista e vocalista, o Sepultura reconstrói a carreira numa apresentação-surpresa na House Of Blues. Sob o nome de Troops Of Doom, o grupo atraiu uma platéia formada por fãs, funcionários de sua gravadora, a Roadrunner, e amigos de outras bandas – havia gente do White Zombie, do Anthrax e do extinto Faith No More.

Desde o início, com "Roots" até o término com "Against" (faixa do mais novo disco do Sepultura, a ser lançado em outubro), ficou claro o contraste entre a experiência de Igor Cavalera, Andreas Kisser e Paulo Jr. e o nervosismo de Derrick "Predador" Greene. O novo vocalista se portou timidamente, deixando a comunicação com o público a cargo de Andreas. Sua performance no palco mais parece com a de um vocalista de rap do que a de cantor de heavy metal. Por outro lado, Greene deu um toque especial ao novo Sepultura. Divide igualmente as atenções do público com o resto da banda. Mais alguns ajustes e o Sepultura tem um grande futuro pela frente.

RADICAIS CENSURA LIVRE

PRODIGY
Hammerstein Ballroom (Nova York), 29/06

Da última vez que vi o Prodigy, a formação não tinha nem guitarrista. No palco, dois cantores – Keith Flint, sósia do Bozo, e o rastafari Maxim Reality – revezavam-se na gritaria enquanto o faz-tudo Liam Howlett, verdadeiro cérebro do grupo, se encarregava de ligar a bateria eletrônica. Foi um porre. Nada contra bases pré-gravadas, mas um instrumentozinho realmente faz falta. Quem quer playback que vá ao karaoke.

Parece que os prodigiosos tomaram jeito: contrataram um batenista, Kieran Pepper, e um novo guitarrista, Gizz Butt, que também toca no grupo punk britânico English Dogs. Howlett não abriu mão das bases pré-gravadas, mas a adição dos dois tornou o show muito melhor.

O Prodigy é um fenômeno: continua atraindo a galera que começou a curtir o grupo no início dos anos 90, quando era apenas mais um nome na avalanche techno inglesa. Arrebanhou também um público via MTV. No Hammerstein Ballroom havia pais acompanhando pimpolhos que não pareciam ter mais de 8 anos de idade. Foi uma celebração techno-punk-metal em censura livre.

Gizz Butt, da banda inglesa English Dogs, dá um toque "humano" ao Prodigy

Por trás do aparente radicalismo do som há uma bem planejada estratégia de marketing. A banda representa o limite mais radical que a MTV e as grandes rádios permitem levar ao grande público. Não adianta Keith Flint e seus amigos fazerem cara de mau ou cantarem sobre os benefícios de "espancar sua vadia" ("Smack My Bitch Up"): o Prodigy não consegue afastar aquela impressão incômoda de que tudo foi pré-planejado para vender. Um Sex Pistols para a geração Gatorade. Nada contra o som é ótimo e a molecada adora.

Musicalmente, o grupo não faz nada que pioneiros do techno-industrial como Killing Joke não tenham feito com mais peso e criatividade. O som do Prodigy é um eficiente punk eletrônico com 100% de teor dançante, ideal para ser apreciado em pistas ou ao vivo. Músicas como "Firestarter", "Breathe" e "Smack My Bitch Up" (todas do bem sucedido álbum *Fat Of The Land*) transformaram o lugar num inferno dançante. Flint e Maxim Reality levantaram a platéia com gritos de guerra irados e têm carisma de sobra. Flint é um grande showman: certa hora, subiu nos ombros de um segurança e foi carregado para o meio do público.

Foi uma catarse coletiva. E vale o ingresso. São quase duas horas de techno, suor e cerveja (ou suco de laranja, dependendo da idade da platéia).

André Barcinski

Keith Flint mostra para as crianças de Nova York o que o Brasil vai ver

Este é o show que você vai ver

Dia 21/8, no Rio, e 22/8, em São Paulo

- "Break And Enter"
- "Funky Shit"
- "Voodoo People"
- "Breathe"
- "Poison"
- "Serial Thrilla"
- "Minefields"
- "Firestarter"
- "Smack My Bitch Up"
- "Fuel My Fire"

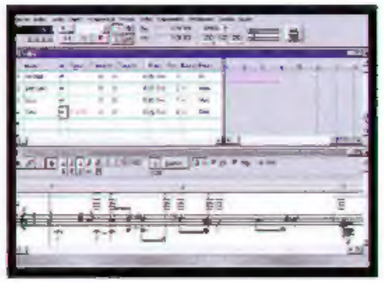
+Bizzes

Duetos de titãs

A trilha do desenho animado **SOUTH PARK** – novo sucesso da TV americana, na linha politicamente incorreta de *Beavis & Butt-Head* – vai proporcionar o encontro entre criador e criatura: Joe Strummer, cantor da instituição punk The Clash, vai dividir os vocais com o trio americano Rancid, que copia sem culpas o grupo inglês. Mas o dueto entre Strummer e Rancid é apenas mais uma das atrações da trilha. Com produção de Rick Rubin, o disco traz duetos das Spice Girls com o cantor e produtor Teddy Riley; e o soulman Isaac Hayes (que empresta seu vozeirão ao mestre-cuca do desenho, Chef, um tipo que só pensa em sexo) se envolve num duelo vocal com D'Angelo. Outros que devem cravar sua participação no disquinho são Lenny Kravitz, Green Day, Primus (autores da música-tema do desenho) e o grupo britânico Blur. *South Park*, que é exibido terças às 21h30 no Multishow, chega à TV aberta brasileira pela MTV somente depois que acabar o horário eleitoral gratuito das próximas eleições.

A trilha do desenho *South Park* tem Spice Girls, Rancid e Isaac Hayes (a voz do Chef)

Monte um estúdio em seu PC



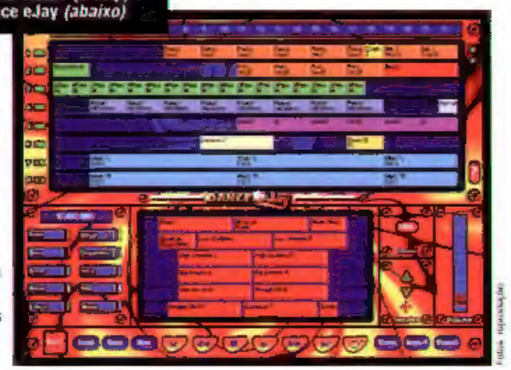
Duas novidades para quem quer fazer música em seu PC acabam de sair no Brasil. O Cakewalk Home Studio 6.0 e o Dance eJay são programas que requerem apenas um PC razoavelmente rápido (Pentium) e uma placa de áudio no computador.

O Cakewalk é bastante difundido no meio musical, sendo utilizado por diversos profissionais. Em sua configuração para uso doméstico, é um estúdio digital de quatro pistas, que permite gravar e mixar sons captados via microfone, de um instrumento MIDI, de um CD ou até mesmo da Internet. Menos complicado que outros programas de música da mesma categoria, o Cakewalk é uma boa ferramenta para começar a mexer para valer com música digital.

O Dance eJay é um gravador e mixer digital de oito canais, com uma interface simples e colorida. Não requer prática ou habilidade: o programa traz muitos samples e efeitos pré-gravados arranjados em "tijolinhos". Basta ir arrastando esses trechos sonoros para as trilhas de áudio para compor uma música. Os exemplos incluídos parecem muito com aquela dance music produzida em massa hoje em dia na Itália, mas o Dance eJay permite adicionar novos samples a partir de CDs ou do site do fabricante.

A MSD Multimídia (tels. 011/5677-7087 e 021/533-3200) distribui os programas com preços sugeridos a 139 reais (Cakewalk Home Studio) e 59 reais (Dance eJay). Mais informações podem ser encontradas nos sites oficiais: www.cakewalk.com e www.ejay.com.

(Marcos Smirkoff)



Abra a sua fábrica de músicas com um computador e os programas Cakewalk Home Studio *(à esq.)* e Dance eJay *(abaixo)*

Dinossauro do tecno

Kevin Saunderson: ressuscitando o Inner City

Quem acompanha a música eletrônica conhece o Inner City, grupo que teve sucessos como "Good Life" e "Big Fun" no fim da década de 80. Ao passar por São Paulo em julho último, onde discotecou no Clube B.A.S.E., o DJ **KEVIN SAUNDERSON** (fundador do grupo, junto com Juan Atkins e Derrick May, e considerado um dos pais do tecno) confirmou a volta do projeto em que dava vazão ao seu lado mais acessível: "Andamos compondo uns lances, sim. Já temos oito faixas bem adiantadas e diria que o disco tem chances de sair até o ano que vem". Casado e pai de dois filhos, Kevin, 34 anos, mora até hoje numa fazenda a uma hora de Detroit, onde tudo começou, em 1981. "Eu e meus amigos testávamos diferentes sons, brincando que seria a música do futuro. Mas tudo não passava de diversão, ninguém tinha idéia do que se tornaria o tecno", conta. Dezessete anos depois, o DJ não economiza na gargalhada quando elege o tecno como a música do século 21: "Qualquer som que seja feito com instrumentos eletrônicos é o futuro. Nos EUA, o termo 'tecno' já está sendo substituído por 'eletrônica'. Mas o que menos importa é o nome!"

(Leticia Caimon)

Túnel do Tempo

Peter Gabriel trocou a carreira de garoto-propaganda pela música

PETER GABRIEL hoje tem a imagem de um senhor responsável, colaborador de causas nobres, como a Anistia Internacional, mas há cerca de 25 anos, quando cantava no Genesis, a única coisa que parecia faltar em seu visual era uma camisa-de-força. Os velhos tempos de Gabriel, Phil Collins, Steve Hackett, Mike Rutherford e Tony Banks estão agora ganhando novos admiradores, por conta de uma caixa com quatro CDs, *Archive 1967-75*, que traz uma versão remasterizada do álbum duplo *The Lamb Lies Down On Broadway*, e gravações inéditas ao vivo de um dos gigantes do rock progressivo.

JOGO RÁPIDO

• **NATALIE MERCHANT** quase se machucou com alguma gravidade quando um fã jogou um buquê de girassóis com muita força em seu rosto durante um show da turnê *Lilith Fair*. Ela não perdeu o bom humor ("doeu demais, mas são lindas") e continuou a cantar.

• Tudo indica que o baterista Josh Freese garantiu mesmo o lugar no **GUNS N' ROSES**: ele já avisou sua antiga banda, Vandals, para procurar um substituto.

• Pouco tempo depois de revelar que estava com câncer no joelho, o baterista Nick Menza decidiu abandonar em definitivo o **MEGADETH**. Jimmy Degazzo, ex-Suicidal Tendencies, assumiu o posto.

• O empresário Roberto Medina anuncia para julho do ano que vem o **ROCK IN RIO FOR A BETTER WORLD**, planejado para acontecer simultaneamente com o terceiro festival de Woodstock.

• O disco que o falecido **MICHAEL HUTCHENCE** gravou com Joe Strummer (ex-Clash), Andy Gill (ex-Gang of Four) e Tim Simenon (Bomb The Bass) não será lançado antes de março do ano que vem por causa de problemas legais relacionados com seu espólio.

• Enquanto isso, os cinco membros restantes do **INXS** vão continuar o trabalho usando o nome que tiveram no começo da carreira: The Farriss Brothers. Kirk Pengilly deve ser o substituto de Hutchence nos vocais.

• Fãs do **BON JOVI** terão que esperar pelo menos mais um ano para comprar qualquer novo disco com material inédito do grupo. O cantor Jon Bon Jovi avisa que já tem prontas doze músicas, mas que nada vai poder ser feito antes do término da turnê solo de Richie Sambora.

• O **DJ HUM** está lançando o LP de vinil *Quebras, Batidas, Efeitos Vol. 1*. Voltado basicamente para DJs, o disco é uma coletânea de trechos extraídos de músicas de mestres do soul, jazz, funk e rock.

• **KURT COBAIN** vai ser tema de um longa-metragem de ficção no ano que vem: *A Leonard Cohen Afterworld*, que está sendo produzido por Scott Rosenburg, enfocará o fim-de-semana de seu funeral.

• Novos discos programados para sair lá fora nos próximos meses: **PJ HARVEY** (*Is This Desire*), **SHERYL CROW** (*Riverwide*), e as coletâneas de **MORRISSEY** (*My Early Burglary Years*), **DEPECHE MODE** (*The Singles 86-'98*) e **FAITH NO MORE** (*Who Cares A Lot?*). Já o **MINISTRY** adiou para o ano que vem o lançamento de *Dark Side Of The Spoon*.

Humberto, Billy e Bruno *(da esq. para a dir.)*: saindo da sombra com o Mizifios

MIZIFIOS DE ALTA-TENSÃO

Novo trio carioca faz um espírito criativo baixar na eletrônica

Kid Abelha, Lobão, Paulo Ricardo, Engenheiros do Hawaii, Paulinho Moska, Leo Jaime... Todos eles estão ou já estiveram envolvidos com um ou mais mizifio. Com letra maiúscula, Mizifios é o nome do grupo que o guitarrista Billy Brandão, o tecladista Humberto Barros e o baixista Bruno Migliari formaram em 1996. Respeitados no meio pop/rock carioca, eles se apresentam ao vivo com outra fera guigueira (a expressão vem do inglês *gig*, show, e serve para designar músicos que alugam seus talentos a vários artistas) convidada, o baterista Marcelo da Costa. Mas o próprio Lobão já se ofereceu para assumir as baquetas dos Mizifios.

Humberto co-produziu o último disco de Lobão e excursiona com o Kid Abelha. Bruno acompanha Paulinho Moska, e Billy (ex-Buana 4) tem tocado com Cris Braun e Orlando Morais. Mas os três fogem do estigma de "banda de músicos" e lembram que, desde moleques, sempre tiveram grupos com trabalho original.

Os Mizifios admiram os trabalhos de Pedro Luis E A Parede e do rapper O Profeta, mas não se identificam com nenhuma geração ou cena carioca. Se vêem mais próximos de Karnak e Pato Fu. Apesar de Humberto fazer questão de lembrar que ouviu muito Made In Brazil (heróico grupo hard rock brasileiro dos anos 70) e da perseguição de certas comparações com Mutantes, o som do trio tem tecnologia de ponta e influências dos modernos Beck e Nine Inch Nails. "Um DJ também gera energia. O êxtase é o mesmo de um show de rock. Nos anos 80, a eletrônica era uma fábrica de açúcar, de glacê. Hoje, é uma forma de soar pesado", teoriza Humberto.

Uma música do CD de estréia deles, *Sexo Competente* , é sucesso na casa de George Israel, saxofonista do Kid Abelha. Mas o disco ainda não saiu, por falta de acordo com a gravadora. Quem quiser conferir ao vivo, porém, pode ligar para Marcia Virginia (021/ 578-1775). Com apuro visual, efeitos e bossas como uma enorme placa de acrílico que distorce os rostos dos Mizifios, a experiência é marcante. "No palco, somos quatro caras sendo exagerados, sem regras e sem freio. Saracoteamos, gostamos de pular", explica Billy. "Temos uma marca pessoal: não soamos como nenhuma outra banda", garante Bruno.

DEMOcracia

Mande suas demos e CDemos para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Se Zé do Caixão cantasse...

Durante o dia, ele é um pacato técnico administrativo do Banco do Brasil. À noite, liberta seu lado soturno e compõe peças como "Matador De Passarinhos", "Derrame" e "Carne Humana", registradas agora no álbum *Skylab*. "O disco tem muita influência de Zé do Caixão e Roger Corman (campeão americano de produções baratas)", confessa ROGÉRIO SKYLAB, 30 anos. Com uma formação de baixo, bateria, guitarras e piano, o CD parece uma versão trash do clássico *Loki?*, de Arnaldo Baptista, jogando no caldeirão samba, rock e música sertaneja. Skylab não nega a fonte: "Dos Mutantes, eu bebi tudo". Robertinho do Recife adotou esse Frankenstein carioca, produzindo e lançando o álbum por seu selo Special. Ele faz as guitarras e divide a autoria dos arranjos com Skylab, autor de versos como: "No Natal meu pai me deu um casal de ratazanas/ Deu também uma lacraia que até hoje me acompanha".
(Danilo Monteiro)

PAPAI-MAMÃE PAULEIRA

Sr. e sra. Flock são imortalizados pelo Jason

Musicalmente, a banda JASON, do Rio de Janeiro, se mistura à já superconcorrida praia do hardcore. É no plano conceitual, porém, que ela se destaca. Seu primeiro CD independente, *Odeia Eu*, merece concorrer a algum prêmio de melhor design de capa. Além das referências a Marisa Monte (no nome do álbum) e Hanson (no logo do grupo), a embalagem do disco faz singela homenagem à família de um dos músicos, o baixista Flavio Flock: capa, contracapa, encarte e rótulo do CD reproduzem dez fotos em preto-e-branco do casamento dos pais de Flock.

RAIO-D

Uma geral nas fitas do selo carioca Midsummer Madness, especializado em bandas que cantam em inglês. Contatos pelo tel.: (021) 542-6180. Na Internet: www.mmrecords.com.br

Banda: PELVS
Idade: 6 anos
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Fita: *Bric-A-Brac Between Aspirins*
Diagnóstico: Os vocais soturnos contrastam com o instrumental simples.

Banda: SUPERBUG
Idade: 3 anos
Origem: Florianópolis, SC
Fita: *Baby, Baby...*
Diagnóstico: A trama de guitarras prima pela crueza, forjando solos hipnóticos.

Banda: FEEDBACK CLUB
Idade: 1 ano
Origem: Florianópolis, SC
Fita: *Eletric Compilation*
Diagnóstico: Sessões de distorção múltipla bem conduzidas e arranjos criativos. O melhor da leva.

Banda: KINETKIT RAVECAMP
Idade: 1 ano
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Fita: *Kinetkit RaveCamp*
Diagnóstico: Vale por uma introdução eletrônica maluca e pela faixa "Ian Sickness", que maltrata o sistema nervoso.

Terceiro Mundo de primeira

O disco dos Paralamas que pôs o rock nacional dos anos 80 no caminho da brasilidade

João Barone, Bi Ribeiro e Herbert Vianna no Bar Memória, no Leblon (Rio), por volta de 1986

SELVAGEM?
Paralamas Do Sucesso

"Alagados" é o melhor exemplo da mudança que os Paralamas do Sucesso prepararam para este disco. A guitarra soa como um estranho casamento da música africana (a ju ju music, praticada por artistas como King Sunny Ade) com o carimbó do Pará e do Amazonas. Na letra, Herbert Vianna trocou os questionamentos pessoais por um retrato realista do drama cotidiano dos milhões de favelados que nos cercam. O restante do disco foi preenchido por uma musicalidade saborosamente brasileira, na contramão das tendências anglo-americanas que reinavam no rock da época.

Depois da consagração no Rock in Rio, em janeiro de 1985, quando 300 mil pessoas cantaram em coro "Óculos" (do álbum *O Passo Do Lui*), seguida de uma centena de shows pelo Brasil, que se estenderam até agosto daquele ano, os Paralamas Do Sucesso perceberam que estava na hora de se reciclar. Em vez de seguir a corrente favorável, os bons ventos que sopravam para seu pop-reggae, resolveram arriscar mais neste seu terceiro trabalho de estúdio. Iniciando uma feliz associação com o produtor Liminha, Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone mostraram a seus contemporâneos que os caminhos para a renovação do pop apontavam mais para a cultura do Terceiro Mundo do que qualquer coisa produzida na Inglaterra e nos EUA.

Até subir ao estúdio carioca Nas Nuvens para gravar este *Selvagem?*, o trio passou quase cinco meses fazendo uma espécie de laboratório. Ensaiando no estúdio Vovó Ondina (o apartamento da avó de Bi, onde o grupo nasceu), eles estavam decididos a encontrar novas soluções para seu som.

A reação à cruel realidade brasileira, que puderam comprovar nas turnês, não se restringiu a "Alagados". Na faixa-título, os Paralamas protestavam contra a débil censura do governo Sarney ao filme *Je Vous Salue Marie*, de Godard, além de enfocar a violência policial e o abandono dos sem-tudo. "A Novidade" marca o início da parceria do trio com Gilberto Gil. "Ô mundo tão desigual/ De um lado este Carnaval/ Do outro a fome total", constatava a letra do baião. Os Paralamas direcionavam suas lentes para o Oriente Médio, em "Teerã", e mergulhavam em constatações existencialistas na faixa "O Homem".

Musicalmente rico, o disco parte do reggae e do dub jamaicanos para oferecer uma bem azeitada salada na qual têm lugar também pop africano, ska, rock e sotaques nordestinos. E fecha com mais um tiro na mosca, chamando pioneiramente a atenção para o soul carioca de Tim Maia (falecido em março deste ano), na recriação da balada "Você".

Antonio Carlos Miguel

"Este é o grande álbum do rock nacional dos anos 80. Principalmente porque traz um gênero jamaicano chamado dub. Os efeitos tirados em estúdio junto com Liminha foram muito bem usados. A música 'Selvagem' é um clássico."
(Falcão, O Rappa)

Performance

Ano de lançamento:
1986 (EMI)
Produção: Liminha
Músicas:
- **"Alagados"**
- **"Teerã"**
- **"A Novidade"**
- **"Melô Do Marinheiro"**
- **"Marujo Dub"**
- **"Selvagem"**
- **"A Dama E O Vagabundo"**
- **"There's A Party"**
- **"O Homem"**
- **"Você"**
- **"Teerã Dub"**

O "selvagem" na capa é o irmão mais moço de Bi Ribeiro, Pedro. No encarte do LP e na contrapa, fotos do habitual clicador dos Paralamas, Maurício Valladares (atualmente diretor-artístico do selo Plug).

Marina Lima
Pierrot do Brasil
"No Brasil tudo acaba em música. Não seria diferente com esse Pierrot apaixonado."
Marina Lima
Pierrot do Brasil
É PolyGram
A Gravadora Nº 1 do Brasil

SONY

CDX-4187

CDX-3167

CDX-4287

Movido A Velocidade Digital Sony

Visite nosso endereço: http://e www.sony.br.sit.com
Atendimento comercial: (011) 3824-4637

Sony Mobile